

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**DIFERENCIAÇÃO RESIDENCIAL
NO CONCELHO DE ALENQUER**

**Dissertação de Mestrado
em Ecologia Humana**

JAIME MANUEL DE ALMEIDA VIEIRA

ÉVORA

1997

Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Bernardo, orientador deste trabalho, pela sua disponibilidade e estímulo, e pelas valiosas orientações sem as quais este não se teria concretizado.

Ao Departamento de Ecologia da Universidade de Évora, pelo apoio prestado durante todo o curso.

Ao Dr. Paulo Conceição, pela recomendação de bibliografia e pela abertura do Departamento de Planeamento da Faculdade de Engenharia do Porto à pesquisa bibliográfica.

Às bibliotecas do Centro de Estudos Geográficos, da Universidade de Lisboa e do Instituto de Ciências Sociais, pelas facilidades concedidas na pesquisa bibliográfica.

A todos, familiares, amigos e colegas que de alguma forma colaboraram e me estimularam a concluir este trabalho.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Identificação do problema 1
- 1.2. Principais opções metodológicas e organização do trabalho 1

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

- 2.1. Em torno do conceito de ecologia 4
- 2.2. Em torno do conceito de ecologia humana 5
- 2.3. Da problemática estudada 8
 - 2.3.1. Da vertente demográfica 9
 - 2.3.2. Da problemática do desenvolvimento 10
 - 2.3.3. Da vertente espacial/territorial 11
 - 2.3.4. Da periurbanização 13
 - 2.3.5. Da diferenciação residencial 14

3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

- 3.1. Considerações metodológicas básicas 17
- 3.2. Da caracterização dos aspectos globais da população 19
- 3.3. Da caracterização da dimensão e da situação habitacional das famílias entre 1981 e 1991 19
- 3.4. Da caracterização da situação da habitação num concelho com base nos dados publicados existentes 20
- 3.5. Das marcas de periurbanização 21
- 3.6. Do tratamento de indicadores em análise de classificação hierárquica 21

4. ANÁLISE DE ASPECTOS GLOBAIS DA POPULAÇÃO

- 4.1. Aspectos gerais do concelho de Alenquer 23
- 4.2. Estado da população do concelho de Alenquer 24
 - 4.2.1. A dimensão demográfica do território em análise 24
 - 4.2.2. As estruturas demográficas 26
 - 4.2.3. Distribuição da população do concelho de Alenquer, por freguesia, em 1991 30
- 4.3. Mudanças na população a nível concelhio: intensidade e direcção 36
 - 4.3.1. Os ritmos de crescimento 36
 - 4.3.2. As estruturas demográficas: grupos funcionais e índices-resumo 37
- 4.4. Mudanças na população a nível de freguesias: intensidade e direcção 41
- 4.5. Marcas de periurbanização 45
- 4.6. Breve síntese 48

5. ANÁLISE DA DIMENSÃO E SITUAÇÃO HABITACIONAL DAS FAMÍLIAS	
5.1. Indicadores de família no concelho de Alenquer em 1981 e 1991	52
5.2. A situação habitacional das famílias - os traços gerais da situação	59
5.3. Breve síntese	61
6. ANÁLISE DA SITUAÇÃO HABITACIONAL	
6.1. Aspectos quantitativos	62
6.2. Aspectos qualitativos	67
6.3. Breve síntese	73
7. DIFERENCIAÇÃO RESIDENCIAL COM BASE EM INDICADORES RELATIVOS A POPULAÇÃO, FAMÍLIAS E HABITAÇÃO	
7.1. Metodologia de análise multivariada	76
7.2. Interpretação de resultados	84
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXOS	95
Anexo A - Distribuição de aglomerados urbanos no concelho de Alenquer, por freguesia, em 1991	96
Anexo B - Estrutura etária, pirâmides de idades e índices-resumo, por freguesia em 1991 e por concelho entre 1960 e 1991	99
Anexo C - Matrizes de dados para o tratamento dos indicadores com métodos de análise multivariada	120

1 - INTRODUÇÃO

1.1. Identificação do problema

Nos últimos anos, a população residente tem diminuído no concelho de Alenquer; no entanto, tem-se verificado um aumento do consumo de espaço para habitação, a par de um aumento do número de famílias residentes. O espaço rural tem sofrido uma urbanização bastante acentuada, ocorrendo uma concentração de população junto aos principais eixos viários e uma diminuição da população nas áreas mais periféricas.

Pretende-se relacionar neste estudo as vertentes demográfica, social e espacial com o fim de identificar factores de diferenciação residencial no concelho de Alenquer.

Para o tentar alcançar, foram levadas a cabo leituras e contactos exploratórios, tendo em vista atingir os seguintes objectivos:

Analisar o estado da população do concelho de Alenquer, por freguesia;

Caracterizar a intensidade e a direcção das mudanças ocorridas a nível demográfico;

Identificar marcas de periurbanização no concelho;

Caracterizar a dimensão e a situação habitacional das famílias;

Identificar as estruturas residenciais do concelho;

Analisar o modelo espacial de diferenciação residencial do concelho.

1.2. Principais opções metodológicas e organização do trabalho

A metodologia usada procurou aproveitar o conjunto de instrumentos de análise disponíveis mas os poucos estudos levados a cabo sobre o concelho obrigaram a fazer

todo um levantamento da situação do ponto de vista da população, da família e da habitação recorrendo à informação estatística oficial.

O presente estudo pretende ser apenas um contributo que sirva de base para futuras abordagens. É neste sentido que se devem encarar as breves sínteses no final de cada capítulo e algumas considerações finais no último.

Procura-se estudar a população na óptica da Ecologia Humana, ver como o sistema-homem e o sistema-ambiente interagem e a urbanização será a alteração do sistema-ambiente que iremos estudar com o objectivo de determinar as estruturas residenciais que definem uma diferenciação residencial do concelho e poderão contribuir para melhor compreender a actual dinâmica demográfica.

No capítulo 2 procede-se ao enquadramento teórico da questão em estudo, abordando em primeiro lugar o conceito de ecologia e as linhas gerais da evolução da ecologia humana, privilegiando os aspectos que mais se relacionam com o presente trabalho. Passaremos depois à revisão bibliográfica dos principais autores que justificam as vertentes escolhidas para abordagem; para não haver uma clivagem entre teoria e prática, reservamos algumas das conclusões mais importantes dos seus trabalhos para ilustração de aspectos detectados ao longo dos capítulos posteriores.

O capítulo 3 refere, de acordo com as questões levantadas, a metodologia seguida para atingir os objectivos propostos em cada uma das partes deste trabalho.

O capítulo 4 trata e analisa a informação recolhida sobre a População do concelho de Alenquer. Aborda em primeiro lugar alguns aspectos gerais de contextualização económico-social do concelho; em seguida é apresentado o estado da população, com a sua dimensão, estruturas e distribuição. São depois analisadas a intensidade e a direcção das mudanças a nível de freguesia. Finalmente discute-se a existência ou não de marcas de periurbanização no concelho.

O capítulo 5 procura caracterizar as mudanças verificadas na dimensão da família e da respectiva situação habitacional entre 1981 e 1991, sendo a ponte com o capítulo 6, onde se analisa a situação habitacional do ponto de vista quantitativo e qualitativo.

O capítulo 7 destina-se a identificar as estruturas de diferenciação residencial no concelho, através de indicadores retidos a nível de freguesia, com utilização de técnicas utilizadas em ecologia humana.

O capítulo 8, Considerações Finais, procura sintetizar os principais aspectos que se destacaram neste estudo e aponta algumas linhas para posterior abordagem.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Em torno do conceito de ecologia

A génese e a evolução da moderna ciência ecológica repercute-se directamente na configuração da sensibilidade ecológica da sociedade (Capella, 1994).

Como refere Capella (1994), num primeiro momento, a ecologia permitiu uma exposição ecofilosófica de corte tecnocrático: o darwinismo social, surgido no ambiente positivista de finais do século XIX, não é mais do que a lei da selecção natural aplicada aos seres humanos, mera consequência como diria Haeckel “da cruel e implacável luta pela existência que reina e tem que reinar na Natureza, desse incessante e inexorável confronto de todos os seres vivos, que faz com que só a minoria seleccionada possa subsistir neste confronto, enquanto a maioria tem que perecer miseravelmente”.

A ecologia científica, desenvolvida entre finais do século XIX e inícios do século XX, com uma forte base biológica deve a Darwin alguns dos seus conceitos básicos: as relações entre os seres vivos, a noção de processo de adaptação e o conceito de meio (Nazareth, 1993). Numa primeira fase a ecologia vegetal desenvolveu-se muito mais rapidamente que a ecologia animal.

Posteriormente, ao alargar-se a ecologia ao estudo das populações humanas (Escola de Chicago) fomentaria pontos de vista biológicos, característicos dos grupos ecologistas radicais.

Apesar de os seus três ramos se terem desenvolvido em momentos distintos - a ecologia vegetal, a ecologia animal e a ecologia humana - esta ecologia geral tem como objecto o estudo das relações entre todas as formas de vida e destas com o meio. De uma perspectiva exclusivamente centrada na biologia, começou a passar-se para a ideia

de ambiente e a ecologia começou a sentir necessidade de especialização (Nazareth, 1993).

Por último, a incorporação de todas as variáveis que intervêm na configuração do comportamento humano daria lugar a uma ecologia humana não reducionista que influiria nas abordagens ecofilosóficas humanistas.

Para Capella (1994), a novidade da ecologia como ciência não é o estudo mas o modo de se aproximar do seu estudo: em vez de considerar a adaptação dos organismos ao meio com o fim de estabelecer uma teoria da selecção natural, a ecologia ocupa-se dos processos pelos quais a selecção se alcança e se mantém.

Apesar da ecologia surgir como a intersecção de três focos científicos - o geográfico, o biológico e o social - o seu desenvolvimento foi mais o de uma ciência biológica que o de uma ciência geográfica ou social. De facto, os seus conceitos fundamentais têm um conteúdo especificamente biológico e posteriormente foram adaptados às ciências mais sociais.

2.2. Em torno do conceito de ecologia humana

O homem pertence a uma espécie biológica bastante particular : entre outros aspectos é dotada de grande mobilidade e encontra-se em toda a parte; é capaz de comunicar com grande eficácia; é capaz de modificar o ambiente natural e de criar um ambiente construído. O equacionamento em termos científicos das relações homem-meio pertence exclusivamente ao século XX. (Nazareth, 1993).

Como Nazareth (1993) refere, em 1911, Thompson lança uma ponte entre a biologia e as ciências sociais, em questões como a competição, a luta pela sobrevivência, a simbiose, a evolução. Em 1921, Barrows liga a ecologia humana à geografia pela

diversidade de comportamentos humanos no espaço; em 1925, Bernard distingue factores psicossociais e biossociais numa classificação de ecossistemas (Nazareth, 1993).

Apesar de ser conhecido um estudo anterior sobre os esquimós, realizado pelo geólogo Ekblaw, a ecologia humana, tal como se concebe actualmente aparece pela primeira vez na obra de Park e Burgess, *An Introduction to the science of sociology*, em 1921 em Chicago, como consequência da transposição da ecologia vegetal e animal para a ecologia urbana (Capella1994).

Em 1936, com o trabalho de Ezra Park, *Human ecology*, cresceu o entusiasmo pela nova área do conhecimento (Nazareth, 1993) e é nesta década que se dá uma primeira afirmação da ecologia humana.

Park e Burgess partem do princípio de que os processos funcionais da comunidade de plantas ou animais são válidos para explicar os da comunidade humana mas a explicação não é dada pelo espaço.

Estes autores distinguem na colectividade humana, dois níveis qualitativamente distintos e portanto susceptíveis de um estudo separado: por um lado, o biológico ou simbiótico, no qual as relações entre os homens e as relações frente ao meio são em grande medida automáticas e manifestam-se sob a forma de cooperação competitiva ou adaptativa; por outro, o cultural, regido e configurado pela razão e pela comunicação, que não condiciona para nada a organização funcional da comunidade.

Estes autores vieram a ser acusados de subestimar a importância do meio físico, concentrando-se apenas no cultural e no social (Nazareth, 1993) e contribuíram para que a ecologia humana fosse vista apenas como uma ciência centrada no estudo dos aspectos distributivos das aglomerações urbanas e rurais (Capella, 1994).

Posteriormente Quinn e Hawley (Capella, 1994) encarregam-se de aplicar esta mesma metodologia à totalidade das comunidades humanas sem ficar limitadas por um

determinado espaço; argumentam que o processo das comunidades animais é puramente biológico, enquanto o do homem é muito mais flexível e refinado, mas não reconhecem entre a ecologia natural e a humana mais que uma diferença quantitativa.

Para Hawley (1991) a ecologia humana tem um enfoque de nível macroscópico para o estudo da organização humana; as principais componentes da análise ecológica são o ecossistema, a população e o ambiente, constituindo entre si uma matriz de interacção que tende a equilibrar-se, em que cada factor se adapta ao outro. O espaço e o tempo são as dimensões que o homem emprega para medir o seu ambiente. A população é só uma das várias dimensões do ecossistema. O ecossistema é uma ordem de dependências mútuas numa população mediante a qual o todo opera como uma unidade.

Para Capella (1994) a definição da ecologia humana não está nitidamente delimitada: por um lado, o conteúdo desta ciência evoluiu muito apesar do seu recente aparecimento (ou precisamente por isso); por outro, tem muitos aspectos comuns com outras ciências: economia, demografia, sociologia e geografia humana; por último, o aparecimento do conceito de ecossistema social contribuiu decisivamente para delimitar o objecto e campo desta ciência.

Após uma relativa indiferença pela problemática da ecologia humana, os anos 70 retomam a visão global inicial , a ecologia humana passa a ser o estudo interdisciplinar das interacções entre o homem e o ambiente, realizado através de uma metodologia sistémica. Há dois sistemas em interacção constante: o sistema-homem e o sistema-ambiente (Nazareth, 1993).

De acordo com Nazareth (com.pess.) na Universidade de Évora em 1995, a ecologia humana é uma área disciplinar em construção. Neste momento é apenas um ponto de vista. O homem está em permanente interacção com o ambiente e os seus

estudos são feitos na lógica de análise de sistemas. A análise deve ser feita numa óptica integrada: em cada área disciplinar procuram-se os pontos mais importantes e faz-se o seu cruzamento para interpenetração de situações; a análise é sequencial mas os pontos de vista não se eliminam. Os problemas são considerados em rede sistémica e a ecologia humana recorre ao auxílio da prospectiva.

2.3. Da problemática estudada

“As condições iniciais são o reino da complicação, do acidente e onde é necessário seleccionar as que estabelecem as condições relevantes dos factos a observar; as leis da natureza são o reino da simplicidade e da regularidade onde é possível observar e medir com rigor.(...) As leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o como funciona das coisas em detrimento de qual o agente ou qual o fim das coisas” (Santos, 1987).

Na profunda transformação do paradigma científico, a ciência vê contestados os pressupostos em que assentava a sua fundamentação (Santos, 1995), emergem novas tendências contraditórias e em estudos recentes (Neves, 1995) apenas se procuram relativizar as capacidades explicativas das leis gerais e uniformizantes, salientando as especificidades das estruturas locais e a relativa autonomia dos agentes.

A velha problemática das relações campo-cidade começa a ser encarada de modo diferente. O impacto das forças que comandam o conjunto da sociedade tende a homogeneizar os meios - os centros das grandes cidades, os subúrbios, as cidades médias, o campo, pelo que faz sentido falar numa sociedade global. A mundialização e o desequilíbrio social apresentam-se num horizonte próximo como determinantes de primeira ordem das mudanças previsíveis na organização territorial. Deverão lançar a

economia e a sociedade na corrida pela competitividade, o que não pode deixar de se traduzir por um reforço das tendências para a concentração (Kayser, 1994).

Estando perante um concelho situado na periferia de Lisboa é de todo o interesse verificar os factores que contribuam para explicar a dinâmica ou as dinâmicas que levam a um diferente padrão de ocupação do espaço.

Para Conceição (1992) o raciocínio organizado em termos de valores absolutos não tem um significado muito relevante, pelo que propõe três indicadores possíveis para medir a dimensão dos territórios: a população, o número de famílias e o parque habitacional existente. O primeiro indicador aparece de forma generalizada em muitos estudos comparados e permite abrir portas para comparações mais vastas; o segundo indicador justifica-se pois as famílias são, geralmente, a unidade de consumo dos alojamentos, permitindo aperfeiçoar as conclusões, no sentido de justificar melhor as alterações socio-demográficas, ligadas à dimensão das famílias; o terceiro indicador constitui um factor importante para compreender o funcionamento dos mercados, através do balanço entre alojamentos novos e alojamentos já existentes. Como o mesmo autor refere (Conceição, 1996) a perspectiva que se centra na família e nas suas condições de habitação é apenas uma das perspectivas possíveis, já que a habitação é também resultado de um processo produtivo, de uma indústria de construção com uma determinada organização, com um “lugar” na economia, com características próprias no seu sistema de emprego.

2.3.1. Da vertente demográfica

Alguns dos desafios com que Portugal se irá defrontar no fim do século (Nazareth, 1988) poderão ajudar-nos na caracterização da realidade que contextualiza as transformações verificadas na região em estudo: declínio generalizado do ritmo de

crescimento natural, aumento generalizado do ritmo de crescimento migratório, reforço das características principais do nosso processo de urbanização (bipolarização, litoralização e urbanização “in situ”), alargamento das bacias de emprego, aumento da procura de espaços para tempos livres.

A compreensão e a análise da vertente demográfica são essenciais para este estudo já que procuraremos estudar a população do concelho de Alenquer na óptica da Ecologia Humana, ver como o sistema-homem e o sistema-ambiente interagem. A urbanização será a alteração do sistema-ambiente (Nazareth, 1996) que iremos abordar neste estudo exploratório.

2.3.2. Da problemática do desenvolvimento

Para Reis (1996) existe um quadro mínimo em que se deve pensar o desenvolvimento local: a existência de limiares de densidade, a instituição de sistemas de inter-relações locais, o desenvolvimento de culturas técnicas e institucionais locais e a capacidade de negociação externa.

Não é qualquer espaço local, em sentido geográfico que pode ser considerado um espaço-território; abaixo de certos limites de população qualquer lógica de desenvolvimento local fica posta em causa. Se o concelho de Alenquer viu diminuir a sua população residente em algumas freguesias entre 1981 e 1991, interessa ver até que ponto em algumas delas não estará a ser posta em causa uma das condições essenciais para o desenvolvimento local: a existência de um mínimo de população que o viabilize. Simultaneamente pode existir um mínimo de população mas que não tenha perfil para viabilizar o território.

O novo modelo de desenvolvimento económico e social deverá resultar de uma política de desenvolvimento de todas as regiões tendo por base a melhor gestão dos

recursos naturais, povoamento harmónico do território incluindo no mesmo contexto as áreas rurais, urbanas e suburbanas, a diversidade da paisagem, a qualidade de vida, o desenvolvimento cultural (Telles, 1987). Detectadas as principais transformações ocorridas entre 1981 e 1991 no concelho cabe neste estudo exploratório verificar se todas as vertentes analisadas apresentam indícios de integração harmoniosa ou se pelo contrário reflectem alguma desigualdade nas transformações espaciais.

No presente estudo poderemos estar em presença de um objecto científico híbrido, que combina processos de socialização e integração social de tipo rural e urbano (Peixoto, 1993). Acredita-se hoje em dia que há poucas razões para que as dinâmicas regionais, económicas ou demográficas diferenciem o rural do urbano (Brun, 1992); a terciarização das economias conduz a uma estrutura de regiões e relações independente da localização dos recursos produtivos. Existem é posições nodais sobre diferentes redes, novas hierarquias urbanas em gestação, fluxos e eixos inter-regionais. O campo é hoje em dia consumido por uma população não agrícola e muitas vezes não rural (Kayser, 1994), sendo visto como um espaço com capacidade para oferecer espaços originais cada vez mais procurados pela sociedade.

2.3.3. Da vertente espacial / territorial

A estrutura espacial está ligada à pluralidade de actores cuja posição social e cultural conduz a práticas sociais antagónicas dentro do mesmo espaço (Gonçalves, 1992), actores com práticas diferentes e com capacidades desiguais de estratégia. O espaço não se reduz à distribuição de objectos com os quais se mantêm relações; ele é um elemento estruturante das relações sociais e das práticas dos actores sociais. As posições desiguais ocupadas pelos actores sociais resultam da conjugação de factores estruturais e de factores culturais. Os factores estruturais estão ligados aos efeitos das

estruturas sociais, aos efeitos do poder de controlo da produção e da apropriação dos recursos decisivos para a realização das práticas sociais. Os factores culturais resultam dos modelos culturais que estruturam uma percepção do que é normal e possível em relação aos diversos actores sociais e em relação às diferentes conjunturas. Poderemos assim estar perante dois modelos: o modelo cultural de harmonia na hierarquia, em que indivíduos e grupos diferentes coexistem, admitindo as diferenças que os separam uns dos outros, sem as procurar negar ou abolir, e este é um modelo característico das sociedades tradicionais onde a lógica da comunhão domina; ou estamos perante o modelo da competição pela igualdade, característico das sociedades industrializadas e tecnológicas, em que há uma coexistência das diferenças, das zonas de conflitualidade e da multiplicação de solidariedades parciais e este é um modelo onde a segregação espacial pode constituir uma estratégia para reduzir as tensões sociais, valorizando os projectos individuais assim como a autonomia em relação ao poder organizador.

Para o mesmo autor (Gonçalves, 1992) há uma diferença na estruturação, percepção e apropriação do espaço para as sociedades tradicionais e as sociedades industrializadas e tecnológicas: as primeiras privilegiam o espaço estrutural, afectivo, ecológico e descontínuo enquanto as segundas privilegiam o espaço objectivo, linear, contínuo, homogéneo e estandardizado. O espaço social constitui um processo complexo de confrontação que envolve a força económica, o poder político e simbólico dos grupos sociais. São nele patentes a reacção dos meios rurais portugueses às transformações conjunturais, à industrialização difusa, à urbanização da sociedade rural, ao impacto das novas tecnologias. A diversidade de definições do espaço rural está associada à diversidade dos seus modos de utilização e à diversidade dos actores sociais e aumenta à medida que o meio rural se transforma, com o declínio da população agrícola, com novas actividades e com novas instituições. Há a coexistência de vários

actores no mesmo espaço e cada actividade tende a transformar o espaço pelo que há que ter em conta as interacções entre os actores resultantes da sua coexistência no mesmo espaço e a modificação nas condições em que se exercem as outras actividades por cada nova actividade introduzida. Devemos analisar o espaço não apenas como espaço físico mas como um espaço utilizado por um actor resultado de várias actividades e de vários grupos.

Mas não se trata só de localizar uma população e verificar a sua distribuição espacial. É necessário relacionar a sua situação com os elementos do meio natural, com os recursos naturais, com as grandes infra-estruturas de comunicação, com o tipo de alojamento (Vinuesa, 1994). O enquadramento territorial deve-se apoiar em princípios teóricos e para este autor o volume dos efectivos de uma população tem de estar em consonância com as capacidades do seu próprio suporte territorial que em cada caso poderá oferecer possibilidades ou estabelecer limites à expansão, de acordo com as suas características topográficas, a sua qualidade ambiental, a sua capacidade de crescimento económico, o equipamento escolar ou sanitário. A dinâmica demográfica dá lugar em cada momento a variações no volume da população e pode dizer-se que a um maior ritmo de crescimento pode corresponder com maior probabilidade a desordem urbanística, a baixa qualidade do espaço, a insuficiência de infraestruturas.

2.3.4. Da Periurbanização

A ambiguidade das relações rural/urbano, campo/cidade é cada vez maior pois o campo é cada vez mais um espaço partilhado entre residentes permanentes dos meios rurais e citadinos com segunda residência no meio rural.

O fenómeno da Periurbanização para Gonçalves (1992) não deve ser analisado numa dimensão técnica, definida pela racionalidade económica e pela racionalidade

espacial mas pela relação que os indivíduos mantêm com as suas práticas realmente vividas.

Para Chapius (1995), o espaço periurbano é definido como um espaço meio rural meio urbano, rural pela sua paisagem e pela fraca densidade populacional, devida principalmente à quase exclusividade de habitações individuais. Este autor propõe critérios geográficos, critérios socioprofissionais e critérios espaciais para definir a periurbanização. Como critérios geográficos são apresentados o crescimento da população em pelo menos 25% de uma unidade rural para periurbana em 30 anos. No entanto este critério deve ser utilizado com precaução pois se um balanço migratório positivo pode dar uma ideia de atracção residencial, pode significar ao mesmo tempo uma transferência de população activa a trabalhar fora e a não caracterizar o espaço em causa como estruturalmente periurbano. O critério socioprofissional também não é concludente visto que pressupõe a existência de uma fraca percentagem de activos no sector primário e forte percentagem de activos no sector terciário e por vezes um espaço não periurbano pode apresentar estas características. O critério espacial, com a utilização da densidade populacional com mais de 30 habitantes/km² ou elevadas migrações quotidianas para o trabalho, pode dar-nos alguma informação sobre o carácter periurbano dos espaços. Dão indicação que os espaços em questão são espaços dormitórios, cuja função principal é residencial, existindo por isso uma dissociação trabalho-residência.

2.3.5. Da diferenciação residencial

A questão da habitação é, hoje, um campo de estudo multidisciplinar e de confronto de diversas teorias. Para Guerra (1997) a ecologia humana aborda a questão

do alojamento através dos modelos espaciais de estruturas residenciais com uma maior preocupação pela descrição do que pela interpretação, originando um modelo com dificuldades em interpretar os processos de diferenciação no acesso à habitação, bem como a complexidade e diversidade das suas formas de produção; em contrapartida dá o contributo de sofisticadas técnicas de tratamento na análise da cidade e das áreas sociais através da análise factorial. Joseba (1989) refere que, independentemente do valor da teoria ecológica para explicar o desenvolvimento urbano actual deve salientar-se o empenho sistemático na busca de uma teoria adequada que explique os processos urbanos actuais. Refere o mesmo autor que a denominada análise ecológico-factorial consiste na aplicação de técnicas de análise multivariada para o estudo da diferenciação da população urbana. Trata-se de aplicar as técnicas de análise factorial a um conjunto de variáveis de carácter demográfico, socio-económico ou sobre as características da habitação com o objectivo de explicar o comportamento urbano e a existência de áreas mais ou menos homogéneas baseadas numa série de factores principais. Permitem entender os fenómenos de uma maneira mais global e profunda pelo conhecimento da sua estrutura interna e a simplificação das variáveis, através da sua redução em factores. Os factores resultantes não são mais que dimensões que diferenciam os grupos populacionais mas não devem ser confundidos com causas de diferenciação. Os factores obtidos por esta técnica correspondem apenas a estruturas subjacentes às variáveis incorporadas. Uma teoria de diferenciação residencial que explique quais são as causas que levam os grupos sociais a residir numa zona e não noutra tem de ter em conta os processos de mudança da organização urbana, ver quais são as forças que actuam e modificam tal estrutura urbana e explicar as motivações que levam as pessoas a residir num local e não noutra.

Devido à fragilidade dos modelos de análise sociológica e à multidisciplinaridade do objecto, muitos investigadores vão recorrer à psicologia ambiental e à análise transaccional parte dos seus modelos de análise das formas de uso e de apropriação do alojamento (Guerra, 1997). Uma perspectiva a valorizar são os estudos de satisfação residencial, que permitiriam averiguar com mais rigor a presente situação em estudo.

3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

3.1. Considerações metodológicas básicas

Um dos principais problemas existentes na análise do território é proceder à integração de aspectos básicos que o definem. É difícil precisar quais os aspectos que vão ser determinantes neste processo integrador. Queremos analisar um território em que a população residente diminuiu em 10 anos tendo aumentado o consumo de espaço para construção de habitação. Uma das possibilidades é o estudo da estrutura territorial como método de integração da análise territorial e a utilização da noção de sistema para realizar o processo integrador (Martín, 1996).

A análise estrutural ou análise do sistema baseia-se na concepção de interdependência e inter-relação dialéctica no seio do sistema e substitui a relação causa-efeito do paradigma tradicional.

Para Martín (1996) os traços básicos a destacar na noção de sistema são: a visão global, a inter-relação dialéctica existente entre os distintos elementos, atributos e relações definidas e a historicidade do sistema que num dado momento é explicado pela dinâmica histórica seguida embora o seu estado esteja definido com a sua descrição e das suas inter-relações no momento temporal concreto de referência. Ainda acrescenta que a definição de qualquer sistema particular é arbitrária, já que o mesmo é composto por grupos de sistemas cada um contido dentro de outro maior; e, da mesma forma que é sempre possível ampliar o sistema para alcançar uma perspectiva de visão mais ampla, é também possível reduzir o sistema a uma visão mais restrita.

Estamos perante um território acerca do qual há uma ausência de estudos preliminares que sirvam de base a este pelo que houve a preocupação de com um estudo exploratório recolher e tratar informação passível de constituir base para novos avanços

no conhecimento da problemática territorial. A metodologia aplicada procurou por um lado aproveitar a informação publicada pelo INE e por outro o Plano Director Municipal da Câmara Municipal de Alenquer.

Relativamente às várias fontes teóricas consultadas, pareceu-nos encontrar base para optar pelo tratamento de informação relativa à população residente, à dimensão das famílias e à habitação. O principal suporte teórico-metodológico será referido tanto nesta apresentação como ao longo dos vários capítulos. Embora seja necessária uma sistematização prévia das referências teóricas para não haver uma clivagem entre teoria e prática, procurou-se integrar o esforço de compreensão com os contributos teóricos na leitura dos resultados e ao longo do trabalho.

Procurou-se abordar a população na óptica da ecologia humana, como um conjunto de indivíduos num sistema interdependente de actividades e ter em conta o modo como o sistema-homem e o sistema-ambiente interagem. Desta forma foram sendo introduzidos ao longo do texto aspectos relacionados com as várias interacções referidas.

Após a revisão bibliográfica, identificou-se o problema a estudar, definiram-se os objectivos e seleccionaram-se as técnicas para tratamento da informação recolhida, de acordo com cada uma das vertentes a abordar.

A escassez de tempo obrigou a uma reformulação constante do trabalho e ao abandono de alguns aspectos que só enriqueceriam e clarificariam os resultados que se foram conseguindo.

O trabalho organizou-se em torno de metodologias propostas por autores para caracterizar cada uma das vertentes escolhidas: população, famílias e habitação, com o fim de permitir, numa segunda fase, determinar alguns dos principais factores que possam contribuir para a existência de diferenciação residencial no concelho em estudo.

3.2. Da caracterização dos aspectos globais da população

A caracterização da população é assente na proposta de utilização dos principais métodos e técnicas utilizadas pela análise demográfica (Nazareth, 1996).

Com o seu auxílio procurou-se caracterizar o estado da população do concelho de Alenquer, através de: 1. observação, medição e descrição da sua dimensão (número de habitantes); 2. análise das estruturas demográficas (repartição dos habitantes em subconjuntos específicos: sexo, idade, actividade económica e níveis de instrução); e 3. distribuição da população (repartição no território, por freguesia).

Numa segunda fase procuraram-se identificar as mudanças ocorridas que caracterizam o estado da população, a nível concelhio e por freguesia, qual a intensidade e a direcção dessas mudanças.

Numa terceira fase, e conjuntamente com os principais aspectos relativos às famílias e à habitação procurou-se tratar com análise multivariada, recorrendo a uma técnica de classificação para permitir a proposta de tipos diferenciados de freguesias, e simultaneamente em análise factorial, para tentar encontrar factores de diferenciação residencial.

3.3. Da caracterização da dimensão e da situação habitacional das famílias entre 1981 e 1991

Esta caracterização assentou na necessidade de compreender as alterações no consumo de habitação e como as famílias são a principal unidade de consumo dos alojamentos (Conceição, 1996), construíram-se indicadores simples, quer a nível de concelho, quer a nível de freguesia para permitir identificar as alterações entre 1981 e 1991.

3.4. Da caracterização da situação da habitação num concelho com base nos dados publicados existentes

Esta caracterização é recomendada por Cardoso (1996) para identificar os principais aspectos condicionantes da definição de uma política de habitação concelhia, a constar do respectivo Plano Director Municipal. Recomenda que para melhor interpretar os dados é conveniente uma análise comparada com outros concelhos e com a situação em espaços mais alargados. Optou-se, tal como no que diz respeito às outras variáveis, pelos concelhos limítrofes, e pelas NUT¹s de nível III, envolventes.

Esta caracterização envolve a análise de indicadores respeitantes a aspectos de natureza quantitativa e de natureza qualitativa.

Do ponto de vista quantitativo:

1. utilização do parque: alojamentos de residência habitual, de uso sazonal, com ocupante ausente ou vagos;
2. situações de mau alojamento: barracas, partilha e sobreocupação.

Do ponto de vista qualitativo:

1. a provisão de equipamento básicos: água., electricidade, saneamento. Situação estática e ritmos de provisão;
2. a estrutura etária, que dá indicações indirectas, sobretudo quando cruzada com a forma de propriedade, sobre o estado de conservação;
3. as formas de propriedade;
4. a relação alojamentos/edifícios, importante na determinação da dispersão, que

¹ A partir de 1988, as Estatísticas Demográficas passaram a usar a Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTs). Os dados concelhios, em vez de se agruparem por distritos (como acontecia desde o século XIX) passaram a um agrupamento por NUTs. Exemplos: NUTs I - Continente; NUTs II - Lisboa e Vale do Tejo; NUTs III - Oeste (Nazareth, 1996).

5. está relacionada com a provisão de equipamentos básicos, e do grau de adaptabilidade do parque.

Esta metodologia permite inter-relacionar as três variáveis escolhidas para a análise: população residente, famílias e habitação.

3.5. Das marcas de periurbanização

Com o objectivo de identificar marcas de periurbanização no concelho, seguiu-se a metodologia proposta por Chapius (1995), conjugando os três critérios apresentados: critério demográfico, critério socioprofissional e critério espacial.

Procurou-se ver se e quais as freguesias do concelho que apresentavam marcas de periurbanização.

3.6. Do tratamento de indicadores em análise de classificação hierárquica

Para atingir o objectivo final do trabalho, i.e., conseguir identificar factores de diferenciação residencial, utilizou-se no capítulo 7 uma técnica de análise multivariada.

Esta técnica permite inter-relacionar as três variáveis escolhidas para a análise: população residente, famílias e habitação.

Utilizou-se a classificação (análise hierárquica), seleccionando alguns indicadores que tinham sido tratados e analisados individualmente, nos capítulos 4, 5 e 6.

A escolha dos indicadores resultou de um encontro entre os indicadores recomendados e os disponíveis.

Na análise multivariada podem-se distinguir dois grandes métodos gerais de investigação e estabelecimento de relações entre os elementos da comunidade (Gomes, 1987). São eles, a análise classificatória (“Cluster analysis” ou análise de grupos é uma das designações frequentes na literatura) e análise de ordenação indirecta (métodos de

factorial, importados da Matemática para a Ecologia). No primeiro caso, permitem o agrupamento das freguesias, com base no comportamento dos indicadores escolhidos e a formação de grupos ou classes com características semelhantes, constituindo cada uma delas unidades discretas e abstractas. No segundo, constituem técnicas contínuas de análise em que são definidos espaços multidimensionais a partir de matrizes de proximidade entre os indicadores ou as freguesias, definidos por eixos que pretendem representar direcções de variação da comunidade em estudo.

A análise multivariada teve por base uma matriz de dados, com 18 indicadores, seleccionados de 27 iniciais, que foram correlacionados e tratados no programa STATISTICA para WINDOWS (versão 4.0, 1993)

A análise de classificação hierárquica será desenvolvida no capítulo 7 e constituirá a base para a determinação da existência ou não de diferenciação residencial significativa entre as freguesias do concelho.

4. ANÁLISE DOS ASPECTOS GLOBAIS DA POPULAÇÃO

A compreensão e a análise da vertente demográfica são essenciais para este estudo. A Demografia permite-nos fazer um estudo científico da população (Nazareth, 1996) e será com o seu auxílio que iremos caracterizar em primeiro lugar o estado da população do concelho de Alenquer, através da observação, medição e descrição da sua dimensão (número de habitantes), estrutura (repartição dos habitantes por subconjuntos específicos: sexo, idade, actividade económica e níveis de instrução) e distribuição (repartição no espaço, por freguesia). Em segundo lugar, procuraremos identificar as mudanças ocorridas que caracterizam o estado da população e qual a intensidade e a direcção dessas mudanças. Em terceiro lugar, procuraremos estudar a população, na óptica da Ecologia Humana, como um conjunto de indivíduos num sistema interdependente de actividades. Procuraremos ver como o sistema-homem e o sistema-ambiente interagem. A urbanização será a alteração do sistema-ambiente que iremos estudar, procurando conciliar os comportamentos da biosfera com os comportamentos da biosfera, levando a cabo o tratamento de indicadores em análise multivariada nas várias freguesias do concelho de Alenquer com o objectivo de determinar diferenciados tipos de freguesias.

4.1. Aspectos Gerais do concelho de Alenquer

O concelho de Alenquer pertence à região Oeste (NUTE III), uma das cinco regiões de Lisboa e Vale do Tejo (NUTE II). Pela sua posição geográfica representa uma área de contacto entre a regiões Oeste, Grande Lisboa e Lezíria do Tejo, já que é limitado a norte pelos concelhos de Azambuja (Lezíria do Tejo) e Cadaval (Oeste); a sul pelos de Vila Franca de Xira (Grande Lisboa), Arruda dos Vinhos(Oeste) e Sobral de

Monte Agraço (Oeste), a oeste por Torres Vedras (Oeste) e a este por Azambuja e o rio Tejo. É constituído por dezasseis freguesias: Abrigada, Aldeia Galega da Merceana, Aldeia Gavinha, Cabanas de Torres, Cadafais, Carnota, Carregado, Meca, Olhalvo, Ota, Pereiro de Palhacana, Ribafria, Santo Estêvão, Triana, Ventosa e Vila Verde dos Francos. A sede de concelho, Alenquer, está repartida entre duas freguesias, Santo Estêvão e Triana.

Datam de Dezembro de 1855 (Martins, 1989) os limites geográficos do concelho. No entanto, ocorreram alterações posteriores ao nível das freguesias, que foram dando origem a outras, sendo as mais recentes as de Carregado e Ribafria.

O conjunto de estradas e auto-estradas que servem a região onde se integra o concelho de Alenquer viabilizam uma boa acessibilidade à Área Metropolitana de Lisboa da zona urbana Alenquer/Carregado através do nó viário do Carregado (PDM, 1992).

O concelho é servido por uma rede de estradas e caminhos municipais com uma extensão de 133 km.

Do ponto de vista demográfico e económico, o concelho estrutura-se ao longo do eixo Carregado-Alenquer-Ota, urbanisticamente suportado pelos dois primeiros centros, os únicos com mais de 3000 habitantes. (PDM, 1992)

4.2. Estado da população do concelho de Alenquer

4.2.1. A dimensão demográfica do território em análise

De acordo com os dados do XIII Recenseamento Geral da População (INE, 1991), o concelho de Alenquer apresentava uma população residente de 34 098 habitantes, repartidos pelas 16 freguesias, ocupando uma área de aproximadamente 302 km² (Martins, 1989), correspondente a uma densidade populacional de 113 hab/km².

QUADRO 4.1-Densidade Populacional na região de Lisboa e Vale do Tejo, respectivas NUTES de nível III, e concelhos limítrofes do concelho de Alenquer, em 1991

NUTES	Superfície (km ²)	População (1991)	Densidade Populacional (hab/km ²)
LISBOA E VALE DO TEJO	11927	3292108	276
Oeste	2513	359430	143
Grande Lisboa	1047	1831877	1750
Lezíria do Tejo	4271	232969	55
Alenquer	302	34098	113
Arruda dos Vinhos	78	9364	120
Azambuja	262	19568	75
Cadaval	174	13516	78
Sobral de Monte Agraço	52	7245	139
Torres Vedras	406	67185	165
Vila Franca de Xira	294	103571	352

Fonte: INE (1991); DAVEAU (1995), tratamento próprio

Como se pode verificar pelo Quadro 4.1, o concelho apresenta uma densidade populacional inferior à da região de Lisboa e Vale do Tejo, e também em relação à região Oeste, da qual faz parte. Em relação aos concelhos limítrofes, Alenquer apresenta características idênticas à região Oeste. É notória a densidade populacional inferior em relação a Vila Franca de Xira e à Grande Lisboa. É o terceiro mais povoado em relação aos concelhos envolventes, o quinto em densidade populacional e o segundo em superfície. Apesar de a sua dimensão territorial estar ao nível de um dos maiores concelhos da área envolvente, apresenta uma das densidades populacionais mais baixas. A densidade populacional é no entanto um indicador que deve ser lido com alguma cautela pois valores próximos podem ocultar realidades bastante diferentes, como veremos ao nível de freguesia.

Os valores globais da população traduzem um padrão de povoamento disperso (PDM, 1992). Esta dispersão populacional é ilustrada pelo facto de em 1991, no conjunto dos lugares com mais de 500 residentes, apenas viver 44% do total da



população do concelho; mais de metade da população reside em lugares com menos de 500 habitantes, conforme se pode ver pelo Quadro 4.2.

QUADRO 4.2-Estrutura “urbana” do concelho de Alenquer, em 1991

Dimensão Populacional	Número de lugares	População residente (%)
3000 a 4000 habitantes	2	21.0
1000 a 1500 habitantes	1	3.5
500 a 1000 habitantes	10	19.9
Menos de 500 habitantes	131	49.6
Isolados	--	6.0

Fonte: PDM (1992)

4.2.2. As estruturas demográficas

O concelho registava em 1991 a estrutura etária que se apresenta no Quadro 4.3:

QUADRO 4.3- Estrutura etária da população residente no concelho de Alenquer, em 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	1665	4,9	850	2,5	815	2,4
5-9	2018	5,9	1017	3,0	1001	2,9
10-14	2383	7,0	1256	3,7	1127	3,3
15-19	2591	7,6	1306	3,8	1285	3,8
20-24	2307	6,8	1203	3,5	1104	3,2
25-29	2268	6,7	1122	3,3	1146	3,4
30-34	2287	6,7	1113	3,3	1174	3,4
35-39	2133	6,3	1087	3,2	1046	3,1
40-44	2243	6,6	1099	3,2	1144	3,4
45-49	2048	6,0	974	2,9	1074	3,1
50-54	2169	6,4	1095	3,2	1074	3,1
55-59	2270	6,7	1126	3,3	1144	3,4
60-64	2260	6,6	1082	3,2	1178	3,5
65-69	2034	6,0	976	2,9	1058	3,1
70-74	1469	4,3	700	2,1	769	2,3
75-79	1053	3,1	483	1,4	570	1,7
80-84	605	1,8	226	0,7	379	1,1
85+	295	0,9	84	0,2	211	0,6
Total	34098	100,0	16799	49,3	17299	50,7

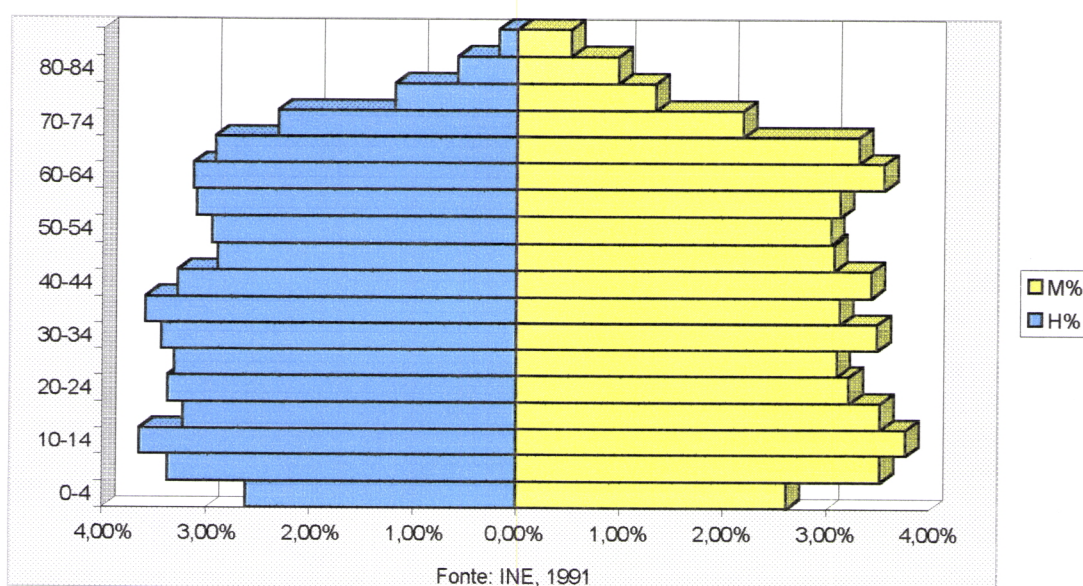
Fonte: INE (1991)

Sintetizando a informação que nos é dada, para ter uma visão rápida da estrutura por sexo e por idade da população do concelho de Alenquer optámos por dividi-la em grupos funcionais (Nazareth, 1996).

Construímos três grupos funcionais, concentrando num reduzido número de grupos a totalidade da informação, e seguindo o critério utilizado pela maior parte das

publicações internacionais, dividimos a população em três grupos funcionais: 0-14 anos; 15-64 anos e 65+ anos. O concelho de Alenquer apresentava a seguinte distribuição: 0-14 (18%); 15-64 (66%) e 65+ (16%). Pela observação simultânea da pirâmide idades (Figura 4.1) podemos afirmar estar perante uma população que apresenta alguns sintomas de envelhecimento, quer pela reduzida percentagem de jovens relativamente aos outros grupos etários, quer pela existência de classes ocas neste primeiro grupo funcional.

Figura 4.1 - Pirâmide de idades do concelho de Alenquer em 1991



Esta pirâmide aproxima-se da pirâmide típica dos países desenvolvidos que se encontram na última fase da transição demográfica em que os níveis de mortalidade e de natalidade são muito baixos, o que implica estarmos perante uma pirâmide com uma base bastante reduzida, pela fraca percentagem de jovens, e o topo empolado, pela elevada percentagem de idosos (Nazareth, 1996).

Em relação à estrutura da população por sexo, verificamos que a pirâmide etária não é simétrica, conforme se pode ver pelo cálculo da relação de masculinidade (Quadro 4.4.).

Há efectivamente, um número mais elevado de homens nas primeiras classes etárias, justificado pelo maior número de nascimentos masculinos. Sabendo que, em média, por cada 100 raparigas, nascem em geral 105 rapazes (Nazareth, 1996), encontramos a explicação para a diferença verificada na estrutura da população no concelho. Sabendo que a mortalidade é mais precoce nos efectivos masculinos, e que a partir dos 30 anos se nota uma maior predominância de mulheres, só poderemos encontrar explicação para as diferenças detectadas através das migrações, um dos outros factores que podem modificar o perfil de uma pirâmide idades.

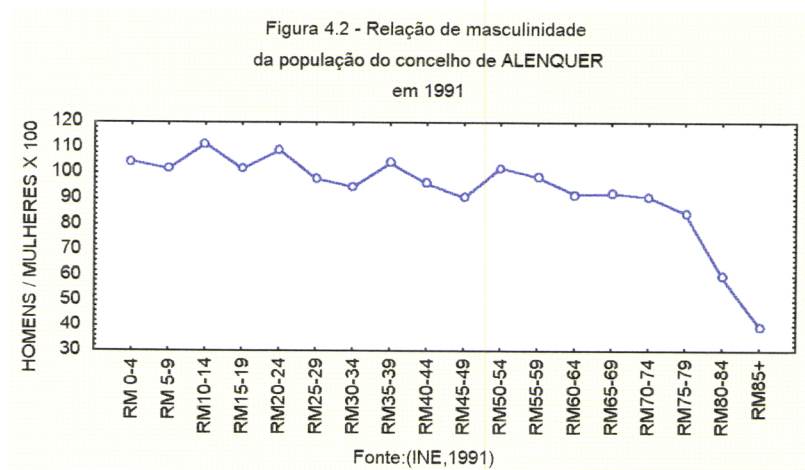
QUADRO 4.4- Relação de masculinidade da população residente do concelho de Alenquer, em 1991

Idades	Relação de masculinidade
0-4	104
5-9	102
10-14	111
15-19	102
20-24	109
25-29	98
30-34	95
35-39	104
40-44	96
45-49	91
50-54	102
55-59	98
60-64	92
65-69	92
70-74	91
75-79	85
80-84	60
85+	40

Fonte: INF (1991), tratamento próprio

Para melhor ilustrar as diferenças encontradas, recorreremos à construção de um gráfico de relações de masculinidade, (Figura 4.2) que serve para mostrar como os efectivos existentes num determinado grupo de idade são partilhados entre o sexo masculino e o sexo feminino. A representação gráfica resulta da divisão dos efectivos

masculinos pelos efectivos femininos, multiplicada por 100, e da sua variação em torno deste valor 100.



Devido ao efeito da sobremortalidade masculina, verifica-se uma diminuição progressiva da relação de masculinidade à medida que avançamos na idade.

Em relação à actividade económica, a população apresentava em 1991 a seguinte distribuição: dos 14339 habitantes com actividade económica (42% do total), 2901 tinham menos de 25 anos e 13552 eram população empregada pelos vários ramos de actividade económica (Quadro 4.5):

QUADRO 4.5- Distribuição da população residente do concelho de Alenquer por sectores de actividade económica, em 1991

Sector primário	%	Sector secundário	%	Sector terciário	%
2128	16	5762	43	5662	42

Fonte: INE (1991), tratamento próprio

Havia um equilíbrio entre o sector secundário e o sector terciário, em termos de emprego, e um fraco peso do sector primário num concelho tradicionalmente rural.

O Quadro 4.6, reparte a população de acordo com o nível de instrução:

QUADRO 4.6- Repartição da população residente do concelho de Alenquer, segundo o nível de instrução em 1991

Analfabetos c/10 + anos	%	Ensino primário	%	Ensino preparatório	%	Ensino secundário	%	Outro ensino	%
4906	15,5	16416	51,8	3955	12,5	5480	17,3	959	3,0

Fonte: INE, 1991

Podemos afirmar que estamos perante uma população residente com um nível de instrução relativamente baixo, visto que mais de 50% apenas tem quatro anos de escolaridade, e, de acordo com o INE (1991), o concelho apresentava uma taxa de analfabetismo de 16,1%.

4.2.3. Distribuição da população do concelho de Alenquer, por freguesia, em 1991

De acordo com os dados do XIII Recenseamento Geral da População (INE, 1991) a população residente distribuía-se por 16 freguesias (Quadro 4.7).

QUADRO 4.7- População residente do concelho de Alenquer, por freguesia em 1991

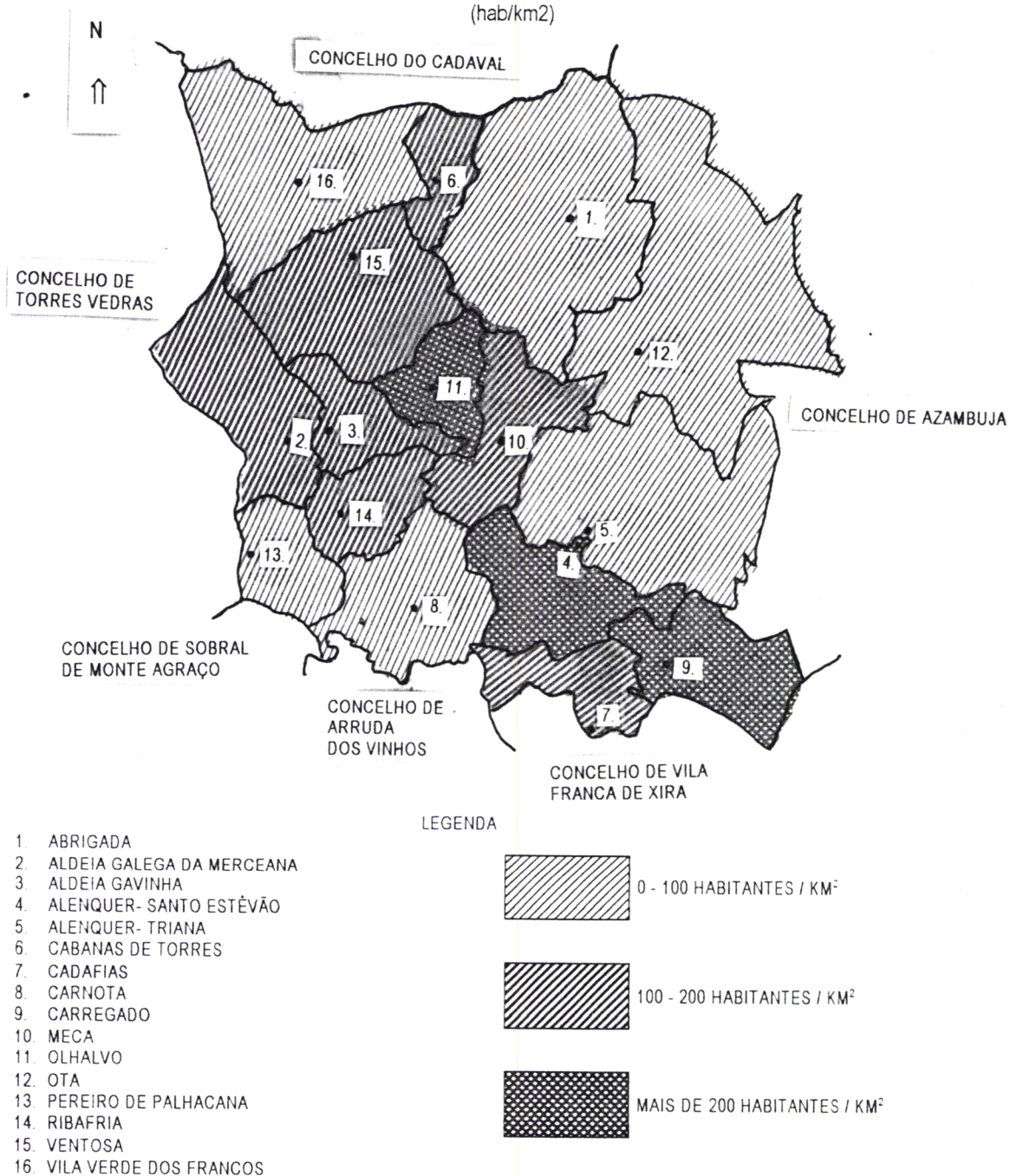
Freguesia	População	Área (km ²)	hab/km ²
ABRIGADA	3291	39,00	84
ALDEIA GALEGA DA MERCEANA	2257	19,00	119
ALDEIA GAVINHA	1211	8,00	151
ALENQUER - SANTO ESTÊVÃO	4383	14,70	298
ALENQUER - TRIANA	2819	33,86	83
CABANAS DE TORRES	1073	6,79	158
CADAFAIS	1558	9,38	166
CARNOTA	1669	18,03	93
CARREGADO	5190	15,28	340
MECA	1842	14,08	131
OLHALVO	1998	8,24	242
OTA	1321	46,35	29
PEREIRO DE PALHACANA	614	9,22	67
RIBAFRIA	1108	9,00	123
VENTOSA	2416	22,10	109
VILA VERDE DOS FRANCOS	1348	28,01	48

Fonte: INE (1991), MARTINS (1989), tratamento próprio

Essa repartição é desigual pelas 16 freguesias, sendo de destacar como as mais populosas, por ordem decrescente, Carregado, Santo Estêvão, Abrigada, Triana, Ventosa e Aldeia Galega da Merceana, todas com mais de 2000 habitantes residentes.

Como se pode ver pela Figura 4.3, estas freguesias ocupam áreas desiguais e as respectivas densidades demográficas denotam uma concentração da população em Santo Estêvão, Carregado e Olhalvo, superior a 200 habitantes/km².

Figura 4.3- Distribuição da População do concelho de Alenquer, por freguesia em 1991 (hab/km²)



Destacam-se assim as freguesias de Carregado e Santo Estêvão como aquelas que mais atraem população, e Pereiro de Palhacana como aquela que regista menores valores de população absoluta e uma das densidades populacionais mais baixas.

Em relação aos grupos funcionais, elas apresentam uma estrutura bastante diferente, em 1991(Quadro 4.8).

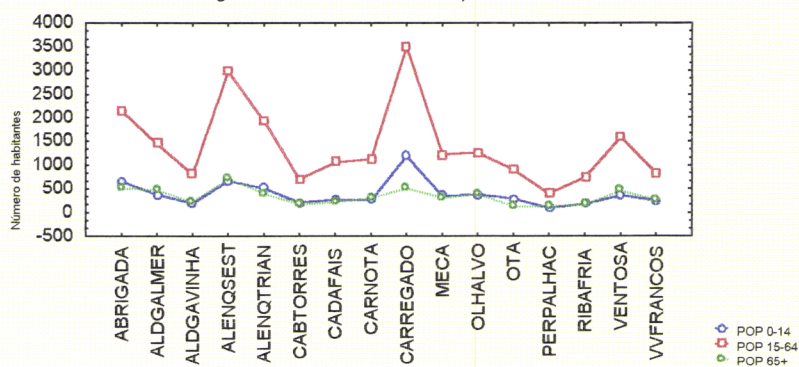
QUADRO 4.8- Grupos funcionais da população residente do concelho de Alenquer, por freguesia em 1991

Freguesia	0-14 anos (%)	15-64anos (%)	65+ anos (%)
ABRIGADA	20	65	15
ALDEIA GALEGA DA MERCEANA	16	63	20
ALDEIA GAVINHA	16	67	17
ALENQUER - SANTO ESTÊVÃO	15	68	17
ALENQUER - TRIANA	18	68	14
CABANAS DE TORRES	18	66	16
CADAFAIS	17	68	15
CARNOTA	15	67	17
CARREGADO	23	67	10
MECA	18	66	16
OLHALVO	18	63	19
OTA	21	69	11
PEREIRO DE PALHACANA	14	63	23
RIBAFRIA	15	67	18
VENTOSA	14	65	20
VILA VERDE DOS FRANCOS	18	62	21

Fonte: INE (1991)

A representação gráfica dos valores absolutos dos três grupos funcionais nas freguesias (Figura 4.4), confirma a tendência revelada pelos valores globais do concelho, em que o peso dos jovens é relativamente diminuto e os adultos apresentam-se como o grupo dominante.

Figura 4.4 - Grupos funcionais, em valores absolutos, das freguesias do concelho de Alenquer em 1991



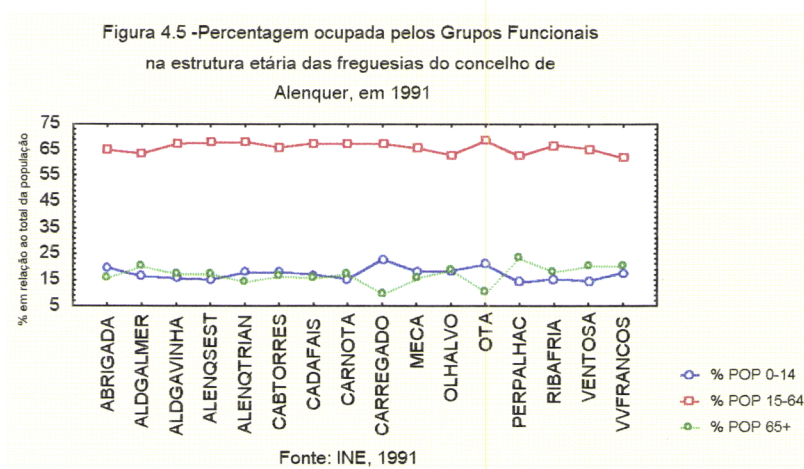
Fonte: INE, 1991

Com efeito, Abrigada, Santo Estêvão, Carregado e Ventosa, destacam-se como as freguesias com maior peso populacional, e com maior peso de activos no concelho.

Carregado é a freguesia que mais se destaca, pelo peso superior que os jovens apresentam em relação aos idosos, e reúne mais condições para revelar um maior dinamismo demográfico.

Percentualmente, esta relação confirma-se e revela com mais intensidade as freguesias onde os jovens têm um peso maior que os idosos (Abrigada, Triana, Cabanas de Torres, Cadafais, Carregado, Meca e Ota), e aquelas onde se verifica o contrário (Aldeia Galega da Merceana, Aldeia Gavinha, Santo Estêvão, Carnota, Olhalvo, Pereiro de Palhacana, Ribafria, Ventosa e Vila Verde dos Francos).

É notório o peso superior dos idosos em relação aos jovens, e podemos desde já afirmar a existência de apenas algumas freguesias, as mais povoadas, com uma estrutura etária menos envelhecida, já que em nenhuma delas os jovens são maioritários em relação aos adultos (Figura 4.5).



Este gráfico permite-nos ainda verificar que o concelho apresenta alguma homogeneidade em relação ao grupo funcional dos 15 aos 64 anos, já que na maioria das freguesias este grupo se encontra próximo dos 65%. Estamos perante uma população maioritariamente adulta, em idade activa.

Em relação à actividade económica, (Quadro 4.9) a população distribuía-se desigualmente pelos três sectores nas 16 freguesias:

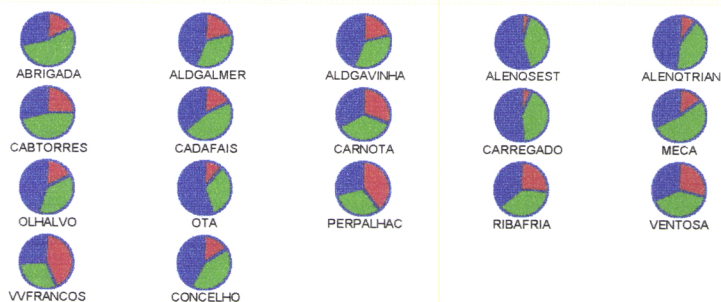
QUADRO 4.9- Distribuição da população residente do concelho de Alenquer, por sectores de actividade económica, por freguesia em 1991

Freguesias	Sector primário	%	Sector secundário	%	Sector terciário	%
Abrigada	221	17	735	55	373	28
Aldeia Galega da .Merceana	184	21	314	36	376	43
Aldeia Gavinha	93	21	157	35	194	44
Alenquer - Santo Estêvão	75	4	718	41	957	55
Alenquer - Triana	116	9	531	43	578	47
Cabanas de Torres	89	25	171	47	102	28
Cadafais	121	17	344	48	254	35
Carnota	188	30	234	38	202	32
Carregado	132	6	1010	43	1193	51
Meca	109	14	407	54	239	32
Olhalvo	121	17	264	38	313	45
Ota	60	11	191	34	306	55
Pereiro de Palhacana	73	39	61	33	53	28
Ribafria	111	26	164	39	149	35
Ventosa	242	29	328	40	259	31
Vila Verde dos Francos	193	44	133	30	114	26

Fonte: INE (1991)

Representando graficamente a informação que nos é dada pelo quadro, obtemos uma visão de conjunto em que o afastamento de algumas freguesias em relação ao total concelhio anteriormente verificado é notório.

Figura 4.6 - Distribuição da população activa no concelho de Alenquer por sectores de actividade económica (primário-vermelho, secundário-verde, terciário-azul) por freguesia, em 1991



Fonte: INE, 1991

Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos eram em 1991 maioritariamente rurais em termos de emprego; Abrigada, Cabanas de Torres, Cadafais, Carnota, Meca,

Ribafria e Ventosa empregavam mais população na indústria; e Aldeia Galega da Merceana, Aldeia Gavinha, Santo Estêvão, Triana, Carregado, Olhalvo e Ota eram maioritariamente terciárias.

Saliente-se no entanto que, das 16 freguesias, apenas 3, as da sede de concelho, Santo Estêvão e Triana, e Carregado apresentavam população activa abaixo dos 10% no sector primário. Em metade das freguesias este sector registava valores superiores a 20%.

Em relação ao nível de instrução, (Quadro 4.10) verificavam-se algumas desigualdades entre as freguesias:

QUADRO 4.10- Distribuição da população residente do concelho de Alenquer, segundo o nível de instrução, por freguesia em 1991

Freguesias	Analfabetos c/10+ anos	%	Ensino primário	%	Ensino preparatório	%	Ensino secundário	%	Outro ensino	%
Abrigada	413	12,5	1672	50,8	459	13,9	441	13,4	65	2,0
Aldeia Galega da Merceana	438	19,4	1133	50,2	202	8,9	304	13,5	46	2,0
Aldeia Gavinha	202	16,7	601	49,2	156	12,9	159	13,1	21	1,7
Alenquer-Santo Estêvão	486	11,1	2032	46,4	449	10,2	932	21,3	228	5,2
Alenquer - Triana	323	11,5	1265	44,9	337	12,0	591	21,0	122	4,3
Cabanas de Torres	145	13,5	604	56,3	121	11,3	103	9,6	11	1,0
Cadafais	208	13,4	739	47,4	205	13,2	247	15,9	48	3,1
Carnota	367	22,0	848	50,8	188	11,3	174	10,4	12	0,7
Carregado	391	7,5	2182	42,0	658	12,7	1199	23,1	257	5,0
Meca	333	18,1	889	48,3	280	15,2	183	9,9	14	0,8
Olhalvo	264	13,2	1054	52,8	218	10,9	286	14,3	39	2,0
Ota	130	9,8	558	42,2	165	12,5	296	22,4	46	3,5
Pereiro de Palhacana	179	29,2	292	47,6	50	8,1	60	9,8	3	0,5
Ribafria	247	22,3	564	50,9	119	10,7	113	10,2	6	0,5
Ventosa	448	18,5	1260	52,2	249	10,3	303	12,5	38	1,6
Vila Verde dos Francos	332	24,6	723	53,6	99	7,3	89	6,6	3	0,2

Fonte: INE(1991)

Salientavam-se como freguesias com menor número de analfabetos com mais de 10 anos, Carregado e Ota, abaixo de 10%, e em relação ao mesmo indicador, com taxas superiores a 20%, Carnota, Pereiro de Palhacana, Ribafria e Vila Verde dos Francos.

Apenas em 4 freguesias, Santo Estêvão, Triana, Carregado e Ota, havia mais de 20% da população com o ensino secundário completo.

4.3. Mudanças na população a nível concelhio: intensidade e direcção

Procuraremos em seguida, verificar as mudanças ocorridas na população entre 1960 e 1991, e tentar perceber qual a sua intensidade e respectiva direcção, tendo em vista estabelecer um conjunto de indicadores demográficos que contribuam para a compreensão do actual processo de consumo de espaço para habitação e simultânea perda de população residente em algumas freguesias do concelho.

Sempre que a informação o permita e se julgue oportuno, este período de análise será alongado no passado, para identificação de possíveis factores de mudança em 1991.

4.3.1. Os ritmos de crescimento

Considerando os valores dos Recenseamentos Gerais da População de 1960, 1970, 1981 e 1991, verificamos que a população residente do concelho de Alenquer tem sofrido algumas variações (Quadro 4.11).

QUADRO 4.11-Evolução da população residente no concelho de Alenquer (1960-1991)

Anos	População residente
1960	34998
1970	32490
1981	34575
1991	34098

Fonte: INE (1960, 1970, 1981, 1991)

Mantendo os mesmos limites geográficos, este concelho revelou nas três décadas anteriores ritmos de crescimento anual médio diferentes e mesmo de sinal contrário (Quadro 4.12). Apenas houve um aumento da população entre 1970 e 1981 com um

ritmo de crescimento anual médio de + 0,58%, contra a diminuição nas décadas de 60, de -0,72% e de -0,14% ao ano, ao longo da década de 80.

QUADRO 4.12-Evolução do ritmo de crescimento anual da população residente no concelho de Alenquer (1960-1991)

Período	Ritmo de crescimento anual
1960-1970	- 0,74%
1970-1981	+ 0,58%
1981-1991	- 0,14%

Fonte: INE (1960, 1970, 1981, 1991)

Estes diferentes ritmos foram calculados, utilizando um de três processos disponíveis: o ritmo de crescimento contínuo, o ritmo de crescimento aritmético e o ritmo de crescimento geométrico. Os valores obtidos, utilizando cada um dos três processos pouco diferiram mas optámos pelo ritmo de crescimento geométrico, utilizando a fórmula $P_n = P_0(1+a)^n$ (Nazareth, 1996), o mais utilizado pela possível aplicação em exercícios de análise prospectiva, em que P_0 é a População do momento inicial em estudo, P_n é a População do momento final, n é o número de anos que medeia entre 0 e n , e a , é a taxa de crescimento médio no período que decorre entre 0 e n .

4.3.2. As estruturas demográficas: grupos funcionais e índices-resumo

Do ponto de vista da análise, as estruturas demográficas são apenas uma subdivisão da população em grupos homogéneos, a partir de determinadas características demográficas (Nazareth, 1996).

Optámos mais uma vez por dividir a população residente em 3 grupos funcionais, e observar a sua evolução ao longo do período que decorre entre 1930 e 1991.

Obtivemos valores que resumimos e tratámos no Quadro 4.13 e na Figura 4.7.

QUADRO 4.13- Evolução dos grupos funcionais do concelho de Alenquer, entre 1930 e 1991

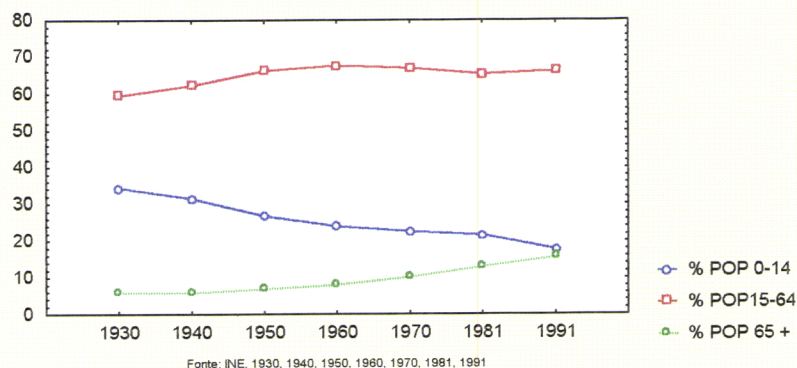
Ano	População Total	Grupo funcional 0-14 anos	%	Grupo funcional 15-64 anos	%	Grupo funcional 65 + anos	%
1930	30484	10417	34	18512	60	1915	6
1940	32406	10203	31	20191	62	2012	6
1950	34431	9257	27	22799	66	2375	7
1960	34998	8448	24	23662	68	2888	8
1970	32490	7355	23	21740	67	3395	10
1981	34575	7477	22	22559	65	4539	13
1991	34098	6066	18	22576	66	5456	16

Fonte: INE (1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1981, 1991), tratamento próprio

É bem marcada a perda de importância dos jovens, a par de uma relativa estabilidade do grupo funcional dos adultos em idade activa e de um peso cada vez maior dos idosos.

Esta tendência é ilustrada na Figura 4.7, onde jovens e idosos tendem a aproximar-se percentualmente, com ritmo de crescimento inverso, e os adultos são maioritariamente predominantes.

Figura 4.7 - Percentagem ocupada pelos Grupos Funcionais na estrutura etária do concelho de Alenquer, entre 1930 e 1991



Para sintetizar a informação recolhida, utilizaram-se índices-resumo (Nazareth, 1996) para o concelho, entre 1930 e 1991, com base nos valores dos Recenseamentos Gerais da População.

Os índices-resumo (Quadro 4.14) serão um dos elementos-chave para esclarecer os aspectos que mais se evidenciam na análise dos ritmos de crescimento e das estruturas demográficas; simultaneamente serviram para levantar algumas questões para esclarecimento posterior neste estudo.

QUADRO 4.14- Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, entre 1930 e 1991

Índices-resumo	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991
1-Percentagem de Jovens	34,2	31,5	26,9	24,1	22,6	21,6	17,8
2-Percentagem de Potencialmente Activos	59,5	62,3	66,2	67,6	66,9	65,2	66,2
3-Percentagem de Idosos	6,3	6,2	6,9	8,3	10,4	13,1	16,0
4-Índice de Juventude	544	507	390	293	217	165	111
5-Índice de Envelhecimento	18	20	26	34	46	61	90
6-Índice de Dependência dos Jovens	57	51	41	36	34	33	27
7-Índice de Dependência dos Idosos	11	10	10	12	16	20	24
8-Índice de Dependência Total	68	60	51	48	49	53	51
9-Índice de Juventude da População Activa	179	184	171	148	112	99	105
10-Índice de Renovação da População Activa	253	240	232	187	116	104	101
11-Índice de Longevidade	30	34	31	31	30	31	36
12-Índice de Maternidade	50,0	42,9	35,3	30,6	30,7	29,4	20,9
13-Índice de Tendência	95	95	99	98	97	86	83
14-Índice de Potencialidade	133	133	131	117	92	95	105

Fonte: INE (1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1981, 1991)

O índice 1, Percentagem de Jovens, que mede a importância da juventude na população é simultaneamente um indicador de medida do envelhecimento demográfico na base da pirâmide de idades; os valores apresentados permitem-nos afirmar que se verifica uma diminuição relativa dos jovens na população total do concelho entre 1930 e 1991, contribuindo para um envelhecimento da população pela base. No entanto, este envelhecimento também se tem verificado pelo topo da pirâmide de idades, já que o índice 3, Percentagem de Idosos, para além de confirmar a crescente importância que os idosos têm tido no concelho, revela ainda um envelhecimento da população pelo topo da pirâmide de idades. Da conjugação destes dois indicadores poderemos afirmar estar perante um duplo envelhecimento da população do concelho de Alenquer.

Os índices 4 e 5, respectivamente, Índice de Juventude e Índice de Envelhecimento, comparam directamente a população jovem com a população idosa e vice-versa; dão-nos uma leitura do tipo “por cada 100 idosos existem x jovens no

concelho” no primeiro caso e “por cada 100 jovens existem x idosos” no segundo. É possível verificar que se regista um duplo envelhecimento na população do concelho, mas o grupo etário dos jovens apresenta um maior contributo que o grupo dos idosos: os jovens têm diminuído mais rapidamente do que têm aumentado os idosos.

Em relação aos adultos, eles têm mantido valores sempre maioritários em relação à população total, registando mesmo um ligeiro aumento de 1981 para 1991, conforme demonstra o índice 2. Em relação aos encargos potenciais que pesam sobre a população activa, os índices 6 e 7 demonstram que o peso potencial dos idosos tem aumentado e o dos jovens diminuído, tendendo para uma distribuição próxima, havendo em 1991, um índice de dependência total, índice 8, próximo de 50, o que significa haver em Alenquer por cada 100 potencialmente activos, um total de 50 jovens e idosos. Analisando os valores desde 1930 poderemos estar perante uma população em que se tem registado uma diminuição significativa da natalidade, a par de um aumento da esperança de vida, reflectindo-se no aumento de idosos, tendo em conta apenas a componente natural para explicar o crescimento da população. O índice 13, Índice de Tendência aponta mesmo para um envelhecimento da população, pois sendo sempre inferior a 100, e diminuindo significativamente nas duas últimas décadas, é claro o processo de envelhecimento da população e de declínio da natalidade.

Todos estes índices apontam para um duplo envelhecimento da população residente, uma fraca natalidade e um aumento do peso dos idosos. No entanto, o índice de juventude da população activa, índice 9, aumentou entre 1981 e 1991, e a explicação para este rejuvenescimento da população activa poderá dever-se à vinda de migrantes em idade activa para o concelho, não necessariamente para trabalhar mas apenas para viver, já que estes dados não nos permitem retirar conclusões acerca do emprego.

A mudança mais significativa parece-nos ser a aproximação percentual entre jovens e idosos no concelho.

4.4. Mudanças na população a nível de freguesias: intensidade e direcção

Para identificar as mudanças a nível demográfico ocorridas nas freguesias do concelho de Alenquer, optámos por complementar a informação estatística fornecida pelos Recenseamentos Gerais da População de 1981 e 1991 com a informação contida no PDM do concelho (PDM, 1992).

Mais do que a variação dos valores totais da população residente entre estes dois períodos nas várias freguesias, interessa-nos saber como ocorreu essa variação nos locais de maior concentração de população em cada uma das freguesias. Simultaneamente esta opção facilita-nos a contabilização da população nos dois períodos já que duas novas freguesias foram criadas entretanto: Carregado e Ribafria.

Utilizando a tipologia indicada no PDM do concelho, vamos analisar a variação da população por freguesia entre 1981 e 1991, nos vários tipos de aglomerados urbanos, tipos A, B e C, onde se concentra a maior parte da população residente do concelho (Quadros 4.15 e 4.16).

De acordo com o PDM (1995), os espaços urbanos, caracterizados pelo elevado nível de infra-estruturação e concentração de edificações, onde o solo se destina predominantemente à construção, constituem-se em aglomerados urbanos consolidados em função da sua origem e evolução:

Aglomerados urbanos de tipo A - são os aglomerados que revelam maior dinamismo económico, com maior crescimento nas últimas décadas, e as sedes de freguesia; existiam 20 nas 16 freguesias e albergavam 15848 dos 34098 residentes em 1991;

Aglomerados urbanos de tipo B - são aglomerados de raiz urbana com ocupação predominantemente habitacional, com uma população residente superior a 100 habitantes; eram 46 no total e correspondiam a 10376 residentes, menos de 1/3 do total;

Aglomerados urbanos de tipo C - correspondem a áreas urbanas consolidadas, com uma população residente inferior a 100 habitantes e no momento da aprovação do PDM (27 de Outubro de 1994) apenas dotadas de parte das infra-estruturas básicas; eram minoritários em termos populacionais e, nas freguesias para as quais existem valores disponíveis, há uma predominância dos lugares que perderam população residente entre 1981 e 1991.

Como se pode observar no Quadro 4.15 o concelho apresentava um total de 172 aglomerados urbanos dos três tipos, predominando largamente os aglomerados urbanos de tipo C, confirmando a existência no território de uma predominância de pequenos lugares, já que estes têm normalmente menos de 100 habitantes :

QUADRO 4.15- Distribuição dos aglomerados urbanos do concelho de Alenquer, por freguesia em 1991

FREGUESIA	Aglomerados urbanos Tipo A	Aglomerados urbanos Tipo B	Aglomerados urbanos Tipo C	Aglomerados urbanos TOTAL
Abrigada	2	3	2	7
Aldeia Galega	2	6	2	10
Aldeia Gavinha	1	3	5	9
Cabanas de Torres	1	1	0	2
Cadafais	2	2	5	9
Carnota	1	3	16	20
Carregado	1	1	3	5
Meca	1	6	8	15
Oihalvo	1	2	5	8
Ota	1	1	4	6
Pereiro de Palhacana	1	1	7	9
Ribafria	1	3	4	8
Santo Estêvão	1	2	19	22
Triana	3	2	9	14
Ventosa	1	7	4	12
Vila Verde Francos	1	3	11	15
ALENQUER-concelho	20	46	99	165

Fonte: PDM (1995), tratamento próprio

No Quadro 4.16 encontramos a variação da população residente, entre 1981 e 1991, nos três tipos de aglomerados urbanos, no território actualmente correspondente às 16 freguesias do concelho.

QUADRO 4.16- Variação da distribuição dos aglomerados urbanos do concelho de Alenquer, por freguesia entre 1981 e 1991

Freguesia	Aglomerados urbanos tipo A			Aglomerados urbanos tipo B			Aglomerados urbanos tipo C		
	1981 P.resid.	1991 P.resid.	Variação (%)	1981 P.resid.	1991 P.resid.	Variação (%)	1981 P.resid.	1991 P.resid.	Variação (%)
Abrigada	2087	1990	-4,6	1068	1064	-0,4	89	100	+11,0
Aldeia Galega	775	639	-17,5	1363	1246	-8,6	34	62	+82,4
Aldeia Gavinha	456	423	-7,2	652	493	-24,4	230	211	-8,3
Cabanas de Torres	646	640	-0,9	436	396	-9,2	-	-	-
Cadafais	796	962	+20,9	422	408	-3,3	n/d	n/d	n/d
Carnota	188	279	+48,4	389	494	+27,0	612	765	+25,0
Carregado	1318	3158	+139,6	282	271	-3,9	180	225	+25,0
Meca	111	102	-8,1	1306	1366	+4,6	181	257	+42,0
Olhalvo	780	784	+0,5	1050	1040	-1,0	157	168	+7,0
Ota	821	826	+0,6	136	155	+14,0	102	87	-14,7
Pereiro de Palhacana	158	141	-10,8	Nd	98	n/d	341	303	-11,1
Ribafria	237	275	+16,0	582	520	-10,7	306	266	-13,1
Santo Estêvão	1391	2898	+108,3	148	266	+79,7	191	143	-25,1
Triana	2554	2038	-20,2	316	229	-27,5	280	201	-28,2
Ventosa	273	246	-9,9	2124	1836	-13,6	278	263	-5,4
Vila Verde Francos	518	447	-13,7	256	494	+93,0	171	186	+8,8
ALENQUER-concelho	13109	15848	+20,9	-	10376	-	-	-	-

Fonte: INE(1981, 1991), PDM (1992, 1995), tratamento próprio

Verifica-se que os maiores aumentos de população residente ocorreram nos aglomerados urbanos de tipo A, principalmente no Carregado e na sede de concelho, em Santo Estêvão, em +140% e +108%, respectivamente; nestas, há uma tendência para a concentração de população. Em 9 freguesias houve uma variação negativa entre 1981 e 1991.

Nos aglomerados urbanos de tipo B, esta variação negativa verificou-se em 10 freguesias.

Os aglomerados urbanos de tipo C, áreas urbanas consolidadas com menos de 100 habitantes são aqueles que aumentaram em mais freguesias e na maior parte dos casos, freguesias que em termos globais perderam população residente.

Para completar esta informação, calcularam-se alguns dos índices-resumo que tínhamos calculado para o concelho, apenas para 1991 (Quadro 4.17).

QUADRO 4.17- Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, por freguesia em 1991

Índices Resumo em 1991, por freguesia	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Abrigada	126	79	30	24	54	106	101	76
Aldeia Galega	80	125	26	32	58	95	76	79
Aldeia Gavinha	90	111	23	26	49	92	84	104
Alenquer-Sto. Estêvão	87	115	22	25	47	94	91	94
Alenquer-Triana	126	79	26	21	47	107	110	71
Cabanas de Torres	110	91	27	25	52	102	106	97
Cadafais	109	92	25	23	48	113	118	81
Carnota	88	114	23	26	48	84	71	73
Carregado	232	43	34	15	49	154	198	85
Meca	114	88	28	24	52	110	100	99
Olhalvo	99	101	29	30	59	100	101	73
Ota	195	51	30	16	46	131	137	97
Pereiro de Palhacana	60	167	22	38	60	78	47	113
Ribafria	84	118	23	27	50	92	80	68
Ventosa	71	141	22	31	53	86	73	64
Vila Verde dos Francos	86	117	29	33	62	90	65	83
Concelho de Alenquer	111	90	27	24	51	105	101	83

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

O quadro dá-nos alguma informação sobre as estruturas demográficas por freguesia e as tendências nelas verificadas. O Índice de Juventude e o Índice de Envelhecimento permitem-nos dividir o concelho em duas tendências demográficas distintas: em 7 freguesias (Abrigada, Triana, Cabanas de Torres, Cadafais, Carregado, Meca e Ota) por cada 100 idosos existem mais de 100 jovens, destacando-se o Carregado com 232 e Ota com 195; por outro lado nas restantes 9 freguesias os idosos ultrapassam largamente os jovens, destacando-se Pereiro de Palhacana, Ventosa e Aldeia Galega da Merceana, respectivamente com 167, 141 e 125 idosos por cada 100 jovens. O Índice de Dependência Total revela em todas as freguesias que por cada 100 potencialmente activos existem um peso aproximado de jovens e idosos. É o Carregado

que se destaca como a freguesia com um índice de Juventude da população activa mais elevado, assim como o índice de renovação da mesma.

4.5. Marcas de periurbanização no concelho de Alenquer

No eixo Alenquer-Carregado registou-se o maior aumento de população entre 1981 e 1991, em oposição à perda de habitantes em quase todas as outras freguesias.

Segundo um inquérito realizado pela equipa do PDM (PDM, 1992) a mais de 9000 indivíduos, concluíram que em 1991 trabalhavam fora do concelho 29% dos activos residentes, dos quais 80% na AML, principalmente em Vila Franca de Xira e Lisboa. Nos dois principais centros empregadores do concelho, Alenquer e Carregado havia mais população a deslocar-se diariamente para a AML do que a trabalhar no concelho.

A questão que se coloca é saber até que ponto não haverá marcas de periurbanização nesta área do concelho, onde contrariamente à tendência geral a população aumenta, é mais jovem, mais instruída e tem ocupação predominante nos sectores secundário e terciário.

Chapius (1995) definiu critérios para a atribuição da designação de periurbana a uma área: o critério demográfico, o critério socioprofissional e o critério espacial. Alenquer poderá revelar algumas marcas de periurbanização, conjugando os vários critérios estabelecidos por este autor.

De acordo com o critério demográfico, os espaços periurbanos são definidos pelo aumento de população em pelo menos 25% em 30 anos. Salvaguardando o facto de estarmos perante um concelho que sofreu entretanto divisão territorial para mais duas freguesias, podemos encontrar no Quadro 4.18 alguns indícios de periurbanização.

Quadro 4.18- Crescimento da população residente por freguesia no concelho de Alenquer, entre 1960 e 1991

Freguesia	População residente em 1960	População residente em 1991	Varição da População entre 1960 e 1991 (%)
ABRIGADA	3184	3291	+3,4
ALD.GALEGA DA MERCEANA	2991	2257	-24,5
ALDEIA GAVINHA	1547	1211	-21,7
ALENQUER-STO ESTÊVÃO	4626	4383	-5,3
ALENQUER-TRIANA	3647	2819	-22,7
CABANAS DE TORRES	1296	1073	-17,2
CADAF AIS	2437	1558	-36,1
CARNOTA	1920	1669	-13,1
CARREGADO	(1656)	5190	+213,4
MECA	2168	1842	-15,0
OLHALVO	2200	1998	-9,2
OTA	1390	1321	-5,0
PEREIRO DE PALHACANA	2333	614	-73,7
RIBAFRIA	(1081)	1108	+2,5
VENTOSA	3305	2416	-26,9
VILA VERDE DOS FRANCOS	1954	1348	-31,0
CONCELHO DE ALENQUER	34998	34098	2,6

Fonte INE (1960, 1991), tratamento próprio

Pelo critério demográfico em 1991 apenas o Carregado mostrava marcas de periurbanização.

De acordo com o critério socioprofissional, constante do Quadro 4.19 apenas três freguesias cumprem este critério: apresentam menos de 10% de população activa no sector primário e mais de 50% no sector terciário: Santo Estêvão, Triana e Carregado.

Quadro 4.19 - Percentagem da População Activa ocupada nos sectores primário e terciário nas freguesias do concelho de Alenquer, em 1991

Freguesia	Sector primário (%)	Sector terciário (%)
ABRIGADA	17	28
ALD.GALEGA DA MERCEANA	21	43
ALDEIA GAVINHA	21	44
ALENQUER-STO ESTÊVÃO	4	55
ALENQUER-TRIANA	9	47
CABANAS DE TORRES	25	28
CADAF AIS	17	35
CARNOTA	30	32
CARREGADO	6	51
MECA	14	32
OLHALVO	17	45
OTA	11	55
PEREIRO DE PALHACANA	39	28
RIBAFRIA	26	35
VENTOSA	29	31
VILA VERDE DOS FRANCOS	44	26
CONCELHO DE ALENQUER	16	42

Fonte INE (1960, 1991)

O terceiro critério, o critério espacial, que recorre à densidade populacional e estabelece os 30 habitantes/km² ou as elevadas migrações quotidianas para o trabalho dá-nos a indicação que a freguesia do Carregado, com a maior densidade populacional do concelho, 340 hab/km², pode estar a começar a reforçar o seu papel de desconcentração da função residencial da AML, dada a sua localização e de acordo com os critérios definidos poderá ser considerada periurbana.

Poderemos estar em presença de uma unidade territorial cuja função principal é a função residencial e estarem separadas as funções residência/emprego nesta freguesia.

A proximidade e expansão da Área Metropolitana de Lisboa apontam para um aumento dos efeitos da periurbanização que o concelho está a sofrer e, neste momento, uma actualização estatística deveria confirmar esta tendência.

A valorização das vantagens comparativas do espaço rural, integradas no potencial considerável que as periferias podem oferecer (Kayser, 1994) poderão estar a ser postas em causa, visto o próprio espaço rural estar a diminuir. O espaço rural pode oferecer vários atractivos : disponibilidade de espaço (que a mobilidade generalizada tem permitido uma gradual dissociação do local de trabalho/residência), um ambiente diferente, a possibilidade de colocar em harmonia os desejos pessoais com a vida social. Se o concelho assiste a um aumento de periurbanização pode estar a oferecer habitação mas simultaneamente pode comprometer os atractivos do espaço periurbano.

Há necessidade de verificar como é que esta área, que vê aumentar a sua população residente, está a alojar os seus habitantes.

4.6. Breve síntese

Sintetizando, podemos reter que o concelho de Alenquer apresenta os seguintes aspectos em relação à primeira das variáveis em análise, a POPULAÇÃO RESIDENTE:

4.6.1. O concelho

- a) é um território que apresenta um volume de população diminuto, no contexto geográfico em que se insere;
- b) os valores globais da população traduzem um padrão de povoamento disperso, sendo Alenquer e Carregado os únicos centros com mais de 3000 habitantes;
- c) a estrutura etária revela um duplo envelhecimento da população, quer pela perda de jovens quer pelo aumento de idosos;
- d) a estrutura etária revela ainda uma população maioritariamente adulta e sinais de migrações para o concelho neste grupo funcional;
- e) o número de jovens tem diminuído mais rapidamente que o aumento de idosos;
- f) a população ocupa-se maioritariamente nos sectores secundário e terciário, tendo o sector primário um peso diminuto;
- g) é uma população com um nível de instrução predominantemente baixo.

4.6.2. As freguesias

- a) destacam-se pelo maior peso populacional e de activos Carregado, Santo Estêvão e Abridada;
- b) destacam-se as freguesias com maior peso populacional como aquelas com mais activos;
- c) as mais povoadas apresentam uma estrutura etária menos envelhecida e emprego maioritariamente secundário e terciário;

- d) os maiores aumentos de população residente entre 1981 e 1991 ocorreram nos aglomerados urbanos de tipo A, principalmente no Carregado e na sede de concelho;
- e) registaram-se também aumentos demográficos nos aglomerados urbanos de tipo C em 7 freguesias, maioritariamente naquelas que em termos globais perderam população entre 1981 e 1991;
- f) em 9 das 16 freguesias do concelho a população residente diminuiu no mesmo período;
- g) o Carregado é uma freguesia onde se podem notar marcas de periurbanização e é do ponto de vista demográfico aquela onde se identificam dinâmicas diferentes das restantes .

5. ANÁLISE DA DIMENSÃO E SITUAÇÃO HABITACIONAL DAS FAMÍLIAS NO CONCELHO DE ALENQUER ENTRE 1981 E 1991

A compreensão e a análise da dimensão das famílias cabe neste estudo pela necessidade que temos de explicar não só os comportamentos individuais mas também aqueles que são tomados no seio dos vários grupos a que os indivíduos pertencem.

Se o principal problema para a diminuição da população residente constituiu a quebra da natalidade, vamos tentar perceber como tem evoluído a família no concelho de Alenquer e qual o seu papel na dinâmica do consumo de espaço verificado.

As famílias são a principal unidade de consumo dos alojamentos (Conceição, 1996) e o estudo da sua dimensão permite aperfeiçoar as conclusões e justificar melhor as alterações socio-demográficas. Como o mesmo autor refere esta perspectiva que se centra na família e nas suas condições de habitação é apenas uma das perspectivas possíveis, já que a habitação é também resultado de um processo produtivo, de uma indústria de construção com uma determinada organização, com um “lugar” na economia, com características próprias no seu sistema de emprego.

A família permite constituir grupos homogéneos e definidos, com o fim de dispor de elementos básicos para a comparação e análise da população assim como relacionar os indivíduos com os diversos grupos a que podem pertencer (Vinuesa, 1994) e o seu estudo permite entender determinados processos ou acontecimentos demográficos como a fecundidade ou as migrações.

Das várias definições de família existentes, vamos optar por aquela que nos é dada no XIII Recenseamento Geral da População (INE, 1991) onde recolhemos a informação a tratar e relacionar com o consumo de habitação: a família clássica, que é o conjunto de pessoas que vivem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco

(de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se, também, como família clássica qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.

Apesar de este estudo não incidir fundamentalmente sobre a família, é importante referir que desde há alguns anos se tornou patente que não existe um modelo único de família moderna (Bandeira, 1996) e que nos últimos 25 anos a morfologia das estruturas familiares se alterou: diminuiu o peso da família conjugal com filhos, para aumentar o peso das pessoas isoladas e das famílias em que os filhos vivem apenas com um dos progenitores, as famílias monoparentais. Em Portugal, nos anos 80, aumentou a proporção das famílias nucleares, sendo raras as famílias extensas (Fonseca, 1996); paralelamente acentuou-se a tendência para uma definição de família progressivamente menos fixa e de menor dimensão, a dimensão média familiar diminuiu especialmente em Portugal Continental, sobretudo à custa do declínio das famílias mais numerosas, com seis e mais pessoas.

Estas alterações poderão em parte justificar o aumento do consumo de habitação sem contudo haver um aumento de população. Estamos em presença de um concelho que apesar de ter registado uma diminuição da sua população residente entre 1981 e 1991, viu aumentar tanto o número de famílias clássicas residentes como o número de alojamentos clássicos (Quadro 5.1).

QUADRO 5.1- Variação da população residente, famílias clássicas e alojamentos no concelho de Alenquer entre 1981 e 1991

Variação da População residente			Variação do número de famílias clássicas			Variação do número de alojamentos clássicos		
1981	1991	Var. %	1981	1991	Var. %	1981	1991	Var. %
34575	34098	-1,4	11367	11724	+3,1	13550	15588	+15,0

Fonte: INE(1981,1991), tratamento próprio

É no entanto de notar que o aumento de alojamentos foi largamente superior ao aumento de famílias, o que será objecto de análise posterior.

5.1. Indicadores de família no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Para esclarecer algumas das interrogações que estão na base deste estudo consultaram-se os dados sobre família do XII e XIII Recenseamento Geral da População (INE, 1981 e 1991).

Verificou-se que em 1991, 90% das 11724 famílias do concelho têm até 4 membros, sendo predominantes as famílias com 2 e 3 pessoas (29,8% e 24,9% respectivamente) (Quadro 5.2). Entre 1981 e 1991 houve uma alteração na dimensão da família já que se verificou uma diminuição das famílias com mais de 4 pessoas e um aumento das famílias com menos de 4 membros.

QUADRO 5.2- Famílias clássicas, segundo a dimensão no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Número de pessoas que constituem a família	Número de famílias		%	
	1981	1991	1981	1991
Com 1	1341	1648	12,6	14,1
Com 2	3224	3496	28,4	29,8
Com 3	2808	2916	24,7	24,9
Com 4	2351	2496	20,7	21,3
Com 5	926	756	8,1	6,4
Com 6	422	280	3,7	2,4
Com 7	136	85	1,2	0,7
Com 8	40	27	0,3	0,2
Com 9	19	11	0,2	0,1
Com 10 ou mais	10	9	0,1	0,1
TOTAL	11367	11724	100,0	100,0

Fonte: INE (1991), tratamento próprio

Em 1991 o tipo de família predominante, cerca de 47%, é a família com um núcleo, casal com filhos (Quadro 5.3), logo seguida de casal sem filhos. A família monoparental tem uma expressão bastante mais acentuada no tipo mãe com filhos, (3,8%), correspondente a 446 famílias, do que no tipo pai com filhos, que apenas se verifica em 79 famílias (0,67%).

Esta forma de família abrange cerca de 5% das famílias do concelho.

QUADRO 5.3- Famílias clássicas, segundo o tipo de família no concelho de Alenquer em 1991

Tipo de família		Número de famílias	%
Sem núcleo		1835	15,65
Com 1 núcleo	Casal sem Filhos	3312	28,25
	Casal com Filhos	5507	46,97
	Pai com Filhos	79	0,67
	Mãe com Filhos	446	3,80
	Avós com Netos	80	0,68
	Avô com Netos	2	0,02
	Avó com Netos	27	0,23
Com 2 núcleos		420	3,58
Com 3 ou mais núcleos		16	0,14
TOTAL		11724	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

Mais de 50% da população do concelho vive em famílias clássicas, cujo representante tem entre 35 e 59 anos(Quadro 5.4).

QUADRO 5.4- Pessoas a viver em família clássica, pela classe etária do representante da família no concelho de Alenquer em 1991

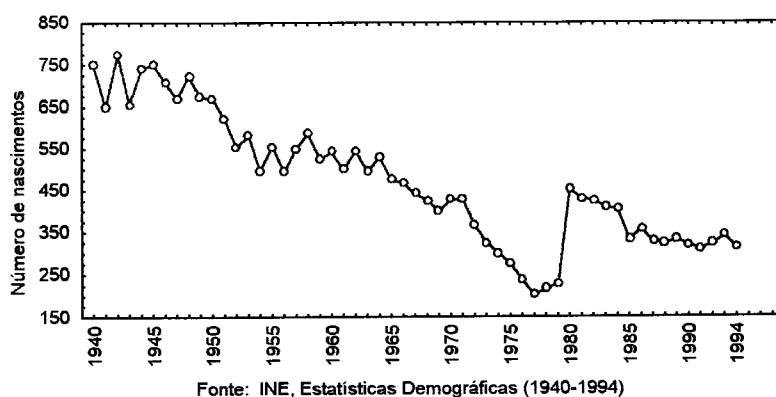
Classe etária do representante da família	Número de pessoas	%
Menos de 20 Anos	55	0,2
De 20 a 24 anos	610	1,8
De 25 a 29 Anos	2083	6,2
De 30 a 34 Anos	3297	9,7
De 35 a 39 Anos	3851	11,4
De 40 a 44 Anos	4222	12,5
De 45 a 49 Anos	3800	11,2
De 50 a 54 Anos	3673	10,9
De 55 a 59 Anos	3396	10,0
De 60 a 64 Anos	2929	8,7
De 65 a 69 Anos	2439	7,2
De 70 a 74 Anos	1705	5,0
De 75 ou mais Anos	1780	5,3
TOTAL	33840	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

Em 65% das famílias encontra-se uma ausência de crianças (Quadros 5.6 e 5.7) ao mesmo tempo que em percentagem idêntica de famílias também encontramos uma ausência de idosos em 67% das famílias (Quadro 5.7).

Assistimos a um decréscimo da natalidade desde a década de 40, conforme se demonstra pela Figura 5.1, e entre 1981 e 1991 essa tendência continua a verificar-se mesmo para além do Censo de 91.

Figura 5.1 - Evolução da Natalidade no concelho de Alenquer entre 1940 e 1994



Estamos perante uma população em que predominam as famílias com adultos.

Nas sociedades pré-industriais os filhos eram bens de produção e quando se investia neles era um investimento no conjunto da família. Agora, os filhos, nesta perspectiva, constituem bens de consumo ostentativos, o que significa que se investe no futuro pessoal dos filhos, sem preocupação pelo futuro familiar.

Os pais preocupam-se muito menos com o futuro dos seus filhos porque o fazem muito mais com o seu presente (Ussel, 1995).

Na família conjugal moderna as funções da criança restringem-se cada vez mais ao plano afectivo e simbólico; a criança perdeu o seu valor enquanto capital-investimento, sendo cada vez mais uma aposta gratuita dos pais.

O valor da criança é sobretudo determinado pela decisão de procriar mas também pela disponibilidade da mulher e pelas condições materiais de existência de família (Bandeira, 1996).

Neste aspecto podemos observar duas mudanças ocorridas entre 1981 e 1991 (Quadro 5.5): diminuiu o número de mulheres residentes e aumentou o número de mulheres activas.

QUADRO 5.5- Percentagem de Mulheres Activas na População Feminina Total no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

ANO	População residente			População Activa			% de mulheres activas
	HM	H	M	HM	H	M	
1981	34575	17214	17361	14481	10515	3966	22,8
1991	34098	16790	17308	14339	9336	5003	28,9

Fonte: INE(1981,1991), tratamento próprio

Há assim um número maior de mulheres capazes de assegurar ou contribuir para a subsistência do agregado familiar.

O número de mulheres activas passou em termos globais de 3966 para 5003 e destas apenas 538 se encontravam desempregadas (INE, 1991).

Esta proporção ainda se encontra bastante distante dos valores nacionais: entre 1981 e 1991 a taxa de feminização da população activa passou de 34,2% para 40,3% (Fonseca, 1996).

Encontramos também um número significativo de pessoas que vivem sozinhas, principalmente idosos femininos, correspondendo a 6,6% do total de famílias do concelho (Quadro 5.6).

QUADRO 5.6- Famílias clássicas, segundo o tipo de família na base da estrutura etária dos seus membros e número de crianças no concelho de Alenquer em 1991

Tipo de família		Número de famílias	%
Entre 15 e 64 anos	Um Adulto Masculino	323	2,8
	Um Adulto Feminino	293	2,5
Com 65 ou mais Anos	Um Adulto Masculino	253	2,2
	Um Adulto Feminino	773	6,6
Com 1 ou mais Crianças	Um Adulto Masculino	13	0,1
	Um Adulto Feminino	81	0,7
Dois Adultos com idade entre 15 e 64 anos		1704	14,5
Dois Adultos pelo menos um com 65 ou mais Anos		1725	14,7
Dois Adultos com Crianças	Com 1 Criança	1335	11,4
	Com 2 Crianças	1002	8,5
	Com 3 Crianças	127	1,1
	Com 4 ou mais Crianças	27	0,2
Três ou mais Adultos	Sem crianças	2529	21,6
	Com 1 Criança	1139	9,7
	Com 2 ou mais Crianças	394	3,4
Outros Casos		6	0,1
TOTAL		11724	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

As unidades familiares simplificaram-se pela prática mais frequente de idosos a viver sós em vez de conviver com algum dos seus filhos e da maior tendência para a coabitação e para o divórcio das gerações mais novas (Ussel, 1995).

Verifica-se um aumento do número de idosos e uma concomitante diminuição do peso dos jovens na estrutura familiar do concelho, e proporcionalmente os idosos passam de 1981 para 1991 a ter um maior peso na estrutura familiar que os jovens (Quadro 5.7).

QUADRO 5.7- Famílias clássicas, segundo o a sua dimensão, pelo número de pessoas com menos de 15 anos ou com 65 ou mais anos no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Tipo de família		Número de famílias		%	
		1981	1991	1981	1991
Número de Pessoas com menos de 15 Anos	Total	11367	11724		
	Nenhuma Pessoa	6629	7600	58,3	64,8
	1 Pessoa	2650	2547	23,3	21,7
	2 Pessoas	1640	1324	14,4	11,3
	3 ou mais Pessoas	448	253	3,9	2,2
Número de Pessoas com 65 ou mais Anos	Total	11367	11724		
	Nenhuma Pessoa	8009	7865	70,5	67,1
	1 Pessoa	2292	2479	20,2	21,1
	2 Pessoas	1038	1347	9,1	11,5
	3 ou mais Pessoas	28	33	0,2	0,3
TOTAL GERAL		11367	11724		

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

Em relação à condição perante a actividade económica (Quadro 5.8) predominam as famílias cujo representante empregado pertence ao Grupo 7 da classificação internacional de profissões - Trabalhadores da produção industrial e artesãos, logo seguidas do Grupo 9 - Trabalhadores não qualificados da agricultura comércio e serviços e Grupo 8 - Operadores de instalações industriais e máquinas fixas, condutores e montadores.

Esta tendência confirma-se quando analisamos a mesma divisão, não pelo representante da família mas pelo total de empregados com mais de 12 anos (Quadro 5.9) e encontramos os grupos 6, 7 e 8 como os mais comuns.

QUADRO 5.8- Famílias clássicas, segundo a condição perante a actividade económica e profissão do representante da família, no concelho de Alenquer em 1991

Condição perante a actividade económica e profissão do representante da família		Número de famílias	%
Empregados	Grupo 1	273	2,33
	Grupo 2	137	1,17
	Grupo 3	253	2,16
	Grupo 4	420	3,58
	Grupo 5	579	4,94
	Grupo 6	681	5,81
	Grupo 7	2086	17,79
	Grupo 8	1129	9,63
	Grupo 9	1359	11,59
	Grupo 0	172	1,47
Desempregados		128	1,09
Sem actividade económica		4507	38,44
TOTAL		11724	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

QUADRO 5.9- Famílias clássicas, segundo a condição perante a actividade económica e profissão do representante da família, no concelho de Alenquer em 1991

Condição perante a actividade económica, profissão da população empregada com 12 ou mais anos ou profissão do representante da família		População residente com 12 + anos	Pop. com 12 + anos (%)
Empregados	Grupo 1	378	2,8
	Grupo 2	323	2,4
	Grupo 3	588	4,3
	Grupo 4	1140	8,4
	Grupo 5	1440	10,6
	Grupo 6	986	7,3
	Grupo 7	3501	25,8
	Grupo 8	1542	11,4
	Grupo 9	3394	25,0
	Grupo 0	260	1,9
TOTAL		13552	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

Conjugando a informação destes Quadros com o Quadro 5.10 obtemos uma informação complementar: em 38% das famílias o representante não exerce qualquer actividade económica e em cerca de 40% das famílias nenhum dos membros exerce actividade económica.

Esta última situação agravou-se de 1981 para 1991 (Quadro 5.10) visto que o número de famílias sem actividade económica quase duplicou.

QUADRO 5.10- Famílias clássicas, pelo número de pessoas com actividade económica e pessoas a cargo no concelho de Alenquer em 1981 e 1991:

Número de pessoas com actividade económica e pessoas a cargo		Número de famílias		%	
		1981	1991	1981	1991
Nenhuma pessoa com actividade económica	Total	2504	4652	22,03	39,68
	Nenhuma pessoa a cargo	1948	3923	17,14	33,46
	1 pessoa a cargo	494	608	4,35	5,19
	2 pessoas a cargo	53	100	0,47	0,85
	3 pessoas a cargo	9	17	0,08	0,15
	4 ou mais pessoas a cargo	0	4	0	0,03
1 pessoa com actividade económica	Total	4710	4649	41,44	39,65
	Nenhuma pessoa a cargo	1178	1783	10,36	15,21
	1 pessoa a cargo	2678	1948	23,56	16,62
	2 pessoas a cargo	698	692	6,14	5,90
	3 pessoas a cargo	134	195	1,18	1,66
	4 ou mais pessoas a cargo	22	31	0,19	0,26
2 pessoas com actividade económica	Total	3005	3577	26,44	30,51
	Nenhuma pessoa a cargo	1403	1863	12,34	15,89
	1 pessoa a cargo	999	1224	8,79	10,44
	2 pessoas a cargo	501	424	4,41	3,62
	3 pessoas a cargo	90	60	0,79	0,51
	4 ou mais pessoas a cargo	12	6	0,11	0,05
3 ou + pessoas com actividade económica	Total	1148	1110	10,10	9,47
	Nenhuma pessoa a cargo	407	466	3,58	3,97
	1 pessoa a cargo	451	471	3,97	4,02
	2 pessoas a cargo	212	139	1,87	1,19
	3 pessoas a cargo	66	26	0,58	0,22
	4 ou mais pessoas a cargo	12	8	0,11	0,07
TOTAL GERAL		11367	11724	100,0	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

Estes indicadores apenas nos dão uma visão global da família, que assistiu a uma redução no número dos seus membros, associada a uma estrutura etária com marcas de envelhecimento que anteriormente caracterizámos.

Estas alterações além das implicações que têm nas funções sociais da família, nos objectivos e nas formas de conjugalidade, na divisão do trabalho doméstico, nos padrões de consumo e nas relações entre diversas gerações, têm também amplas consequências no território, gerando maior mobilidade residencial e reflectindo-se também no mercado da habitação, não só porque cresce significativamente a procura de alojamentos para famílias de reduzida dimensão, frequentemente com um único indivíduo, mas também porque o aumento das famílias com rendimento duplo é um importante factor de difusão das residências secundárias (Fonseca, 1996).

5.2. A situação habitacional das famílias - os traços gerais da situação

O Quadro 5.11 apresenta um resumo geral da situação habitacional das famílias, em 1981 e 1991. Integra três dimensões: uma primeira referência às situações habitualmente apontadas como sendo de mau alojamento (viver em alojamento não clássico, partilhar o alojamento com outra família, habitar em casa superlotada) ; uma segunda referência, a relação das famílias com a propriedade dos alojamentos; uma terceira referência, em torno da qualidade dos alojamentos.

QUADRO 5.11- Situação Habitacional das Famílias
no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Famílias clássicas em alojamentos familiares		1981	1991
Total de famílias		11367	11663
Em alojamentos não clássicos	Total	77	66
	Barracas	17	17
	Outros	60	49
Partilha na Ocupação dos Alojamentos		265	140
Ocupação de Alojamentos Superlotados		1847	2545
Regime de Ocupação dos Alojamentos	Ocupante Proprietário	7652	9030
	Arrendamento	2914	1771
Famílias Clássicas	Subarrendamento	13	5
	Outros	711	791
Sem água e luz		1134	41

Fonte: INE(1981,1991), (Conceição, 1996) tratamento próprio

Do ponto de vista das situações habitualmente consideradas como sendo de mau alojamento, uma análise geral, ao nível do concelho de Alenquer permite detectar as seguintes tendências:

1. Em primeiro lugar, verifica-se uma diminuição das situações de partilha dos alojamentos. Estas situações abrangiam em 1991 apenas 140 famílias, contra 265 em 1981.
2. Em contrapartida, aumentaram as situações de sobreocupação;
3. O número de famílias a viver em alojamentos não clássicos diminuiu, situação que abrangia 77 famílias em 1981 e passou para 66 famílias em 1991 (0,5 % do total).

A situação de sobreocupação é do ponto de vista da qualidade das soluções habitacionais uma solução preocupante (Conceição, 1996). Apesar de nem sempre a situação de partilha ser considerada sinónimo de más condições de habitação (Cardoso, 1996) em caso de sobreocupação de alojamentos não é possível fazer esta afirmação (Conceição, 1996) visto que esta situação se verificou num contexto de diminuição média das famílias.

No presente caso, um concelho que também obedece a esta lógica de redução do número de membros da família, algumas destas famílias reflectem más condições de alojamento já que das 2545 famílias alojadas em alojamentos clássicos superlotados, cerca de 22% do total concelhio, algumas são famílias constituídas por um indivíduo (Quadro 5.12).

QUADRO 5.12- Famílias clássicas em alojamentos clássicos superlotados, por tipo de família, no concelho de Alenquer em 1991

Tipo de Família	Número de famílias	%
1 adulto entre 15 e 64 anos	57	2,2
1 adulto com mais de 65 anos	81	3,2
1 adulto com 1 ou mais crianças	25	1,0
2 adultos	167	6,6
2 adultos com crianças	664	26,1
3 ou mais adultos com ou sem crianças	1549	60,9
Outros casos	2	0,1
TOTAL	2545	100,0

Fonte: INE(1991), tratamento próprio

A grande maioria das famílias a viver em alojamentos superlotados é constituída por dois ou mais adultos com crianças.

Do ponto de vista das formas da propriedade dos alojamentos regista-se um aumento do acesso por parte das famílias à propriedade, que já era a forma predominante em 1981. Se por um lado se caminha para uma situação em que se vêem reduzidas algumas barreiras ao acesso a uma habitação, as situações de sobreocupação revelam ao mesmo tempo algumas restrições ao consumo de “espaço” e, porventura, de outros serviços associáveis à casa (Conceição, 1996).

Em relação a outras formas de ocupação, uma categoria residual que é constituída agrupando tudo o que não cabe nas designações de arrendamento, subarrendamento ou propriedade, torna-se difícil a análise (Conceição, 1996) mas verifica-se neste caso que é pouco significativa.

O terceiro conjunto de informações possível de retirar deste quadro diz respeito às melhorias verificadas na dotação de infraestruturas dos alojamentos. Houve uma melhoria bastante significativa na dotação destas infraestruturas no concelho, conforme se tratará no próximo capítulo.

5.3. Breve síntese

Podemos afirmar que entre 1981 e 1991, em Alenquer, a dimensão da família sofreu alterações assim como a respectiva situação habitacional:

- a) apesar da diminuição da população residente, aumentaram o número de famílias e o número de alojamentos clássicos;
- b) a família clássica teve uma diminuição no número de membros;
- c) aumentou o número de mulheres activas, num contexto de diminuição da população;
- d) as famílias passaram a partilhar menos a habitação mas aumentaram as situações de sobreocupação;
- e) as famílias registaram ainda uma melhoria significativa nas infraestruturas dos alojamentos.

6. ANÁLISE DA SITUAÇÃO HABITACIONAL NO CONCELHO DE ALENQUER

A caracterização do parque habitacional envolve a análise de indicadores de natureza quantitativa e de natureza qualitativa. Em relação ao primeiro aspecto vamos analisar a utilização do parque habitacional e as situações de mau alojamento. Quanto ao segundo aspecto, vamos analisar a provisão de equipamentos básicos, a estrutura etária do parque, as formas de propriedade e a relação alojamentos/edifícios (Cardoso, 1996).

6.1. ASPECTOS QUANTITATIVOS

A) Utilização do parque habitacional

A taxa de utilização do parque habitacional no concelho em residência habitual é de 74% (Quadros 6.1 e 6.2): dos 15588 alojamentos clássicos, só 11521 são ocupados como residência habitual; é ligeiramente superior à região Oeste e idêntica à região de Lisboa e Vale do Tejo.

QUADRO 6.1 - Taxa de ocupação do Parque habitacional (alojamentos clássicos) na região de Lisboa e Vale do Tejo, respectivas NUTES de nível III, e concelhos limítrofes do concelho de Alenquer em 1991

NUTES	Total de alojamentos clássicos	Alojamentos Vagos	Alojamentos com Ocupante ausente	Alojamentos para uso sazonal	Alojamentos utilizados como Residência habitual	Taxa de utilização do parque em residência habitual (%)
LISBOA E VALE DO TEJO	1420379	140439	58816	134894	1086230	76
Oeste	171884	17646	9225	26141	118872	69
Grande Lisboa	751940	74495	25147	50249	602049	80
Lezíria do Tejo	102188	10633	3532	8693	79330	78
Alenquer	15588	1867	549	1651	11521	74
Arruda dos Vinhos	4197	525	112	307	3253	80
Azambuja	9833	1370	503	1389	6871	70
Cadaval	6731	588	502	1046	4595	68
Sobral de Monte Agraço	3254	253	36	438	2527	78
Torres Vedras	31334	3292	1077	5443	21522	69
Vila Franca de Xira	41420	3963	1966	2282	33209	80

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

A utilização do parque habitacional no concelho apresenta uma pequena percentagem de fogos com o ocupante ausente e um equilíbrio entre os fogos vagos e para uso sazonal (Quadro 6.2). As variações mais significativas entre 1981 e 1991 verificaram-se no aumento de alojamentos vagos e para uso sazonal que registaram um aumento e para residência habitual que teve uma diminuição de cerca de 10%.

QUADRO 6.2 - Utilização do Parque habitacional em alojamentos familiares no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Tipo de alojamento	1981 %	1991 %
Alojamentos de residência habitual	83	74
Alojamentos de uso sazonal	8	11
Alojamentos com ocupante ausente	4	3
Alojamentos vagos	5	12
TOTAL	100	100

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

B) Situações de mau alojamento

Os indicadores gerais apontam para a quase inexistência de situações de mau alojamento (Quadro 6.3), já que, tanto em termos absolutos como relativos, a grande maioria dos alojamentos são considerados alojamentos clássicos e, em barracas e outro tipo de alojamento não clássico o concelho de Alenquer apresenta valores percentuais iguais à região Oeste, distanciando-se das situações observadas na Grande Lisboa.

QUADRO 6.3 - Percentagem de alojamentos familiares segundo o tipo de alojamento na região de Lisboa e Vale do Tejo, respectivas NUTES de nível III, e concelhos limítrofes do concelho de Alenquer em 1991

NUTES	Alojamentos clássicos		Alojamentos não clássicos			
	Número de alojamentos	%	Barracas	%	Outros	%
LISBOA E VALE DO TEJO	1420379	98,9	11948	0,8	4335	0,3
Oeste	171884	99,6	195	0,1	467	0,3
Grande Lisboa	751940	98,3	10738	1,4	2584	0,3
Lezíria do Tejo	102188	99,4	167	0,2	412	0,4
Alenquer	15588	99,6	17	0,1	50	0,3
Arruda dos Vinhos	4197	99,7	6	0,1	6	0,1
Azambuja	9833	99,4	24	0,2	39	0,4
Cadaval	6731	99,5	11	0,2	20	0,3
Sobral de Monte Agraço	3254	99,8	1	0,1	4	0,1
Torres Vedras	31334	99,7	30	0,1	65	0,2
Vila Franca de Xira	41420	99,1	276	0,7	105	0,3

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

No entanto há necessidade de avaliar, em termos quantitativos, até que ponto a situação habitacional média do concelho é reproduzida ao nível das suas freguesias ou se, pelo contrário, existem focos de concentração espacial de problemas de particular acuidade.

A nível de freguesia (Quadro 6.4) podemos detectar contrastes evidentes em relação à média concelhia da taxa de utilização do parque habitacional em residência habitual: abaixo desta, Abrigada, Carregado, Cabanas de Torres e Ventosa; acima, as restantes 12 freguesias do concelho. Em Abrigada e Carregado tal deve-se principalmente aos alojamentos vagos, podendo indiciar maior dinamismo na atracção residencial e em Cabanas de Torres e Ventosa, indicia-se uma situação de maior atracção para segunda residência, alojamentos em uso sazonal.

QUADRO 6.4- Taxa de ocupação do Parque habitacional (alojamentos clássicos) nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	Total de alojamentos clássicos	Alojamentos Vagos		Alojamentos com Ocupante ausente		Alojamentos para uso sazonal		Alojamentos utilizados como Residência habitual	Taxa de utilização do parque em residência habitual
		nº	%	nº	%	nº	%		%
ABRIGADA	1712	331	19	60	4	250	15	1071	63
ALD. GALEGA DA MERCEANA	1022	96	9	18	2	134	13	774	76
ALDEIA GAVINHA	529	47	9	3	1	64	12	415	78
ALENQUER-STO ESTÉVÃO	2000	237	12	102	5	154	8	1507	75
ALENQUER-TRIANA	1225	153	12	28	2	86	7	958	78
CABANAS DE TORRES	513	48	9	17	3	76	15	372	73
CADAF AIS	657	37	6	18	3	49	7	553	84
CARNOTA	713	30	4	16	2	69	10	598	84
CARREGADO	2489	491	20	80	3	259	10	1659	67
MECA	750	43	6	6	1	83	11	618	82
OLHALVO	878	68	8	14	2	138	16	658	75
OTA	428	32	7	21	5	11	3	364	85
PEREIRO DE PALHACANA	305	31	10	18	6	22	7	234	77
RIBAFRIA	492	63	13	1	0	46	9	382	78
VENTOSA	1246	109	9	99	8	151	12	887	71
VILA VERDE DOS FRANÇOS	629	51	8	48	8	59	9	471	75
CONCELHO DE ALENQUER	15588	1867	12	549	4	1651	11	11521	74

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

O número de famílias vivendo em alojamentos não clássicos é insignificante, tanto em termos absolutos como em termos relativos (Quadro 6.5):

QUADRO 6.5 - Famílias que habitam em alojamentos não clássicos nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	Total de alojamentos familiares	Total de alojamentos clássicos	Alojamentos não clássicos Barracas	Alojamentos não clássicos Outros
ABRIGADA	1716	1712	1	3
ALD. GALEGA DA MERCEANA	1030	1022	4	4
ALDEIA GAVINHA	532	529	0	3
ALENQUER-STO ESTEVÃO	2003	2000	2	1
ALENQUER-TRIANA	1230	1225	1	4
CABANAS DE TORRES	513	513	0	0
CADAFAIS	659	657	1	1
CARNOTA	716	713	0	3
CARREGADO	2496	2489	2	5
MECA	751	750	1	0
OLHALVO	895	878	0	17
OTA	431	428	3	0
PEREIRO DE PALHACANA	305	305	0	0
RIBAFRIA	492	492	0	0
VENTOSA	1253	1246	1	6
VILA VERDE DOS FRANCOS	633	629	1	3
CONCELHO DE ALENQUER	15655	15588	17	50

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Calculou-se de seguida a relação Número de famílias Residentes / Número de Alojamentos Clássicos (Quadro 6.6); esta relação é tanto mais elevada quanto maior for a intensidade de ocupação habitual da habitação e/ou quanto maior for a partilha de fogos (Cardoso, 1996).

QUADRO 6.6 - Relação Número de Famílias Clássicas Residentes / Número de Alojamentos Clássicos nas freguesias do concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Freguesias	Famílias/Alojamentos 1981	Famílias/Alojamentos 1991
ABRIGADA	0,80	0,63
ALD. GALEGA DA MERCEANA	0,87	0,77
ALDEIA GAVINHA	0,80	0,79
ALENQUER-STO ESTEVÃO	0,93	0,76
ALENQUER-TRIANA	0,85	0,79
CABANAS DE TORRES	0,81	0,73
CADAFAIS	0,91	0,84
CARNOTA	0,83	0,86
CARREGADO	-	0,67
MECA	0,86	0,84
OLHALVO	0,82	0,78
OTA	0,97	0,98
PEREIRO DE PALHACANA	0,79	0,78
RIBAFRIA	-	0,78
VENTOSA	0,78	0,73
VILA VERDE DOS FRANCOS	0,86	0,76
CONCELHO DE ALENQUER	0,85	0,75

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Em termos globais o concelho passou a registar uma menor intensidade de ocupação habitual da habitação.

Esta relação permite-nos destacar em 1991 as freguesias de Abridada e Carregado, onde o peso dos alojamentos vagos (Quadro 6.4) poderá justificar este valor mais baixo; também as freguesias de Ventosa e Cabanas de Torres apresentam valores inferiores à média concelhia, provavelmente justificados pelo uso sazonal (Quadro 6.4).

Não há indicadores que permitam verificar-se uma elevada partilha de fogos no concelho: das 11597 famílias residentes nos 11 521 alojamentos clássicos apenas se encontram 59 alojamentos com 2 famílias e 5 com 3 ou mais famílias (INE, 1991). Para além disso, só com valores superiores a 1,00 este indicador revela situações de elevada partilha e nenhuma das freguesias se encontra nesta situação (Cardoso, 1996).

QUADRO 6.7 - Distribuição do número de freguesias pelo Número de Famílias Clássicas Residentes / Número de Alojamentos Clássicos, em relação à média concelhia no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Número de Famílias Clássicas Residentes/Número de Alojamentos Clássicos	Número de Freguesias 1981	Número de Freguesias 1991
Valores superiores a 1,00	0	0
Valores iguais a 1,00	0	0
Valores inferiores a 1,00 mas superiores à média concelhia	7	12
Valores inferiores à média concelhia	7	4
CONCELHO DE ALENQUER	0,85	0,75

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Considerando a ocupação normal entre 20% e 30% (Cardoso, 1996), em 1991 o concelho não apresenta indicadores de sobreocupação habitacional e apenas as 4 freguesias já referidas (Abridada, Carregado, Cabanas de Torres e Ventosa) denotam uma menor taxa de ocupação não indiciando no entanto situações claras de subocupação significativas.

6.2. ASPECTOS QUALITATIVOS

Procurámos de seguida avaliar a situação habitacional das famílias, e detectámos que a maioria das famílias vive em alojamentos construídos após 1961, dos quais 23% construídos entre 1981 e 1991. Detectámos um parque habitacional com uma estrutura etária pouco envelhecida(Quadro 6.8).

Quadro 6.8- Alojamentos familiares clássicos ocupados como residência habitual, segundo a época de construção dos edifícios no concelho de Alenquer, em 1991

	Total	Antes de 1919	De 1919 a 1945	De 1946 a 1960	De 1961 a 1970	De 1971 a 1980	De 1981 a 1985	De 1986 a 1991
Alojamentos clássicos	11521	1517	1549	1703	2067	1981	1742	962
% 1991	100,0	13	14	15	18	17	15	8

Fonte: INE (1991)

Para confirmar esta afirmação consultámos os dados relativos ao anterior recenseamento (INE, 1981) e apenas conseguimos informação relativa à estrutura etária dos edifícios (Quadro 6.9); pensamos não ser de todo incorrecto proceder a comparações entre os dois anos já que os edifícios de um só alojamento são largamente maioritários em ambos os momentos censitários.

Quadro 6.9- Edifícios, segundo a época de construção no concelho de Alenquer, em 1991

	Total	Antes de 1919	De 1919 a 1945	De 1946 a 1960	De 1961 a 1970	De 1971 a 1975	De 1976 a 1979	De 1980 a 1981
Edifícios	11997	4068	2313	1820	1526	1070	872	328
% 1981	100	34	19	15	13	9	7	3

Fonte: INE (1981)

Efectivamente, o concelho apresentava em 1981 um parque habitacional maioritariamente construído antes de 1960 (68%). Esta situação inverteu-se nos dez anos seguintes conforme já pudemos constatar.

Comparativamente à região Oeste (Quadro 6.10), o concelho regista um parque habitacional ligeiramente mais envelhecido.

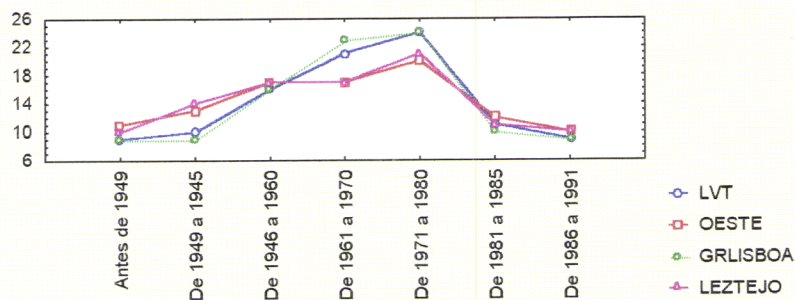
QUADRO 6.10 - Percentagem de Alojamentos familiares clássicos ocupados como residência habitual, segundo a época de construção dos edifícios na região de Lisboa e Vale do Tejo, respectivas NUTES de nível III, e concelhos limítrofes do concelho de Alenquer em 1991

NUTES	Antes de 1919	De 1919 a 1945	De 1946 a 1960	De 1961 a 1970	De 1971 a 1980	De 1981 a 1985	De 1986 a 1991
LISBOA E VALE DO TEJO	9	10	16	21	24	11	9
Oeste	11	13	17	17	20	12	10
Grande Lisboa	9	9	16	23	24	10	9
Lezíria do Tejo	10	14	17	17	21	11	10
Alenquer	13	14	15	18	17	15	8
Arruda dos Vinhos	17	10	13	17	25	10	8
Azambuja	13	15	17	16	22	11	6
Cadaval	12	17	21	14	18	10	8
Sobral de Monte Agraço	22	12	12	16	19	10	9
Torres Vedras	12	13	17	18	20	11	9
Vila Franca de Xira	4	6	13	15	36	13	13

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Relativamente aos concelhos e regiões limítrofes, o concelho de Alenquer apresenta uma estrutura etária do parque habitacional próxima da maior parte deles, excepção feita a Vila Franca de Xira, o concelho com que faz fronteira na região da Grande Lisboa, que se destaca, principalmente devido ao surto de construção entre 1971 e 1980 (36%). O concelho de Alenquer apresenta uma estrutura etária do parque habitacional próxima das regiões envolventes destacando-se no entanto a primeira metade da década de 80 como um período de dinamismo de construção superior a todas as outras unidades territoriais em análise (de 81 a 85 aumentou em 15% o parque habitacional).

Figura 6.1 - Percentagem de alojamentos familiares clássicos ocupados como residência habitual segundo a época de construção dos edifícios na região de Lisboa e Vale do Tejo, respectivas NUTES de nível III e concelhos limítrofes de Alenquer em 1991



Ao nível de freguesia este indicador revela algumas desigualdades no concelho (Quadro 6.11).

QUADRO 6.11 - Percentagem de Alojamentos familiares clássicos ocupados como residência habitual, segundo a época de construção dos edifícios nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	Antes de 1919	De 1919 a 1945	De 1946 a 1960	De 1961 a 1970	De 1971 a 1980	De 1981 a 1985	De 1986 a 1991
ABRIGADA	11,0	11,5	15,1	19,0	15,5	16,6	11,2
ALD. GALEGA DA MERCEANA	23,8	14,2	14,1	16,0	16,5	9,3	6,1
ALDEIA GAVINHA	17,6	18,8	19,8	12,0	9,6	12,3	9,9
ALENQUER-STO ESTÊVÃO	8,8	9,1	15,3	27,1	20,9	10,8	8,0
ALENQUER-TRIANA	14,5	16,7	13,2	19,5	19,4	9,1	7,6
CABANAS DE TORRES	14,0	16,1	16,9	13,4	21,0	11,3	7,3
CADAFAIS	15,0	9,4	8,1	18,3	23,3	17,4	8,5
CARNOTA	10,4	22,1	15,6	15,6	17,7	10,9	7,9
CARREGADO	6,5	6,2	10,9	18,7	12,7	37,9	7,1
MECA	12,8	19,4	16,0	11,7	14,7	11,0	14,4
OLHALVO	11,2	12,2	14,7	17,3	22,0	9,9	12,6
OTA	14,0	13,7	14,8	14,8	20,6	12,4	9,6
PEREIRO DE PALHACANA	21,8	19,2	15,4	10,7	11,5	11,5	9,8
RIBAFRIA	31,2	16,0	8,4	14,4	14,9	9,7	5,5
VENTOSA	14,9	15,7	17,7	19,5	18,0	8,7	5,5
VILA VERDE DOS FRANCOS	12,5	21,0	28,9	9,8	14,2	8,7	4,9

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

O período de maior dinamismo verificado no concelho tem a sua expressão máxima na freguesia do Carregado, em que 45% do parque utilizado como residência habitual foi construído entre 1981 e 1991; é mesmo a única freguesia que se encontra nesta situação. Na maior parte das freguesias, com um parque habitacional bastante envelhecido, predomina a habitação construída antes de 1961, conforme se resume no Quadro 6.12.

QUADRO 6.12 - Percentagem de Alojamentos familiares clássicos ocupados como residência habitual, segundo a época de construção dos edifícios nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	Antes de 1961	De 1961 a 1980	De 1981 a 1991
ABRIGADA	38	35	28
ALD. GALEGA DA MERCEANA	52	33	15
ALDEIA GAVINHA	56	22	22
ALENQUER-STO ESTÊVÃO	33	48	19
ALENQUER-TRIANA	44	39	17
CABANAS DE TORRES	47	34	19
CADAFAIS	33	42	26
CARNOTA	48	33	19
CARREGADO	24	31	45
MECA	48	26	25
OLHALVO	38	39	22
OTA	43	35	22
PEREIRO DE PALHACANA	56	22	21
RIBAFRIA	55	29	15
VENTOSA	48	38	14
VILA VERDE DOS FRANCOS	62	24	14

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Intimamente ligada com a estrutura etária procedemos à análise da concentração estrutural, isto é, as relações pavimento/edifício (Quadro 6.13) e alojamento/edifício (Quadro 6.14).

QUADRO 6.13 - Concentração estrutural do Parque habitacional, em % dos edifícios segundo o número de pavimentos, no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Número de Pavimentos	1981 %	1991 %
Com 1	76,13	67,55
Com 2	22,54	29,88
Com 3	0,88	1,21
Com 4	0,32	0,52
Com 5	0,08	0,44
Com 6	0,03	0,09
Com 7 ou mais	0,02	0,31
TOTAL	100	100

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

É nitidamente predominante o edifício com um pavimento, tanto em 1981 como em 1991; no entanto, verifica-se que em termos globais a construção de habitação cresceu em altura, atenuando-se a concentração habitacional em edifícios com um pavimento. É também de registar o aumento de edifícios com 7 ou mais pavimentos que passou de 3 para 40 edifícios em 10 anos (INE, 1981, 1991).

Em contrapartida, o Quadro 6.14 fornece informação que permite detectar uma alteração qualitativa na habitação: tendo-se anteriormente verificado uma diminuição no número de edifícios com 1 e aumento com 2 pavimentos, e verificando-se agora que o maior aumento se deu no número de edifícios com um alojamento, a habitação individual cresceu tanto em termos absolutos como em termos qualitativos; a existência de dois pavimentos pressupõe um aumento do número de divisões disponíveis por alojamentos.

A outra alteração significativa encontrada prende-se com o aumento relativo do número de edifícios com 10 ou mais alojamentos. O aparecimento de grandes estruturas, responsáveis por uma parte da oferta habitacional pode ser uma das justificações para esta alteração.

QUADRO 6.14 - Concentração estrutural do Parque habitacional, em % dos edifícios pelo número de alojamentos no edifício, no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

Número de Alojamentos	1981 %	1991 %
Com 1	82,38	93,17
Com 2	9,37	4,27
Com 3	1,93	0,55
Com 4	2,56	0,46
Com 5 a 9	3,55	0,89
Com 10 ou mais	0,21	0,66
TOTAL	100	100

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Observando a concentração estrutural, em 1991, ao nível de freguesia (Quadro 6.15) constatamos que o Carregado se destaca de todas as outras freguesias, onde mais de metade dos edifícios alberga 3 ou mais alojamentos. As freguesias da sede de concelho, que lhe são contíguas e se situam no mesmo eixo também revelam alguns indícios de concentração; nas restantes, é nítida a grande importância que adquirem os edifícios com um alojamento.

QUADRO 6.15 - Concentração estrutural do Parque habitacional, em % dos edifícios pelo número de alojamentos no edifício, nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	Número de alojamentos		
	1	2	3 ou mais
ABRIGADA	94	5	1
ALD. GALEGA DA MERCEANA	90	7	2
ALDEIA GAVINHA	95	2	3
ALENQUER-STO ESTÊVÃO	66	17	17
ALENQUER-TRIANA	64	15	21
CABANAS DE TORRES	97	3	0
CADAFAIS	72	14	14
CARNOTA	93	6	1
CARREGADO	36	9	55
MECA	95	5	0
OLHALVO	97	3	0
OTA	90	5	5
PEREIRO DE PALHACANA	97	3	0
RIBAFRIA	91	8	2
VENTOSA	95	4	1
VILA VERDE DOS FRANÇOS	99	0	1

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Procurámos de seguida conhecer as formas de propriedade da habitação pelo regime de ocupação (Quadro 6.16)

QUADRO 6.16 - Formas de Propriedade - regime de ocupação,
(Alojamentos clássicos ocupados como residência habitual,
segundo a entidade proprietária e existência de encargos por compra)
no concelho de Alenquer, em 1981 e 1991

Entidade proprietária		Alojamentos 1981	Alojamentos 1991	% 1981	% 1991
Ocupante proprietário	Total	7565	8971	67,8	77,9
	Com Encargo Por Compra	554	1441	5,0	12,5
	Sem Encargo Por Compra	7011	7530	62,9	65,4
Outra Entidade	Total	3586	2550	32,2	22,1
	Particular - Empresa Privada	3429	2434	30,8	21,1
	Empresa Pública	25	7	0,2	0,1
	Outras	132	109	1,2	0,9
TOTAL GERAL		11151	11521	100	100

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Entre 1981 e 1991 acentua-se a tendência para a predominância do parque de ocupação própria, dentro do qual só uma reduzida percentagem está onerada por encargos resultantes da compra ou da construção. Das 33 475 pessoas que residem habitualmente em alojamentos clássicos, 26053 vivem em alojamentos ocupados pelo proprietário (INE, 1991).

Relativamente à provisão de infraestruturas e equipamentos básicos de habitação, observaram-se os seguintes aspectos: electricidade, cozinha, banho, água no domicílio e sanitários ligados a rede (Quadro 6.17).

QUADRO 6.17 - Provisão de infraestruturas e equipamentos básicos, nos alojamentos ocupados como residência habitual no concelho de Alenquer em 1981 e 1991

ANO	% dos alojamentos clássicos de residência habitual com:									
	Electricid	Cozinha	Banho	Água no domicílio			Sanitários ligados a:			Sem instalações
				Total	Rede pública	Rede privada	Total	Rede pública	Rede privada	
1981	-	-	-	53	35	18	75	20	43	-
1991	97	99	82	84	76	8	92	31	55	2

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Há uma nítida melhoria na provisão das várias infraestruturas e equipamentos básicos ao concelho entre 1981 e 1991. A percentagem de alojamentos ocupados como residência habitual aumentou em todos os indicadores, notando-se uma substituição gradual das infraestruturas privadas para as infraestruturas públicas, depreendendo-se daqui uma melhoria generalizada nas condições de habitação ao longo da década de 80.

A nível de freguesia, podemos afirmar que a provisão de infraestruturas revela algumas desigualdades (Quadro 6.18).

QUADRO 6.18 - Provisão de infraestruturas e equipamentos básicos, nos alojamentos ocupados como residência habitual nas freguesias do concelho de Alenquer em 1991

Freguesias	% de Alojamentos clássicos, ocupados como residência habitual		
	Com Electricidade, Retrete, Água e com banho	Com Cozinha	Sem instalações
ABRIGADA	85	99	1
ALD. GALEGA DA MERCEANA	74	98	4
ALDEIA GAVINHA	60	99	2
ALENQUER-STO ESTÉVÃO	86	99	1
ALENQUER-TRIANA	82	99	1
CABANAS DE TORRES	82	99	1
CADAFAIS	80	99	1
CARNOTA	65	99	3
CARREGADO	93	99	1
MECA	72	99	1
OLHALVO	85	99	1
OTA	85	100	2
PEREIRO DE PALHACANA	47	99	4
RIBAFRIA	63	100	5
VENTOSA	78	99	1
VILA VERDE DOS FRANCOS	40	100	3

Fonte: INE(1991), (CARDOSO, 1996), tratamento próprio

Mais uma vez se destaca o Carregado como aquela em que os alojamentos estão mais bem dotados de infraestruturas e equipamentos básicos e Vila verde dos Francos e Pereiro de Palhacana como freguesias em que menos de metade dos alojamentos têm em simultâneo electricidade, retrete, água e banho.

6.3. Breve síntese

Do ponto de vista quantitativo podemos reter os seguintes aspectos:

- a) a taxa de utilização do parque habitacional, 74%, é ligeiramente superior à região Oeste e idêntica a Lisboa e Vale do Tejo;

- b) entre 1981 e 1991 aumentou o número de alojamentos vagos e para uso sazonal e diminuiu o número de alojamentos para residência habitual, em cerca de 10%;
- c) das freguesias com menor taxa de utilização do parque habitacional como residência habitual, destacam-se Abridada e Carregado, principalmente devido aos alojamentos vagos; e Ventosa e Cabanas de Torres, principalmente devido aos alojamentos para uso sazonal;
- d) considerando a ocupação normal entre 20% e 30% dos alojamentos, o concelho não apresenta situações de subocupação significativas;

Do ponto de vista qualitativo, interessa reter que:

- a) o parque habitacional apresenta em termos globais uma estrutura etária pouco envelhecida, tendo 23% dos edifícios sido construídos entre 1981 e 1991;
- b) o concelho apresenta uma estrutura etária do parque habitacional semelhante à dos concelhos envolventes, tendo revelado entre 81 e 85 um dinamismo de construção superior a todas as unidades territoriais envolventes;
- c) os maiores aumentos deram-se ao nível dos edifícios com dois pavimentos e de um só alojamento, pelo que a habitação individual cresceu tanto em termos absolutos como qualitativos, pressupondo o aumento do número de divisões por alojamento.

7. DIFERENCIAÇÃO RESIDENCIAL COM BASE EM INDICADORES RELATIVOS A POPULAÇÃO, FAMÍLIAS E HABITAÇÃO

A caracterização do território com base numa descrição do comportamento de algumas variáveis do sistema é manifestamente insuficiente para compreender o modo como essas variáveis se interrelacionam.

A utilização de técnicas de análise multivariada pode contribuir pela conjugação de indicadores relativos a essas variáveis para uma proposta de individualização de territórios dentro do concelho em estudo.

O carácter multidisciplinar dos estudos levados a cabo em ecologia humana permite a abordagem dos problemas em contextos interdisciplinares diversos.

A maior parte dos estudos que interrelacionam as variáveis demográficas (sistema-homem) com as variáveis relacionadas com a urbanização (sistema-ambiente) são estudos de diferenciação residencial e aplicados às cidades.

No presente caso devendo-se aplicar técnicas comprovadamente validadas por anteriores autores, e para obter um tratamento mais sólido, utilizou-se a análise de classificação hierárquica, como instrumento de diferenciação residencial, a partir de uma matriz de dados.

Há aspectos metodológicos na bibliografia consultada que nos parecem poder contribuir para o presente estudo: a escolha da freguesia como unidade de análise e a selecção das variáveis.

Num estudo a propósito da exclusão social em Portugal, Almeida (1994), procurou espacializar indicadores em domínios de vulnerabilidade, entre eles as condições de habitação. Este estudo aplicou a análise hierárquica a oito indicadores

(proporções da população que dispõe de rede de esgotos, que está coberta pela rede canalizada, que tem acesso à rede de electricidade, que é servida pela recolha de lixo, que vive em barracas ou similares, a proporção de famílias que vive em alojamentos clássicos superlotados, número médio de divisões por alojamento e o número médio de pessoas por divisão) e permitiu ao grupo de investigação a proposta de cinco tipos diferenciados de concelhos a nível nacional. Este trabalho engloba indicadores relativos à população, às famílias e à habitação.

Pareceu-nos não ser descabido proceder a uma adaptação destes procedimentos ao presente estudo: aplicar estas técnicas de análise multivariada, utilizar a análise ecológica factorial para propor tipos diferenciados de freguesias.

7.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE MULTIVARIADA

Optámos por levar a cabo uma análise de classificação hierárquica, a partir de um conjunto de indicadores retidos a nível de freguesia que nos permitirão definir alguns tipos diferenciados de freguesias dentro do concelho de Alenquer .

A freguesia como unidade de análise - a necessidade de recorrer às estatísticas oficiais, baseadas em critérios administrativos, levaram-nos a escolher a freguesia como unidade de análise, já que nos estudos de diferenciação residencial (Joseba, 1989) a unidade mais usual de análise é o *census tract*, que apresenta a vantagem de facilitar a manipulação estatística e o óptimo para este trabalhos deve oscilar entre 1000 e 6000 habitantes. De um modo geral este critério ajusta-se aos territórios em causa, pois a população residente das freguesias do concelho de Alenquer, em 1991, oscilava entre os 618 e os 5100 habitantes.

A selecção das variáveis - abordar a problemática da selecção das variáveis a escolher implica desde já referir que, se se tiver em conta que toda a observação da realidade é selectiva, corremos o risco, por uma selecção mal feita, de perder informação acerca de aspectos que, focados de outro ponto de vista teórico, podem ser relevantes.

Apesar de inúmeras investigações realizadas, não existe um consenso quanto ao estabelecimento de um modelo de variáveis válido para os diferentes estudos de diferenciação residencial (Joseba, 1989). Apesar das discrepâncias existentes nesses estudos, o mesmo autor refere parecer existir um consenso na determinação das dimensões a incluir e que devem servir de guia na selecção das variáveis.

Quanto às **dimensões** (Joseba, 1989), a profissão ou ocupação e o nível de instrução constituem excelentes indicadores do lugar ocupado na estratificação social e fazem parte do chamado *rank social* ou estilo de vida. Em segundo lugar, a necessidade de captar a influência na mudança social na família leva-nos a considerar um conjunto de indicadores que reflectam o modo como o modelo urbano afecta a família: taxa de fertilidade, percentagem de mulheres que trabalham fora de casa e percentagem de vivendas unifamiliares. Em terceiro lugar, existe um outro conjunto de variáveis que se agrupam em torno de um outro factor, denominado por segregação (pela posição que ocupa um grupo para além de um determinado ponto de afastamento) ou origem social (pela referência à procedência da população residente): lugar de nascimento, grupo étnico de pertença, procedência. Sobre esta última dimensão não possuímos, infelizmente, dados para integrar no presente estudo.

Procurando respeitar estas dimensões e sugestões de variáveis, conjugando com as variáveis propostas por Almeida (1994) e tendo em conta os objectivos do nosso

estudo, elegeram-se inicialmente 27 variáveis, (Quadro 7.1), a partir das quais se criou um ficheiro de dados, no programa STATISTICA para Windows (versão 4.0, 1993), com o qual foi produzida a respectiva matriz de correlações. O objectivo consistiu em depurar aquelas variáveis cujo poder explicativo era pequeno ou nulo, que não traziam nada à explicação pelo seu carácter repetitivo. Tratou-se de reduzir ao máximo o número de variáveis a considerar sem perder capacidade explicativa.

Quadro 7.1 - Indicadores inicialmente escolhidos para tratamento multivariado

1.	Taxa de desemprego geral	15.	% domésticas
2.	% Analfabetos sobre a população c/ 10 anos ou +	16.	% técnicos e funcionários médios
3.	% População sem estudos c/ 10 anos ou +	17.	% trabalhadores administrativos
4.	% População c/ ensino superior	18.	% profissionais e técnicos superiores
5.	% População com menos de 15 anos	19.	% população c/ banho
6.	% População com mais de 65 anos	20.	% população c/ água canalizada
7.	% População ocupada na indústria	21.	% população c/ electricidade
8.	% População ocupada nos serviços	22.	% população que vive em barracas ou similares
9.	% População ocupada na construção civil	23.	Taxa de utilização do parque em resid. habitual
10.	% Habitações com mais de 5 divisões	24.	Famílias/alojamentos
11.	% Edifícios com 1 alojamento	25.	% de trabalhadores rurais
12.	% Reformados	26.	% de alojamentos para uso sazonal
13.	% População ocupada na agricultura	27.	% alojamentos com o ocupante ausente
14.	% mulheres ocupadas sobre a pop.fem.pot.activa		

Fonte: Anexo C-1

A matriz de correlações entre estas 27 variáveis (Anexo C-2) revelou que algumas delas apresentavam correlação significativa entre si ($p < 0.05$), conforme se resume no Quadro 7.2.

Quadro 7.2 - Número de correlações significativas ($p < 0.05$) entre cada variável e as restantes

Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas
1.	2	8.	11	15.	16	22.	0
2.	15	9.	8	16.	12	23.	3
3.	16	10.	2	17.	8	24.	3
4.	16	11.	14	18.	9	25.	15
5.	4	12.	7	19.	11	26.	2
6.	14	13.	15	20.	11	27.	0
7.	1	14.	16	21.	11		

Fonte: Anexo C-2

Decidiu-se eliminar as seguintes variáveis:

Variável 1, Taxa de desemprego, apenas se correlacionava com significado com a população ocupada nos serviços (positivamente) e com a percentagem de domésticas (negativamente);

Variável 5, % de população com menos de 15 anos, que apenas se correlacionava negativamente com a % de analfabetos sobre a população com mais de 10 anos, % de população sem estudos com mais de 10 anos, a % de população com mais de 65 anos e a % de habitações com mais de 5 divisões;

Variável 7, % de população ocupada na indústria, apenas correlacionada positivamente com a % de população com água canalizada;

Variável 10, % de habitações com mais de 5 divisões, apenas correlacionada positivamente com a % de população com mais de 65 anos e negativamente com a população com menos de 15 anos;

Variável 22, % da população que vive em barracas ou similares que não se correlaciona significativamente com nenhuma das variáveis escolhidas; já anteriormente tínhamos verificado a pequena expressão a nível concelhio desta variável;

Variável 23, taxa de utilização do parque em residência habitual, correlacionada positivamente com a % de edifícios de 1 alojamento e número de famílias/alojamento, e negativamente com a % de alojamentos para uso sazonal;

Variável 24, Famílias/alojamento, correlacionada positivamente com a % de edifícios com 1 alojamento e a taxa de utilização do parque em residência habitual, e negativamente com a % de alojamentos para uso sazonal;

Variável 26, % de alojamentos par uso sazonal, apenas correlacionada negativamente com a taxa de utilização do parque em residência habitual e o número de famílias/alojamento; e

Variável 27, % de alojamentos com o ocupante ausente, não correlacionada significativamente com qualquer das variáveis escolhidas.

No final, foram seleccionadas 18 variáveis (Anexo C-3) que relacionamos no Quadro 7.3, cuja matriz de correlações consta em anexo (Anexo C-4).

Quadro 7.3 - Número de correlações significativas ($p < 0.05$) entre as variáveis seleccionadas

Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas	Número da variável	Número de correlações significativas
2.	14	9.	8	15.	15	20.	10
3.	15	11.	12	16.	12	21.	11
4.	16	12.	7	17.	8	25.	15
6.	12	13.	15	18.	9		
8.	10	14.	16	19.	11		

Fonte: Anexo C-4

A técnica de análise seleccionada para o tratamento em análise multivariada foi a análise classificatória hierárquica (Gomes, 1987) (Legendre e Legendre, 1979), que passaremos a descrever.

A análise classificatória hierárquica faz parte da análise multivariada que por sua vez é o ramo da Matemática que trata do exame simultâneo de várias variáveis. Todo o tratamento da informação foi feito utilizando o programa STATISTICA para WINDOWS (versão 4.0, 1993).

O objectivo da aplicação desta técnica é, em primeiro lugar, agrupar as unidades de amostragem (freguesias) em classes, análise de tipo Q (Legendre e Legendre, 1979) cujos membros possuam uma ou mais características que os distingam dos membros de outros grupos formados, e assim encontrar grupos de freguesias dentro do grupo das 16 freguesias do concelho.

A classificação permite definir uma estrutura para os dados (Legendre e Legendre, 1979) já que o agrupamento das freguesias em conjuntos mutuamente exclusivos exclui a possibilidade de uma freguesia se incluir em mais que um conjunto.

Esta estrutura identifica-se pela existência de freguesias suficientemente semelhantes à luz das variáveis consideradas e permite a sua descrição baseada nas suas semelhanças.

No presente caso utilizaram-se as semelhanças entre as unidades de amostragem (freguesias). As distâncias entre as unidades de amostragem são posicionadas no hiperespaço das características (indicadores) de modo a que a sua distância nos dê a sua dissemelhança e assim possamos agrupar as unidades de amostragem (freguesias) pelas distâncias mínimas entre elas e posteriormente proceder à sua classificação. (Ludwig & Reynolds, 1988). Pretendeu-se assim que cada freguesia fosse incluída numa classe distinta de outras por uma ou mais características mensuráveis.

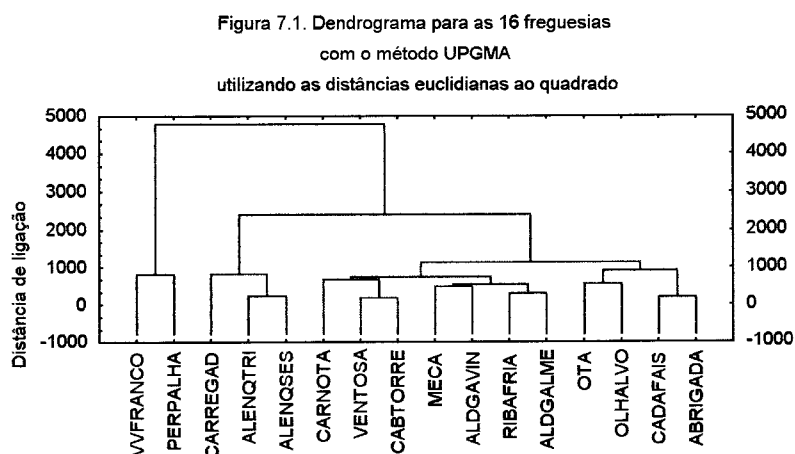
Procedeu-se a uma classificação hierárquica politética aglomerativa (Legendre e Legendre, 1979). Nos sistemas hierárquicos os grupos num determinado nível de classificação são subconjuntos exclusivos de grupos de níveis mais elevados. Cada freguesia vai pertencer a um subconjunto que por sua vez a outro nível de classificação pertencerá a um conjunto de nível mais elevado e as organizará hierarquicamente pelas distâncias que apresentam entre si. É uma classificação politética visto que o critério de aglomeração das freguesias é baseado em várias características. É utilizado o método aglomerativo visto que as unidades de amostragem (freguesias) vão sendo combinadas e recombinadas sucessivamente até se chegar ao conjunto geral (o concelho).

Introduzida a matriz de 16 linhas (as unidades de amostragem - freguesias) por 18 colunas (as características - indicadores) no programa STATISTICA para WINDOWS (versão 4.0, 1993), iniciou-se o processo de agrupamento sucessivo das unidades de amostragem.

O primeiro problema que se colocou foi saber como medir as distâncias entre os grupos a formar e optar por uma das várias abordagens possíveis.

Após várias tentativas entre as oferecidas pelo programa, confirmou-se como mais adequada ao presente estudo a distância euclidiana ao quadrado (Squared Euclidean Distance) e o método da média do grupo em que a distância entre dois grupos é definida como a média das distâncias entre todos os pares de elementos, um de cada grupo. Esta média aritmética (não ponderada) de grupos de pares (Unweighted Pair-Groups Method using arithmetic Averages - UPGMA) é em geral recomendada já que maximiza a correlação entre os valores da matriz de dissimilaridades e as que derivam do dendrograma resultante, usando o nível mínimo a que se podem juntar duas unidades no dendrograma. Também se utilizou a média aritmética ponderada de grupos de pares, WPGMA (Weighted Pair-Groups Method using arithmetic Averages) recomendada por Legendre e Legendre (1979). A aplicação desta média, recomendada para minimizar o efeito do tamanho diferente de regiões de um mesmo território, não apresentou resultados diferentes nos dendrogramas.

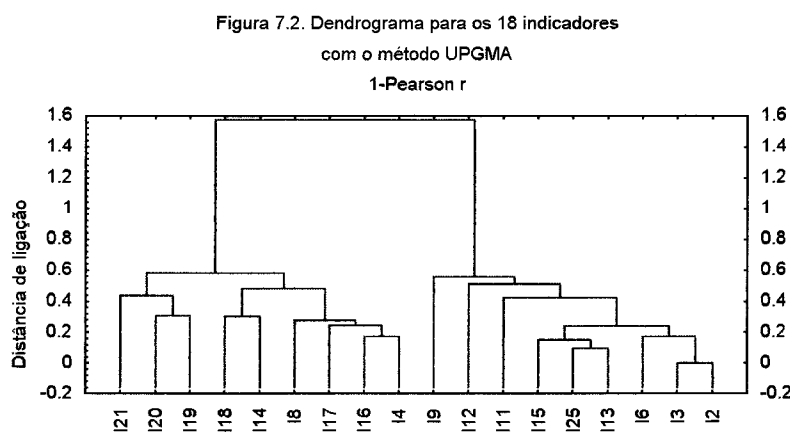
Procedeu-se ao agrupamento e obteve-se o dendrograma indicado na Figura 7.1



Podemos distinguir três grupos de freguesias: um primeiro grupo, onde se incluem 11 freguesias e cujas características estão mais próximas; um segundo grupo, constituído pelo Carregado e as duas freguesias da sede do concelho Santo Estêvão e

Triana; um terceiro grupo, constituído por Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos, aquelas que mais se distanciam do conjunto do concelho, pois são o último conjunto a associar-se às restantes.

Em seguida, procedeu-se ao agrupamento dos indicadores, numa análise de tipo R (Legendre e Legendre, 1979) visto que neste caso procuramos associar as características (indicadores). Utilizando o mesmo método (UPGMA) e o coeficiente de correlação de Pearson, resultou um outro dendrograma (Figura 7.2.)



A análise deste dendrograma permite-nos observar o grau de proximidade entre as variáveis em função da semelhança de comportamentos.

Parece-nos possível individualizar dois grupos de indicadores que se correlacionam e confirmam a diferenciação residencial:

a) de um lado, uma forte relação entre o acesso a infraestruturas básicas, e um estatuto socioprofissional mais favorável. São o conjunto de indicadores que mais tarde se associam e por isso mais diferenciam as freguesias:

I-21 (% de população com electricidade)

I-20 (% de população com água canalizada)

I-19 (% de população com banho)

I-18 (% de profissionais e técnicos superiores)

I-14 (% de mulheres ocupadas sobre a população feminina potencialmente activa)

I-8 (% de população ocupada nos serviços)

I-17 (% de trabalhadores administrativos)

I-16 (% de técnicos e funcionários médios)

I-4 (% de população com ensino superior)

b) por outro lado, há um outro conjunto de indicadores que se associam e que nos permitem agrupar características menos favoráveis, o baixo estatuto socioeconómico que poderão pela sua correlação apontar para outro padrão de diferenciação residencial:

I-2 (% de analfabetos sobre a população com 10 ou mais anos)

I-3 (% de população sem estudos com 10 ou mais anos)

I-6 (% de população com 65 ou mais anos)

I-13 (% de população ocupada na agricultura)

I-25 (% de trabalhadores rurais)

I-15 (% de domésticas)

I-11 (% de edifícios com 1 alojamento)

I-12 (% de reformados)

Conjugando esta análise com o tratamento feito nos capítulos anteriores pensamos poder afirmar estar em presença de um território onde a diferenciação residencial se nota a nível de freguesia.

7.2. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Sendo uma análise de natureza exploratória, visto que não tínhamos elementos suficientes para construir um modelo teórico e proceder à confirmação de hipóteses, este

estudo destinou-se essencialmente a identificar a existência ou não de uma diferenciação residencial significativa.

Podemos verificar que a classificação das freguesias traduz uma diferenciação baseada numa oposição entre os espaços habitados por população essencialmente rural e a maior dificuldade no acesso a infraestruturas e equipamentos básicos por um lado e os espaços habitados por uma população com ocupação predominantemente não rural e melhor acesso às infraestruturas básicas. É esta a característica que mais as distancia. Esta diferenciação é mais notória entre as freguesias de Vila Verde dos Francos e Pereiro de Palhacana, no primeiro caso e Carregado e as freguesias da sede de concelho no segundo.

Verifica-se ainda a diferenciação no que respeita à predominância dos edifícios com um alojamento nos espaços com mais população rural em oposição à população mais habilitada profissional e literariamente.

O tratamento dos indicadores em análise classificatória permitiu-nos aperceber da diferenciação residencial existente entre as freguesias, conforme tentaremos expor de seguida.

Desde as origens do pensamento ecológico que houve uma preocupação constante em elaborar modelos gerais de distribuição ecológica. No âmbito dos estudos de diferenciação residencial, os vários autores elaboraram distintos modelos de organização do espaço residencial com o fim de averiguar se existia alguma concomitância entre eles (Joseba, 1989).

A aplicação de técnicas comuns à ecologia leva-nos a tentar estabelecer uma possível diferenciação residencial, com indicadores seleccionados do conjunto de indicadores possíveis.

Uma vez clarificados os factores de diferenciação existentes, e aceitando o facto de que constituem critérios operativos que permitem quantificar o grau de diferenciação entre os diversos conjuntos, propomos a seguinte diferenciação residencial entre as freguesias do concelho de Alenquer:

- a) Freguesias com melhores condições de acesso a infraestruturas básicas (água canalizada, banho e electricidade), menor % de população ocupada na agricultura - Carregado, Alenquer-Sto Estêvão e Alenquer-Triana. Estas freguesias também registam menor % de edifícios com um alojamento (e consequentemente um maior índice de crescimento de habitação em altura) a par de valores mais elevados no que respeita à qualificação profissional e habilitações literárias da sua população residente.
- b) Freguesias com maiores % de população ocupada na agricultura e % de edifícios com um alojamento, e simultaneamente com menor acesso a infraestruturas básicas - Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos. São as que mais se distanciam das restantes em relação aos indicadores tratados.
- c) Freguesias com características mais comuns ao primeiro grupo apresentado, as restantes 11: Abrigada, Aldeia Galega, Aldeia Gavinha, Cabanas de Torres, Cadafais, Carnota, Meca, Olhalvo, Ota, Ribafria e Ventosa. Verificámos que neste conjunto Carnota e Ribafria se diferenciam por apresentarem maior % de população ocupada na agricultura e edifícios com um alojamento, revelando alguma proximidade em relação às características do conjunto anterior.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distribuição das variáveis estudadas, o seu comportamento e a sua inter-relação não nos permitem explicar a diferenciação residencial mas permitem-nos compreender como ela se pode estar a dar.

Os factores de diferenciação encontrados, através da análise, não são mais do que dimensões que diferenciam os grupos populacionais e a sua validade está dependente do grau de generalização que alcancem. Nunca devem ser confundidos com causas de diferenciação. Estas dimensões variam com as relações económico-políticas dominantes e a sua determinação exigiria um estudo de natureza diferente.

O que é possível reter são as principais marcas de diferenciação residencial, tendo em conta a opção inicial de escolher indicadores referentes à população, à família e à habitação.

Em termos globais verificou-se que apesar da diminuição da população residente, aumentaram o número de famílias e de alojamentos clássicos. Esta ocorrência passou-se num contexto de diminuição média do número de membros por família, num duplo envelhecimento da população e numa melhoria geral das condições de habitação.

No entanto a nível de freguesia, este estudo revelou algumas desigualdades, que nos permitem diferenciar conjuntos de freguesias.

Num primeiro conjunto, Carregado, com marcas de periurbanização e a sede de concelho, com Triana e Santo Estêvão. Esta área contínua é a que melhor se posicionada se encontra em termos de acessibilidade. A sua atracção permite definir uma ocupação mais concentrada de habitação, com maior % de edifícios com mais de um alojamento mais bem dotada de infra-estruturas básicas e com uma população mais jovem e mais

ligada aos sectores secundário e terciário, registando em simultâneo os indicadores de instrução mais favoráveis.

Um segundo conjunto, correspondente à maioria das freguesias do concelho, de características próximas às reveladas pelos valores globais do concelho.

Um terceiro conjunto, aquele que mais se afasta dos restantes, constituído por Pereiro de Palhacana e Vila Verde dos Francos, definido principalmente pelas suas características periféricas: maiores valores relativos de activos agrícolas, com menos acesso a infraestruturas básicas, correspondendo simultaneamente às freguesias com a população mais envelhecida e com indicadores mais desfavoráveis em termos de instrução. A elevada % de reformados aponta para esta área se poder tornar num espaço residual com características repulsivas, visto que foi aquele onde se registaram maiores quebras nos valores da população. São, simultaneamente, as freguesias com maior percentagem de reformados, domésticas e idosos, e com a conseqüente menor percentagem de famílias que auferem de rendimento duplo.

O aumento da urbanização e a tendência para a concentração da população nos aglomerados mais importantes ainda acentua mais este afastamento entre as freguesias mais rurais e envelhecidas e as mais dinâmicas do ponto de vista demográfico.

Apesar de se tratar de um estudo exploratório, reconhece-se que é manifestamente insuficiente a presente abordagem à problemática da diferenciação residencial no concelho.

Nos anos mais recentes a urbanização tem aumentado e as áreas que maior dinamismo demográfico revelaram neste estudo continuam a atrair população.

Como perspectivas para um desenvolvimento futuro apontam-se dois passos:

O primeiro passo consiste numa actualização da informação tratada para caracterizar o estado actual da população, famílias e habitação, por recolha directa.

O segundo passo, como complemento da aplicação da presente metodologia, a elaboração de um estudo de satisfação residencial (Amérigo, 1995), que reflecta a percepção da população face aos padrões mais evidentes de diferenciação residencial encontrados: por um lado, espaços com características periurbanas, por outro, espaços com características rurais. A qualidade de vida neste território em transformação passa também pela satisfação residencial da população que nele vive e permite inter-relacionar o sistema-homem com o sistema-ambiente através da urbanização, como pretendemos abordar neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João F.; CAPUCHA, Luís (1994): Exclusão Social, Factores e Tipos de Pobreza em Portugal, 2ªed, Celta Editora, Oeiras

AMÉRIGO, María, (1995): Satisfacción residencial - Un análisis psicológico de la vivienda y su entorno, col. Alianza Universidad nº823, Madrid

BANDEIRA, Mário L. (1996): Demografia e Modernidade, Família e Transição Demográfica em Portugal, col. Análise Social, ICS, INCM, Lisboa

BRUN, André; CAVAILHÈS, Jean; PERRIER-CORNET, Philippe; SCHMITT, Bertrand (1992): Les espaces ruraux revisités , *Revue d'Économie Régionale et Urbaine*, nº1: 37-66, ed.INRA, Dijon

CAPELLA, Vicente Bellver (1994): Ecología: de las razones a los derechos, colección Ecorama, nº4, Editorial Comares, Granada

CARDOSO, Abílio (1996): Do desenvolvimento do planeamento ao planeamento do desenvolvimento, Col. Cidade em Questão, nº10, Edições Afrontamento, Departamento de Engenharia Civil da FEUP, Porto

CHAPIUS, R. (1995): L'espace périurbain: une problématique à travers le cas bourguignon, *L'Information Géographique*, 59: 113-125, Armand Colin, Paris

CONCEIÇÃO, Paulo (1992): Provisão da Habitação e suas transformações (O concelho de Braga nos anos 80), Trabalho de síntese integrado em provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto

CONCEIÇÃO, Paulo (1996): As Condições de Habitação na Área Metropolitana do Porto, *Estatísticas & Estudos Regionais*, 10: 16-34, Jan-Abr96, INE, Porto

DAVEAU, Suzanne (1995): Portugal Geográfico, Edições João Sá da Costa, Lisboa

FONSECA, M. Lucinda (1996): “Transformações demográficas e recomposição social da população. Da desertificação do interior à litoralização e urbanização de Portugal” , História dos Municípios e do Poder Local: 462-493, Círculo de Leitores, Lisboa

GOMES, Manuel do C. (1987): Análise Factorial em Ecologia, Trabalho de síntese elaborado em cumprimento parcial dos requisitos para as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Departamento de Biologia Vegetal, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa

GONÇALVES, A. Custódio (1992): Questões de Antropologia Social e Cultural, Biblioteca das Ciências do Homem, nº3, Edições Afrontamento, Porto

GUERRA, Isabel (1997): Um olhar sociológico sobre o alojamento, Sociologia, Problemas e Práticas, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Departamento de Sociologia, ISCTE, Lisboa

HAWLEY, Amos (1991): Teoría de la Ecología humana, Editorial Tecnos, Barcelona

I.N.E. (1930): VII Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1940): VIII Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1950): IX Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1960): X Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1970): XI Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1981): XII Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

I.N.E. (1991): XIII Recenseamento Geral da População, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

JOSEBA, Jon; AURTENETXE, Leonardo (1989): Estructura urbana y diferenciación residencial: El caso de Bilbao, Monografías, nº108, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid

KAYSER, Bernard; BRUN, André; CAVAILHÈS, Jean, LACOMBE, Philippe (1994): Pour une ruralité choisie, DATAR, Editions de l'Aube, Paris

LEGENDRE, Louis; LEGENDRE, Pierre (1979): Ecologie Numérique, Tome 2, La structure des données écologiques, Masson, Les Presses de l'Université du Québec, Paris

LUDWIG, John A. ; REYNOLDS, James F. (1988): Statistical ecology, a primer on methods and computing, John Wiley & Sons, Inc., New York

MALDONADO, Jesús L. ; ALCALÁ, Luis C. (1995): La dimensión de la ciudad, Monografías, nº145, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid

MARTÍN, António; CAMPOY, M.Rosique; VÁZQUEZ, F.Segado (1996): Ordenación del territorio, Grupo de Investigación Ingeniería Cartográfica Y Ordenación del Territorio, Universidad de Murcia

MARTINS, José E. ; MELO, António O. ; GUAPO, António R. (1989): O Concelho de Alenquer 1, Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia, 2ªed, Câmara Municipal de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer

NAZARETH, J. Manuel (1988): Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa, Ed. Presença, Lisboa

NAZARETH, J. Manuel (1993): Demografia e ecologia humana, *Análise Social*, vol.XXVIII (123-124), Lisboa

NAZARETH, J. Manuel (1996): Introdução à Demografia, *Teoria e Prática*, col.Fundamentos nº8, Ed. Presença, Lisboa

NEVES, João C. A. F. (1995): Iniciativas de Desenvolvimento Local em Meio Rural, Dissertação de mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional, Universidade de Lisboa, Lisboa

ORIZO, Francisco A. (1996): Sistemas de Valores en la España de los 90, Monografias, nº150, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid

P.D.M. (1992): Plano Director Municipal, Câmara Municipal de Alenquer, Estudos de Caracterização, URBITEME

P.D.M. (1995): Regulamento do Plano Director Municipal de Alenquer, Diário da República - I Série-B, N°38, 14 de Fevereiro

PEIXOTO, João; FERREIRA, J.M. Carvalho (1993): A Sociologia Rural e o Desenvolvimento Rural em Portugal - História, Tendências Recentes e Perspectivas, SOCIUS, ISEG, Lisboa

REIS, José (1996): O Desenvolvimento Local: condições e possibilidades, Desenvolvimento e Acção Local, Fim de Século Edições, Lisboa

RODRÍGUEZ, Josep A. (1994): Envejecimiento y Familia, col. Monografias, nº137, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid

SANTOS, Boaventura de S. (1987): Um Discurso sobre as Ciências, 6ªed, Edições Afrontamento, Porto

SANTOS, Boaventura de S. (1995): Pela Mão de Alice - O Social e o Político na Pós-Modernidade, 4ªed, Edições Afrontamento, Porto

TELLES, Gonçalo R. (1987): A integração campo/cidade, *Povos e Culturas*, 2: 421-444, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

TORRES, Adelino (1996): Demografia e Desenvolvimento: elementos básicos, col. Trajectos Portugueses, nº31, Gradiva, Lisboa

USSEL, Julio I. (1995): Família, *Revista de estudios sociales y de sociologia aplicada*, 101: 133-166, ed. Síntesis, Madrid

VINUESA, Julio ; **ZAMORA**, Francisco; **GÈNOVA**, Ricard; **SERRANO**, Pedro; **RECAÑO**, Joaquín (1994): Demografia, Análisis y Proyecciones, col. Espacios y Sociedades, Serie General, nº9, Editorial Síntesis, Madrid

ANEXOS

ANEXO - A

**DISTRIBUIÇÃO DE AGLOMERADOS URBANOS NO CONCELHO DE
ALENQUER, POR FREGUESIA, EM 1995**

QUADRO A.1. Distribuição de Aglomerados Urbanos no concelho de Alenquer, por freguesia, em 1995

FREGUESIA	Aglomerados urbanos Tipo A	Aglomerados urbanos Tipo B	Aglomerados urbanos Tipo C
Abrigada	Abrigada Cabanas do Chão	Atouguia Bairro Estribeiro	Casais da Pedreira Marés
Aldeia Galega	Aldeia. Galega Merceana Merceana	Arreiro Barbas Casais Brancos Forno da Telha Paiol Vale Benfeito	Corujeira Venda
Aldeia Gavinha	Aldeia Gavinha	Freixial do Meio Mata Montegil	Casais Maçaricos Casais de S.Martinho Mossorovia Sobreiros Tojal
Cabanas de Torres	Cabanas de Torres	Paúla	
Cadafais	Cadafais Casais da Marmeleira	Quinta das Preces Refugiados	Casais da Pimenta Casais da Amoreira Casalinho Curvaceira Quinta dos Carvalhos
Carnota	Santana da Camota	Antas Casal das Eiras Pipa	Boafaria Calçada Canhestro Casal das Balas Cabeços Casal da Marinela Vale Reis Casal do Zambujal Gafaria Gavinheira Moinho de Vento Quinta do Leão Rabadana Serra Silveira da Machoa Soupo
Carregado	Carregado	Casal Pinheiro	Casal Telhada Meirinha Vale Flores
Meca	Meca	Bogarréus Canados Catém Cassoaria Espicandeira Fiandal	Barroca da Rega Casais da Marinela Casais Pedreira Lima Casais da Ribeira Casais de S.Brás Casais das Barreiras Casal Monteiro Vale de Ossa
Olhalvo	Olhalvo	Penafirme da Mata Pocariça	Casais da Laje Casais da Ramalheira Casal do Perdigoto Casal Vale de Homem Pousoa
Ota	Ota	Paços	Boteco Aldeia Casais do Salgueiral Vidigueira
Pereiro de Palhacana	Pereiro de Palhacana	Mata	Bonvizinho Calçada Lajes da Freiria Palhacana Sequeiros Soeiro Cunhado Valverde
Ribafria	Ribafria	Azedia Mato Silveira Pinto	Azenhas das Machadas Cameiros Palaços Sobreiros

Santo Estêvão	Alenquer	Pancas Pedra de Ouro	Cabeços Casal do Amaral Casal Barroso Casal da Cabreira Casal da Choça Casal do Isidro Casal do Pipalete Casal de S.Francisco Casal Silvestre Casal da Teresa Moça Crespo Horta dos Vimes Pacheca Parrotes Pedrulho Pocarinho Quinta dos Bairros Quinta de S.Clemente Quintinha
Triana	Alenquer Camarnal Cheganças	Albarróis Carapinha	Alto da Boavista Casal do Relógio Casal do Vale Crespo Murganheira Paulas Porto da Luz Bemposta Vale Figueiras
Ventosa	Penafirme da Ventosa	Atalaia Freixial de Cima Labrugeira Penedos de Alenquer Penuzinhos Quentes Vila Chã	Casais Galegos Cortegana Parreiras Pousoa
Vila Verde Francos	Vila Verde Francos	Casais da Fonte Pipa Lapaduços Portela	Casal de Almónia Casal do Chorão Casais da Foroana Casais Galegos Casais da Piedade Casais da Relva Casal Fetal Portela do Sol Rabissaca Rechaldeira Rodeio
Concelho de ALENQUER	20	46	99

Fonte: PDM (1995), tratamento próprio

NOTA: Os totais concelhios nos aglomerados de tipo A e C não coincidem com a totalidade dos lugares indicados visto que em relação ao tipo A, Alenquer encontra-se distribuída pelas freguesias de Santo Estêvão e Triana; em relação ao tipo C há também 5 lugares que pertencem simultaneamente a duas freguesias, a saber, Cabeços (Carnota e Santo Estêvão), Calçada (Carnota e Pereiro de Palhacana), Casais da Marinela (Meca e Carnota), Pousoa (Olhalvo e Ventosa) e Sobreiros (Aldeia Gavinha e Ribafria).

ANEXO - B

**ESTRUTURA ETÁRIA, PIRÂMIDES DE IDADES E ÍNDICES-RESUMO DAS
FREGUESIAS DO CONCELHO DE ALENQUER EM 1991**

E

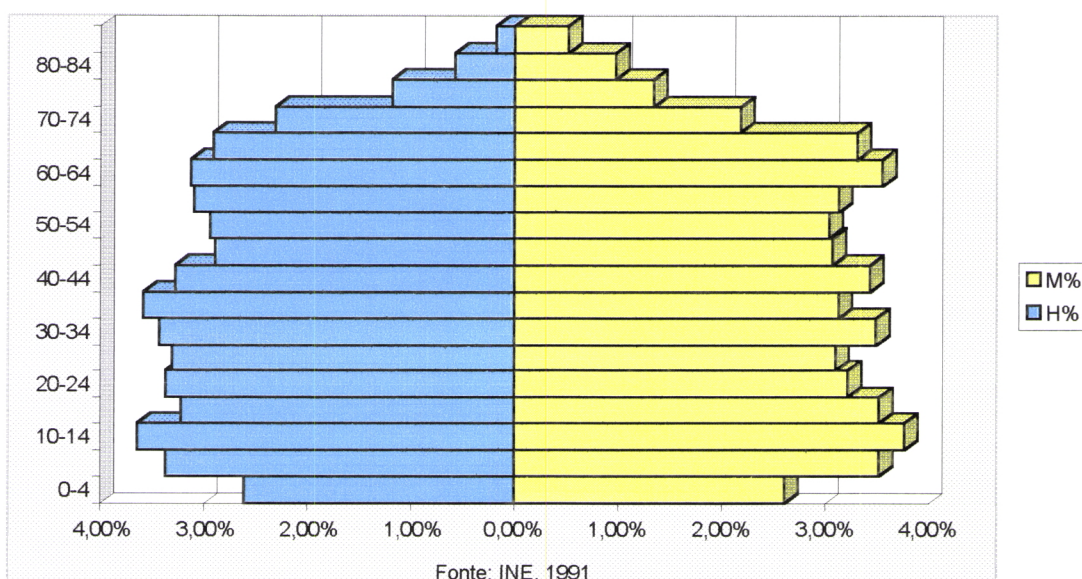
**ESTRUTURA ETÁRIA, PIRÂMIDES DE IDADES E ÍNDICES-RESUMO DO
CONCELHO DE ALENQUER ENTRE 1960 E 1991**

QUADRO B.1 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE ABRIGADA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	172	5,2	86	2,6	86	2,6
5-9	227	6,9	111	3,4	116	3,5
10-14	244	7,4	120	3,6	124	3,8
15-19	222	6,7	106	3,2	116	3,5
20-24	217	6,6	111	3,4	106	3,2
25-29	211	6,4	109	3,3	102	3,1
30-34	228	6,9	113	3,4	115	3,5
35-39	221	6,7	118	3,6	103	3,1
40-44	221	6,7	108	3,3	113	3,4
45-49	196	6,0	95	2,9	101	3,1
50-54	197	6,0	97	2,9	100	3,0
55-59	205	6,2	102	3,1	103	3,1
60-64	220	6,7	103	3,1	117	3,6
65-69	205	6,2	96	2,9	109	3,3
70-74	148	4,5	76	2,3	72	2,2
75-79	83	2,5	39	1,2	44	1,3
80-84	51	1,5	19	0,6	32	1,0
85+	23	0,7	6	0,2	17	0,5
Total	3291	100,0	1615	49,1	1676	50,9

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Abrigada em 1991



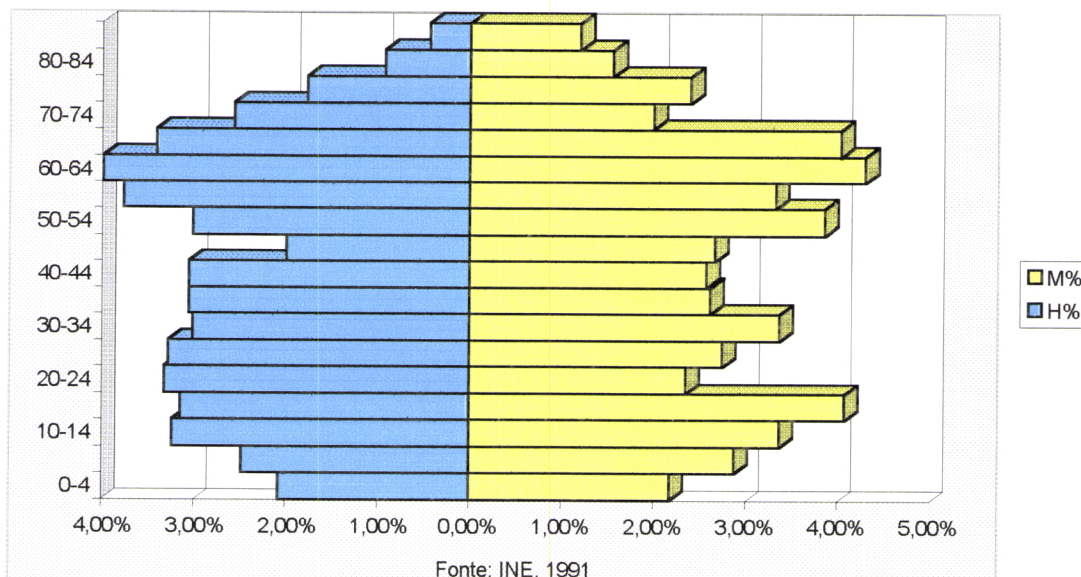
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Abrigada	126	79	30	24	54	106	101	76

QUADRO B.2 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE ALDEIA GALEGA DA MERCEANA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	96	4,3	47	2,1	49	2,2
5-9	121	5,4	56	2,5	65	2,9
10-14	149	6,6	73	3,2	76	3,4
15-19	163	7,2	71	3,1	92	4,1
20-24	128	5,7	75	3,3	53	2,3
25-29	136	6,0	74	3,3	62	2,7
30-34	144	6,4	68	3,0	76	3,4
35-39	128	5,7	69	3,1	59	2,6
40-44	127	5,6	69	3,1	58	2,6
45-49	105	4,7	45	2,0	60	2,7
50-54	155	6,9	68	3,0	87	3,9
55-59	160	7,1	85	3,8	75	3,3
60-64	187	8,3	90	4,0	97	4,3
65-69	168	7,4	77	3,4	91	4,0
70-74	103	4,6	58	2,6	45	2,0
75-79	94	4,2	40	1,8	54	2,4
80-84	56	2,5	21	0,9	35	1,6
85+	37	1,6	10	0,4	27	1,2
Total	2257	100,0	1096	48,6	1161	51,4

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Aldeia Galega da Merceana em 1991



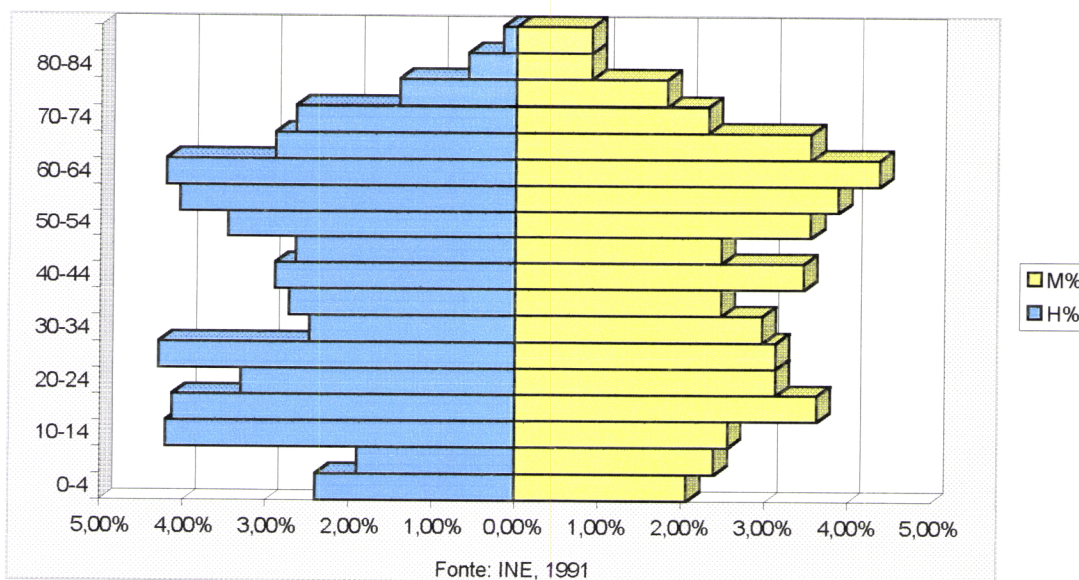
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Aldeia Galega	80	125	26	32	58	95	76	79

QUADRO B.3 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE ALDEIA GAVINHA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	54	4,5	29	2,4	25	2,1
5-9	52	4,3	23	1,9	29	2,4
10-14	82	6,8	51	4,2	31	2,6
15-19	94	7,8	50	4,1	44	3,6
20-24	78	6,4	40	3,3	38	3,1
25-29	90	7,4	52	4,3	38	3,1
30-34	66	5,5	30	2,5	36	3,0
35-39	63	5,2	33	2,7	30	2,5
40-44	77	6,4	35	2,9	42	3,5
45-49	62	5,1	32	2,6	30	2,5
50-54	85	7,0	42	3,5	43	3,6
55-59	96	7,9	49	4,0	47	3,9
60-64	104	8,6	51	4,2	53	4,4
65-69	78	6,4	35	2,9	43	3,6
70-74	60	5,0	32	2,6	28	2,3
75-79	39	3,2	17	1,4	22	1,8
80-84	18	1,5	7	0,6	11	0,9
85+	13	1,1	2	0,2	11	0,9
Total	1211	100,0	610	50,4	601	49,6

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Aldeia Gavinha em 1991



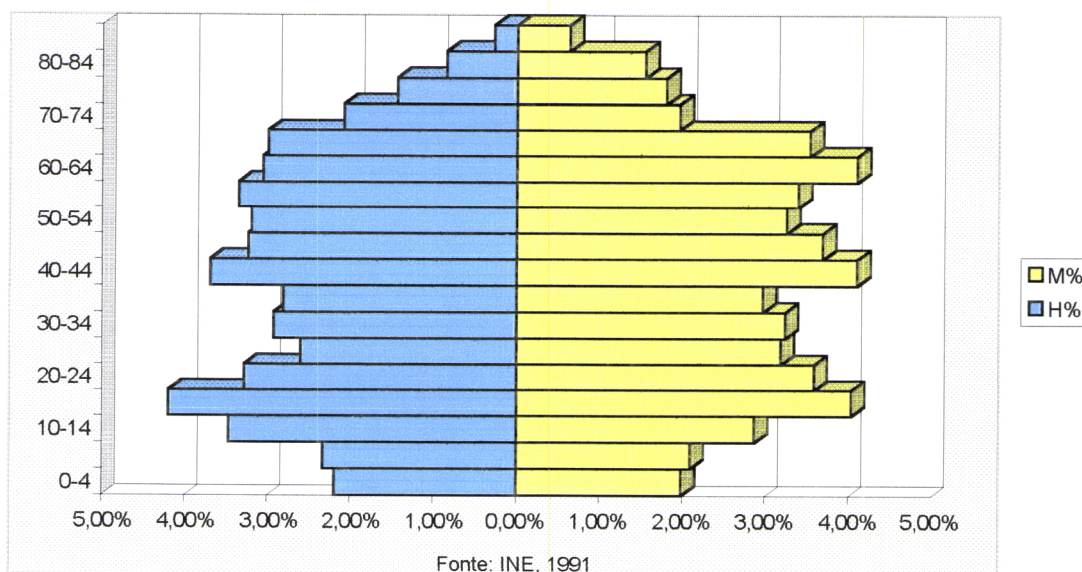
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Aldeia Gavinha	90	111	23	26	49	92	84	104

QUADRO B.4 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE ALENQUER-SANTO ESTÊVÃO, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	183	4,2	96	2,2	87	2,0
5-9	194	4,4	102	2,3	92	2,1
10-14	278	6,3	152	3,5	126	2,9
15-19	361	8,2	184	4,2	177	4,0
20-24	301	6,9	144	3,3	157	3,6
25-29	254	5,8	114	2,6	140	3,2
30-34	270	6,2	128	2,9	142	3,2
35-39	253	5,8	123	2,8	130	3,0
40-44	342	7,8	162	3,7	180	4,1
45-49	304	6,9	142	3,2	162	3,7
50-54	283	6,5	140	3,2	143	3,3
55-59	296	6,8	147	3,4	149	3,4
60-64	314	7,2	134	3,1	180	4,1
65-69	286	6,5	131	3,0	155	3,5
70-74	177	4,0	91	2,1	86	2,0
75-79	142	3,2	63	1,4	79	1,8
80-84	105	2,4	37	0,8	68	1,6
85+	40	0,9	12	0,3	28	0,6
Total	4383	100,0	2102	48,0	2281	52,0

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Alenquer-Santo Estêvão em 1991



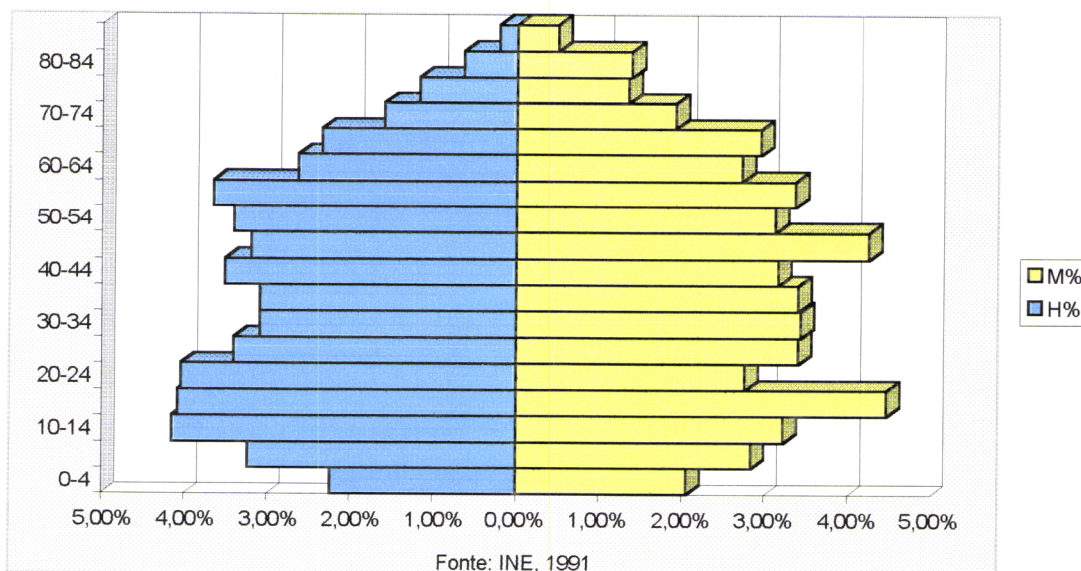
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Alenquer-Sto. Estêvão	87	115	22	25	47	94	91	94

QUADRO B-5 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE ALENQUER-TRIANA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	121	4,3	63	2,2	58	2,1
5-9	171	6,1	91	3,2	80	2,8
10-14	208	7,4	117	4,2	91	3,2
15-19	241	8,5	115	4,1	126	4,5
20-24	192	6,8	114	4,0	78	2,8
25-29	192	6,8	96	3,4	96	3,4
30-34	184	6,5	87	3,1	97	3,4
35-39	183	6,5	87	3,1	96	3,4
40-44	188	6,7	99	3,5	89	3,2
45-49	210	7,4	90	3,2	120	4,3
50-54	184	6,5	96	3,4	88	3,1
55-59	198	7,0	103	3,7	95	3,4
60-64	151	5,4	74	2,6	77	2,7
65-69	149	5,3	66	2,3	83	2,9
70-74	99	3,5	45	1,6	54	1,9
75-79	71	2,5	33	1,2	38	1,3
80-84	57	2,0	18	0,6	39	1,4
85+	20	0,7	6	0,2	14	0,5
Total	2819	100,0	1400	49,7	1419	50,3

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Alenquer-Triana em 1991



Fonte: INE, 1991

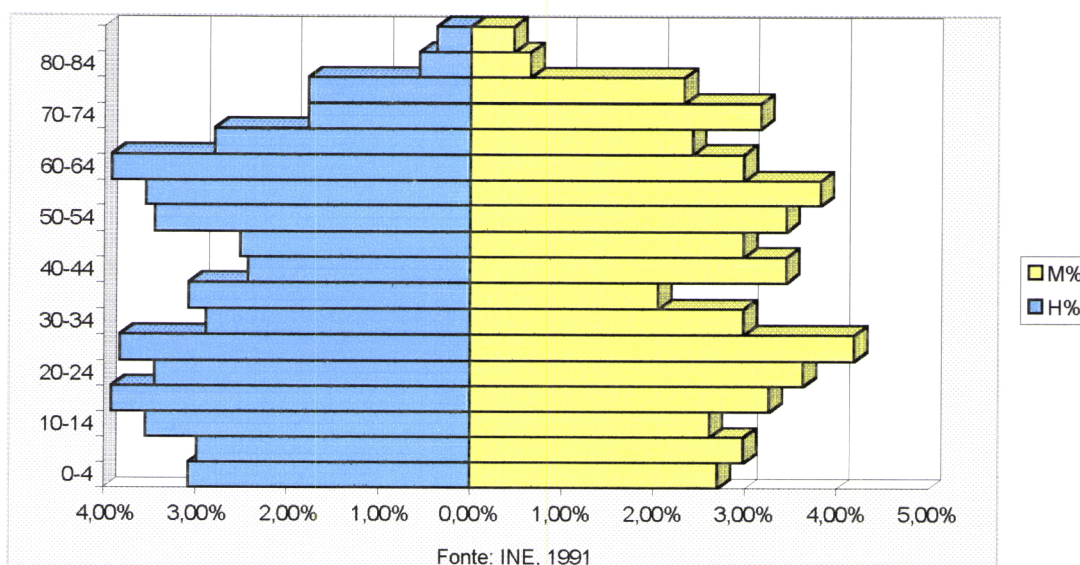
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Alenquer-Triana	126	79	26	21	47	107	110	71

QUADRO B.6 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE CABANAS DE TORRES, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	62	5,8	33	3,1	29	2,7
5-9	64	6,0	32	3,0	32	3,0
10-14	66	6,2	38	3,5	28	2,6
15-19	77	7,2	42	3,9	35	3,3
20-24	76	7,1	37	3,4	39	3,6
25-29	86	8,0	41	3,8	45	4,2
30-34	63	5,9	31	2,9	32	3,0
35-39	55	5,1	33	3,1	22	2,1
40-44	63	5,9	26	2,4	37	3,4
45-49	59	5,5	27	2,5	32	3,0
50-54	74	6,9	37	3,4	37	3,4
55-59	79	7,4	38	3,5	41	3,8
60-64	74	6,9	42	3,9	32	3,0
65-69	56	5,2	30	2,8	26	2,4
70-74	53	4,9	19	1,8	34	3,2
75-79	44	4,1	19	1,8	25	2,3
80-84	13	1,2	6	0,6	7	0,7
85+	9	0,8	4	0,4	5	0,5
Total	1073	100,0	535	49,9	538	50,1

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Cabanas de Torres em 1991



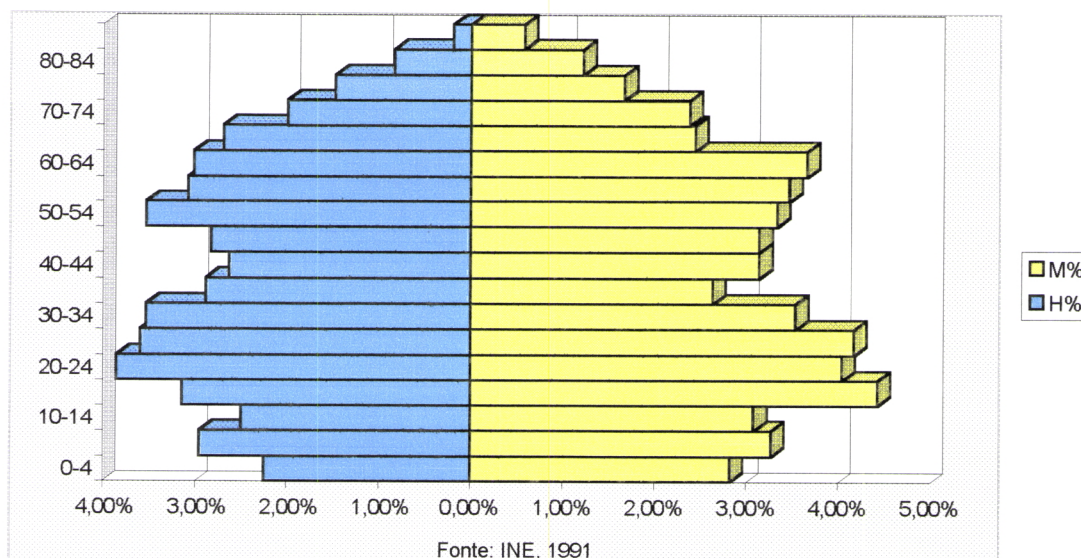
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Cabanas de Torres	110	91	27	25	52	102	106	97

QUADRO B.7 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE CADAFAIS, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	79	5,1	35	2,2	44	2,8
5-9	97	6,2	46	3,0	51	3,3
10-14	87	5,6	39	2,5	48	3,1
15-19	118	7,6	49	3,1	69	4,4
20-24	123	7,9	60	3,9	63	4,0
25-29	121	7,8	56	3,6	65	4,2
30-34	110	7,1	55	3,5	55	3,5
35-39	86	5,5	45	2,9	41	2,6
40-44	90	5,8	41	2,6	49	3,1
45-49	93	6,0	44	2,8	49	3,1
50-54	107	6,9	55	3,5	52	3,3
55-59	102	6,5	48	3,1	54	3,5
60-64	104	6,7	47	3,0	57	3,7
65-69	80	5,1	42	2,7	38	2,4
70-74	68	4,4	31	2,0	37	2,4
75-79	49	3,1	23	1,5	26	1,7
80-84	32	2,1	13	0,8	19	1,2
85+	12	0,8	3	0,2	9	0,6
Total	1558	100,0	732	47,0	826	53,0

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Cadafais em 1991



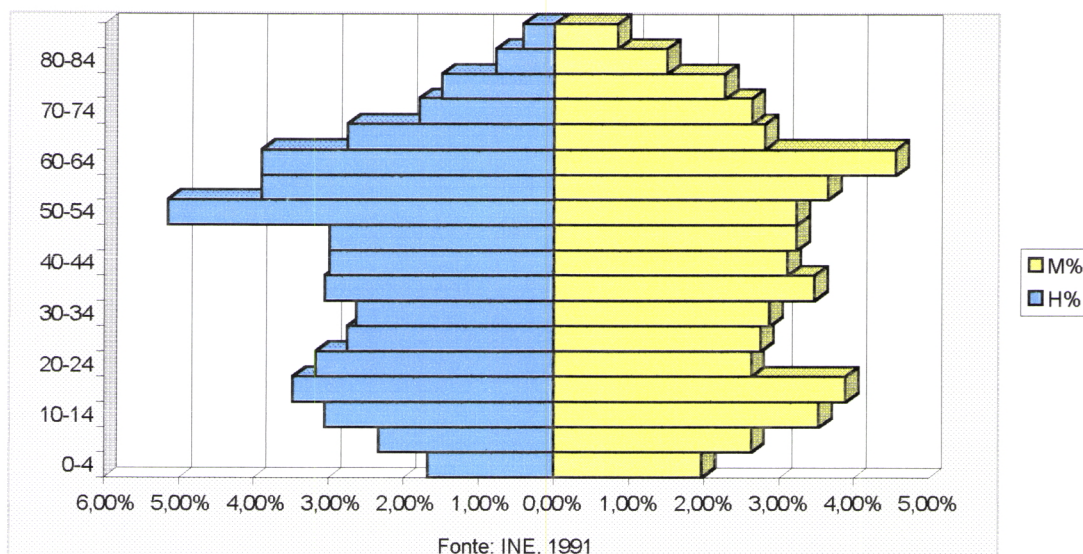
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Cadafais	109	92	25	23	48	113	118	81

QUADRO B.8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE CARNOTA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	61	3,7	28	1,7	33	2,0
5-9	83	5,0	39	2,3	44	2,6
10-14	110	6,6	51	3,1	59	3,5
15-19	123	7,4	58	3,5	65	3,9
20-24	97	5,8	53	3,2	44	2,6
25-29	92	5,5	46	2,8	46	2,8
30-34	92	5,5	44	2,6	48	2,9
35-39	109	6,5	51	3,1	58	3,5
40-44	102	6,1	50	3,0	52	3,1
45-49	104	6,2	50	3,0	54	3,2
50-54	140	8,4	86	5,2	54	3,2
55-59	126	7,5	65	3,9	61	3,7
60-64	141	8,4	65	3,9	76	4,6
65-69	93	5,6	46	2,8	47	2,8
70-74	74	4,4	30	1,8	44	2,6
75-79	63	3,8	25	1,5	38	2,3
80-84	38	2,3	13	0,8	25	1,5
85+	21	1,3	7	0,4	14	0,8
Total	1669	100,0	807	48,4	862	51,6

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Carnota em 1991



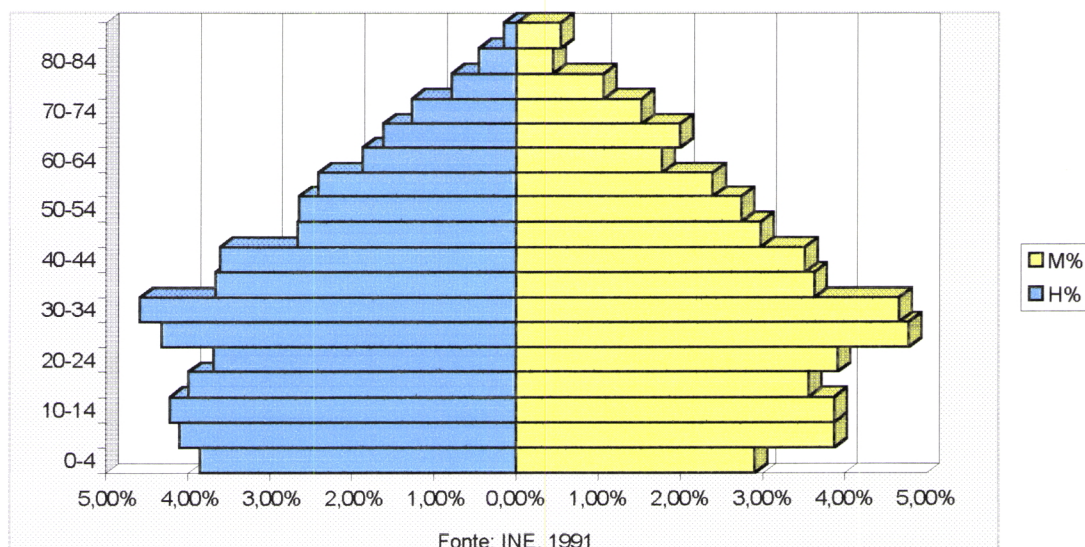
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Carnota	88	114	23	26	48	84	71	73

QUADRO B.9 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE CARREGADO, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	351	6,8	200	3,9	151	2,9
5-9	414	8,0	213	4,1	201	3,9
10-14	420	8,1	219	4,2	201	3,9
15-19	392	7,6	207	4,0	185	3,6
20-24	394	7,6	191	3,7	203	3,9
25-29	472	9,1	224	4,3	248	4,8
30-34	480	9,2	238	4,6	242	4,7
35-39	378	7,3	190	3,7	188	3,6
40-44	369	7,1	187	3,6	182	3,5
45-49	292	5,6	138	2,7	154	3,0
50-54	279	5,4	137	2,6	142	2,7
55-59	249	4,8	125	2,4	124	2,4
60-64	189	3,6	97	1,9	92	1,8
65-69	187	3,6	84	1,6	103	2,0
70-74	145	2,8	66	1,3	79	1,5
75-79	96	1,8	41	0,8	55	1,1
80-84	47	0,9	24	0,5	23	0,4
85+	36	0,7	8	0,2	28	0,5
Total	5190	100,0	2589	49,9	2601	50,1

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Carregado em 1991



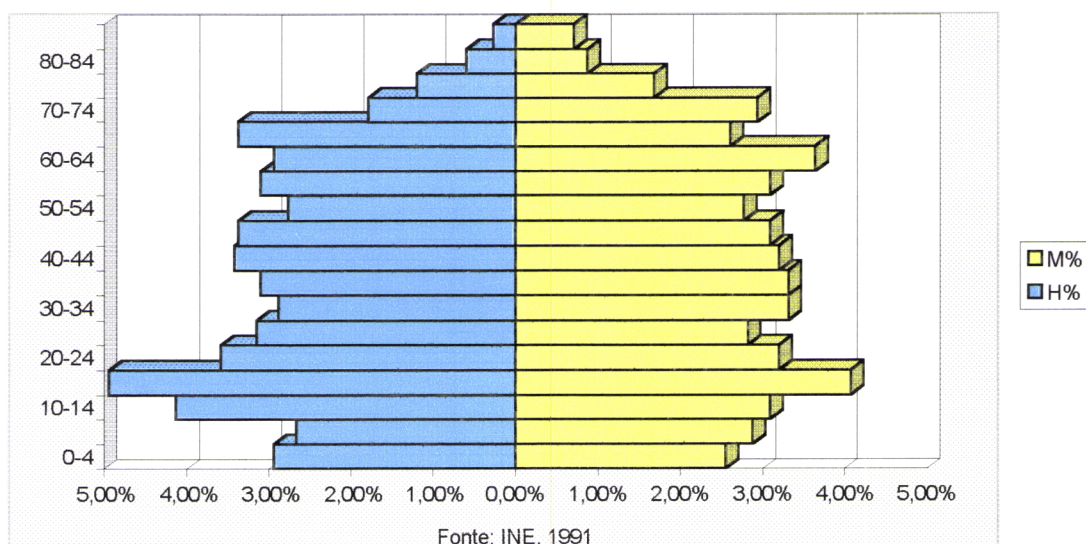
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Carregado	232	43	34	15	49	154	198	85

QUADRO B.10 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE MECA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	101	5,5	54	2,9	47	2,6
5-9	102	5,5	49	2,7	53	2,9
10-14	133	7,2	76	4,1	57	3,1
15-19	166	9,0	91	4,9	75	4,1
20-24	125	6,8	66	3,6	59	3,2
25-29	110	6,0	58	3,1	52	2,8
30-34	114	6,2	53	2,9	61	3,3
35-39	118	6,4	57	3,1	61	3,3
40-44	122	6,6	63	3,4	59	3,2
45-49	119	6,5	62	3,4	57	3,1
50-54	102	5,5	51	2,8	51	2,8
55-59	114	6,2	57	3,1	57	3,1
60-64	121	6,6	54	2,9	67	3,6
65-69	110	6,0	62	3,4	48	2,6
70-74	87	4,7	33	1,8	54	2,9
75-79	53	2,9	22	1,2	31	1,7
80-84	27	1,5	11	0,6	16	0,9
85+	18	1,0	5	0,3	13	0,7
Total	1842	100,0	924	50,2	918	49,8

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Meca em 1991



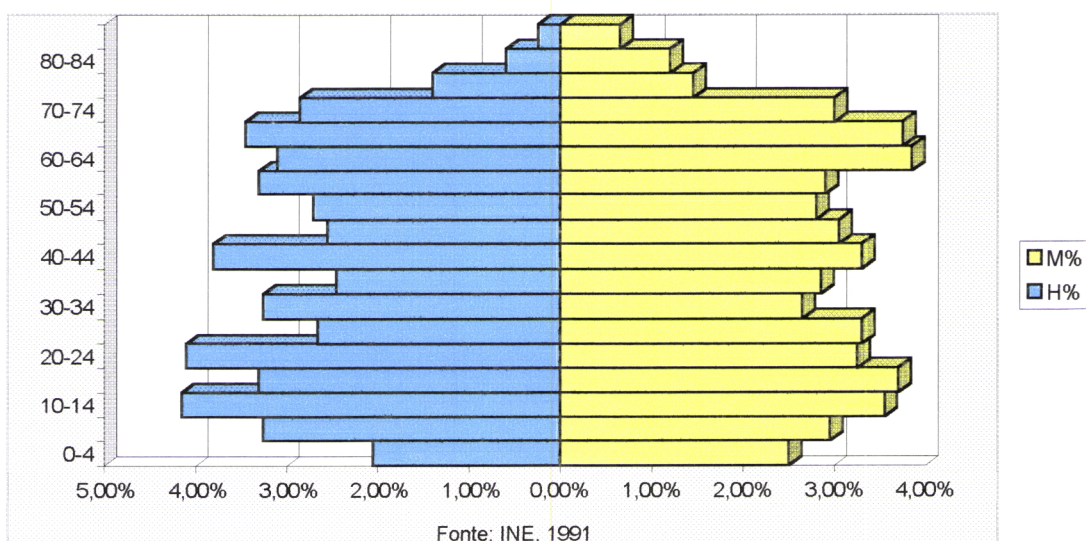
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Meca	114	88	28	24	52	110	100	99

QUADRO B.11 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE OLHALVO, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	91	4,6	41	2,1	50	2,5
5-9	124	6,2	65	3,3	59	3,0
10-14	154	7,7	83	4,2	71	3,6
15-19	140	7,0	66	3,3	74	3,7
20-24	147	7,4	82	4,1	65	3,3
25-29	119	6,0	53	2,7	66	3,3
30-34	118	5,9	65	3,3	53	2,7
35-39	106	5,3	49	2,5	57	2,9
40-44	142	7,1	76	3,8	66	3,3
45-49	112	5,6	51	2,6	61	3,1
50-54	110	5,5	54	2,7	56	2,8
55-59	124	6,2	66	3,3	58	2,9
60-64	139	7,0	62	3,1	77	3,9
65-69	144	7,2	69	3,5	75	3,8
70-74	117	5,9	57	2,9	60	3,0
75-79	57	2,9	28	1,4	29	1,5
80-84	36	1,8	12	0,6	24	1,2
85+	18	0,9	5	0,3	13	0,7
Total	1998	100,0	984	49,2	1014	50,8

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Olhalvo em 1991



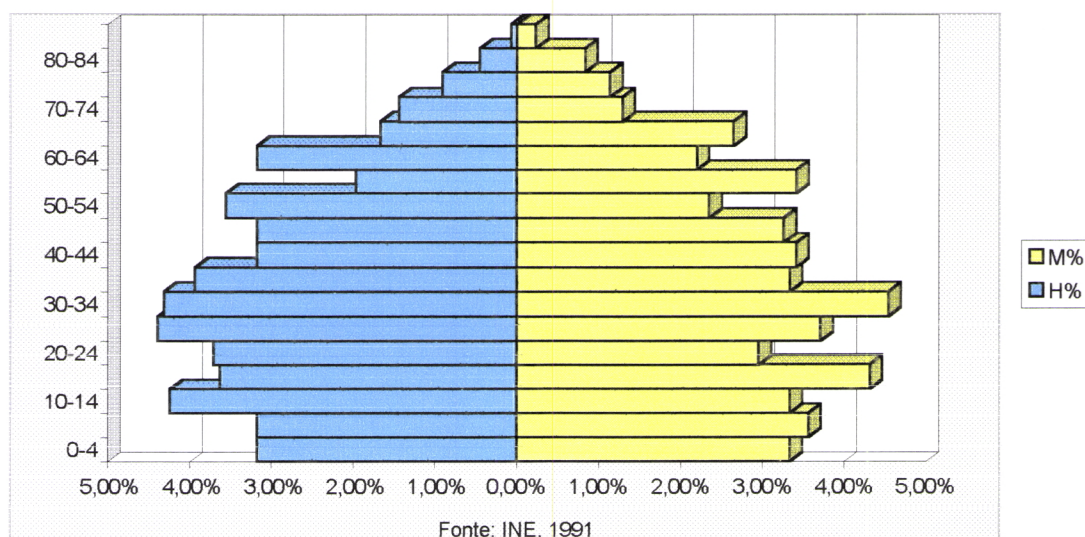
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Olhalvo	99	101	29	30	59	100	101	73

QUADRO B.12 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE OTA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	86	6,5	42	3,2	44	3,3
5-9	89	6,7	42	3,2	47	3,6
10-14	100	7,6	56	4,2	44	3,3
15-19	105	7,9	48	3,6	57	4,3
20-24	88	6,7	49	3,7	39	3,0
25-29	107	8,1	58	4,4	49	3,7
30-34	117	8,9	57	4,3	60	4,5
35-39	96	7,3	52	3,9	44	3,3
40-44	87	6,6	42	3,2	45	3,4
45-49	85	6,4	42	3,2	43	3,3
50-54	78	5,9	47	3,6	31	2,3
55-59	71	5,4	26	2,0	45	3,4
60-64	71	5,4	42	3,2	29	2,2
65-69	57	4,3	22	1,7	35	2,6
70-74	36	2,7	19	1,4	17	1,3
75-79	27	2,0	12	0,9	15	1,1
80-84	17	1,3	6	0,5	11	0,8
85+	4	0,3	1	0,1	3	0,2
Total	1321	100,0	663	50,2	658	49,8

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Ota em 1991



Fonte: INE, 1991

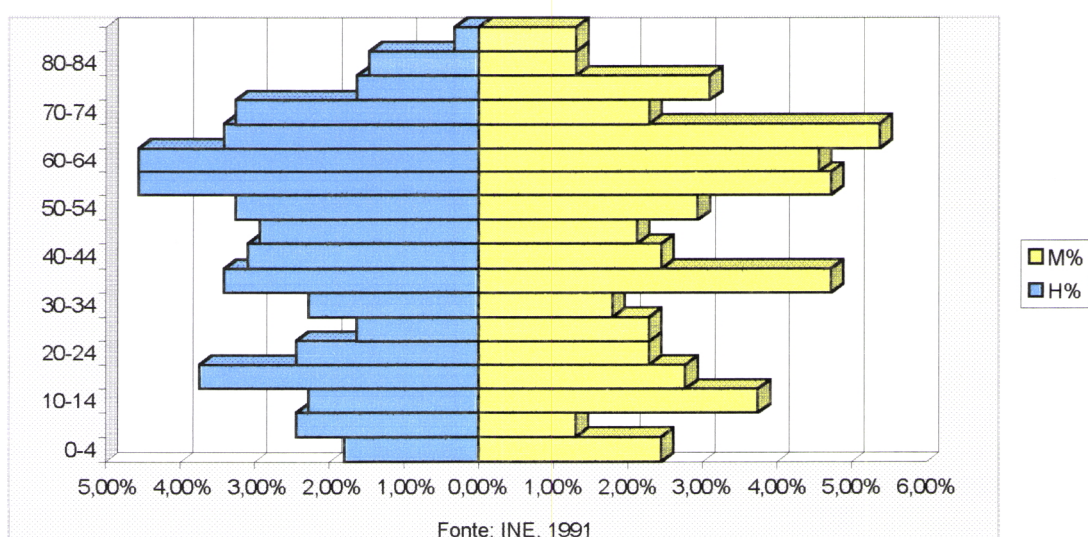
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Ota	195	51	30	16	46	131	137	97

QUADRO B.13 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE PEREIRO DE PALHACANA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	26	4,2	11	1,8	15	2,4
5-9	23	3,7	15	2,4	8	1,3
10-14	37	6,0	14	2,3	23	3,7
15-19	40	6,5	23	3,7	17	2,8
20-24	29	4,7	15	2,4	14	2,3
25-29	24	3,9	10	1,6	14	2,3
30-34	25	4,1	14	2,3	11	1,8
35-39	50	8,1	21	3,4	29	4,7
40-44	34	5,5	19	3,1	15	2,4
45-49	31	5,0	18	2,9	13	2,1
50-54	38	6,2	20	3,3	18	2,9
55-59	57	9,3	28	4,6	29	4,7
60-64	56	9,1	28	4,6	28	4,6
65-69	54	8,8	21	3,4	33	5,4
70-74	34	5,5	20	3,3	14	2,3
75-79	29	4,7	10	1,6	19	3,1
80-84	17	2,8	9	1,5	8	1,3
85+	10	1,6	2	0,3	8	1,3
Total	614	100,0	298	48,5	316	51,5

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Pereiro de Palhacana em 1991



Fonte: INE, 1991

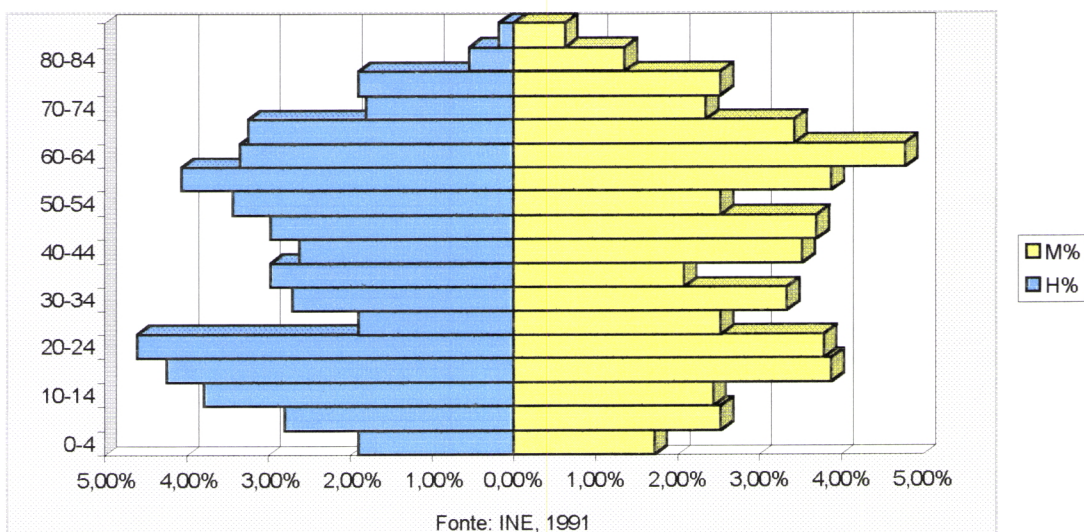
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Pereiro de Palhacana	60	167	22	38	60	78	47	113

QUADRO B.14 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE RIBAFRIA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	40	3,6	21	1,9	19	1,7
5-9	59	5,3	31	2,8	28	2,5
10-14	69	6,2	42	3,8	27	2,4
15-19	90	8,1	47	4,2	43	3,9
20-24	93	8,4	51	4,6	42	3,8
25-29	49	4,4	21	1,9	28	2,5
30-34	67	6,0	30	2,7	37	3,3
35-39	56	5,1	33	3,0	23	2,1
40-44	68	6,1	29	2,6	39	3,5
45-49	74	6,7	33	3,0	41	3,7
50-54	66	6,0	38	3,4	28	2,5
55-59	88	7,9	45	4,1	43	3,9
60-64	90	8,1	37	3,3	53	4,8
65-69	74	6,7	36	3,2	38	3,4
70-74	46	4,2	20	1,8	26	2,3
75-79	49	4,4	21	1,9	28	2,5
80-84	21	1,9	6	0,5	15	1,4
85+	9	0,8	2	0,2	7	0,6
Total	1108	100,0	543	49,0	565	51,0

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Ribafria em 1991



Fonte: INE, 1991

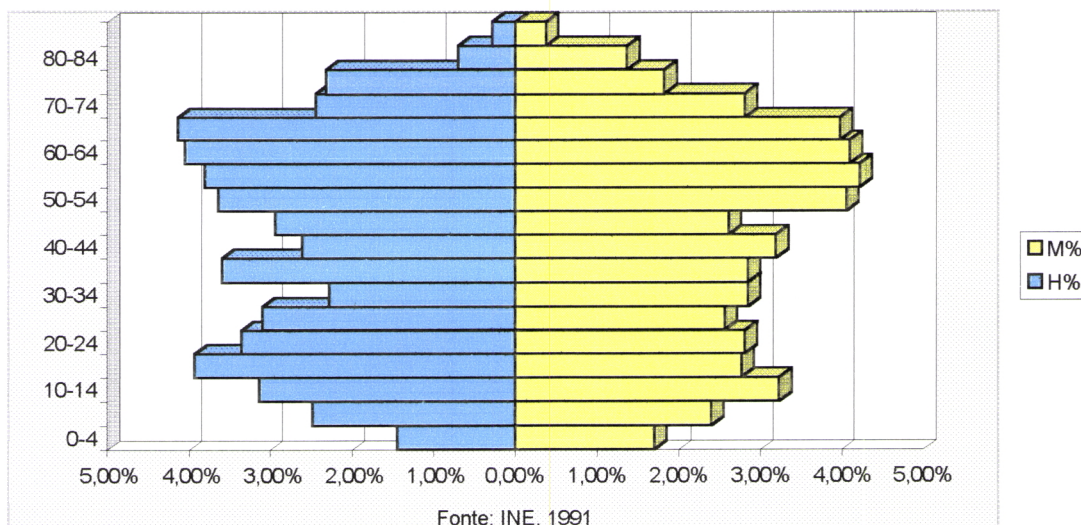
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Ribafria	84	118	23	27	50	92	80	68

QUADRO B.15 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE VENTOSA, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	76	3,1	35	1,4	41	1,7
5-9	118	4,9	60	2,5	58	2,4
10-14	154	6,4	76	3,1	78	3,2
15-19	162	6,7	95	3,9	67	2,8
20-24	149	6,2	81	3,4	68	2,8
25-29	137	5,7	75	3,1	62	2,6
30-34	124	5,1	55	2,3	69	2,9
35-39	156	6,5	87	3,6	69	2,9
40-44	140	5,8	63	2,6	77	3,2
45-49	134	5,5	71	2,9	63	2,6
50-54	186	7,7	88	3,6	98	4,1
55-59	194	8,0	92	3,8	102	4,2
60-64	197	8,2	98	4,1	99	4,1
65-69	196	8,1	100	4,1	96	4,0
70-74	127	5,3	59	2,4	68	2,8
75-79	100	4,1	56	2,3	44	1,8
80-84	50	2,1	17	0,7	33	1,4
85+	16	0,7	7	0,3	9	0,4
Total	2416	100,0	1215	50,3	1201	49,7

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Ventosa em 1991



Fonte: INE, 1991

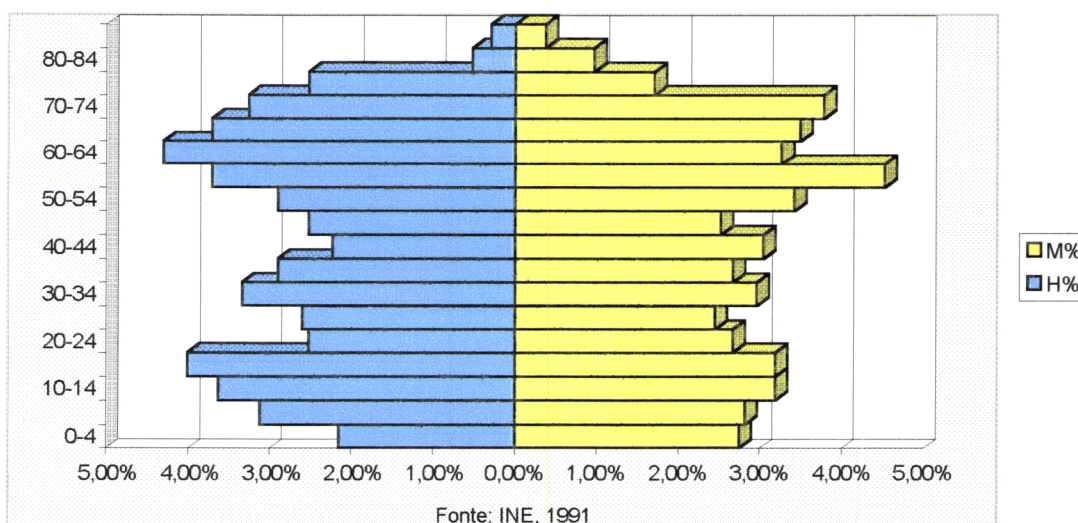
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Ventosa	71	141	22	31	53	86	73	64

QUADRO B.16 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA FREGUESIA DE VILA VERDE DOS FRANCOS, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	66	4,9	29	2,2	37	2,7
5-9	80	5,9	42	3,1	38	2,8
10-14	92	6,8	49	3,6	43	3,2
15-19	97	7,2	54	4,0	43	3,2
20-24	70	5,2	34	2,5	36	2,7
25-29	68	5,0	35	2,6	33	2,4
30-34	85	6,3	45	3,3	40	3,0
35-39	75	5,6	39	2,9	36	2,7
40-44	71	5,3	30	2,2	41	3,0
45-49	68	5,0	34	2,5	34	2,5
50-54	85	6,3	39	2,9	46	3,4
55-59	111	8,2	50	3,7	61	4,5
60-64	102	7,6	58	4,3	44	3,3
65-69	97	7,2	50	3,7	47	3,5
70-74	95	7,0	44	3,3	51	3,8
75-79	57	4,2	34	2,5	23	1,7
80-84	20	1,5	7	0,5	13	1,0
85+	9	0,7	4	0,3	5	0,4
Total	1348	100,0	677	50,2	671	49,8

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades da freguesia de Vila Verde dos Francos em 1991



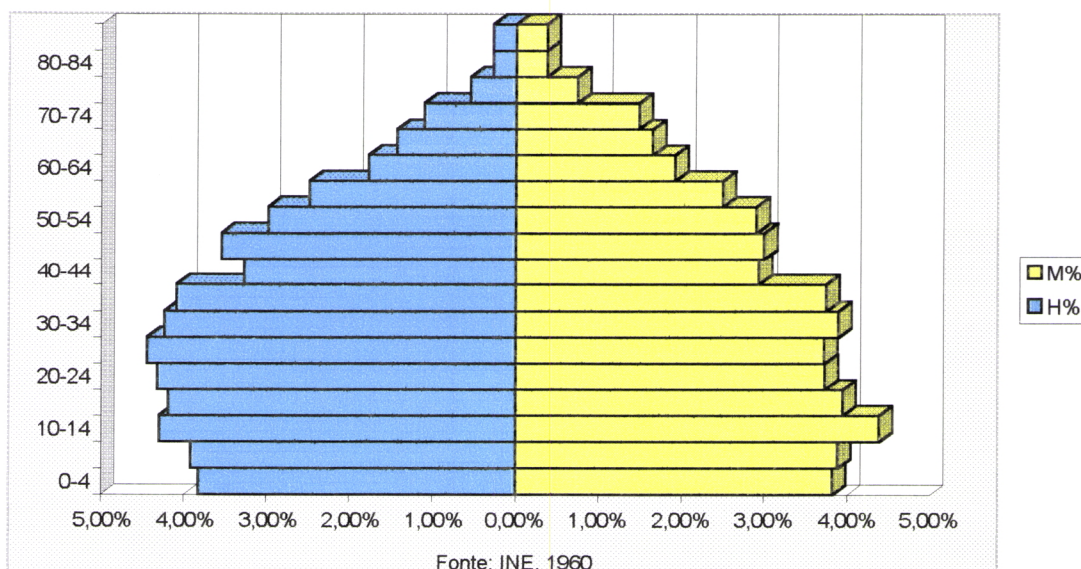
Índices Resumo em 1991	1- Índice de Juventude	2- Índice de Envelhecimento	3- Índice de Dependência dos Jovens	4- Índice de Dependência dos Idosos	5- Índice de Dependência Total	6- Índice de Juventude da População Activa	7- Índice de Renovação da População Activa	8- Índice de Tendência
Vila Verde dos Francos	86	117	29	33	62	90	65	83

QUADRO B.17 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO CONCELHO DE ALENQUER, EM 1960

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	2678	7,7	1339	3,8	1339	3,8
5-9	2732	7,8	1372	3,9	1360	3,9
10-14	3038	8,7	1503	4,3	1535	4,4
15-19	2846	8,1	1465	4,2	1381	3,9
20-24	2816	8,0	1511	4,3	1305	3,7
25-29	2858	8,2	1554	4,4	1304	3,7
30-34	2845	8,1	1481	4,2	1364	3,9
35-39	2742	7,8	1430	4,1	1312	3,7
40-44	2170	6,2	1146	3,3	1024	2,9
45-49	2290	6,5	1240	3,5	1050	3,0
50-54	2059	5,9	1044	3,0	1015	2,9
55-59	1743	5,0	869	2,5	874	2,5
60-64	1293	3,7	621	1,8	672	1,9
65-69	1079	3,1	501	1,4	578	1,7
70-74 (*)	905	2,6	384	1,1	521	1,5
75-79 (*)	452	1,3	191	0,5	261	0,7
80-84 (*)	226	0,6	96	0,3	130	0,4
85+ (*)	226	0,6	96	0,3	130	0,4
Total	34998	100,0	17843	51,0	17155	49,0

Fonte: INE (1960); (*)tratamento próprio com base em Nazareth (1996:89)

Pirâmide de idades do concelho de Alenquer em 1960



Fonte: INE, 1960

Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, em 1960

Índices-resumo	1960
1-Percentagem de Jovens	24,1
2-Percentagem de Potencialmente Activos	67,6
3-Percentagem de Idosos	8,3
4-Índice de Juventude	293
5-Índice de Envelhecimento	34
6-Índice de Dependência dos Jovens	36
7-Índice de Dependência dos Idosos	12
8-Índice de Dependência Total	48
9-Índice de Juventude da População Activa	148
10-Índice de Renovação da População Activa	187
11-Índice de Longevidade	31
12-Índice de Maternidade	30,6
13-Índice de Tendência	98
14-Índice de Potencialidade	117

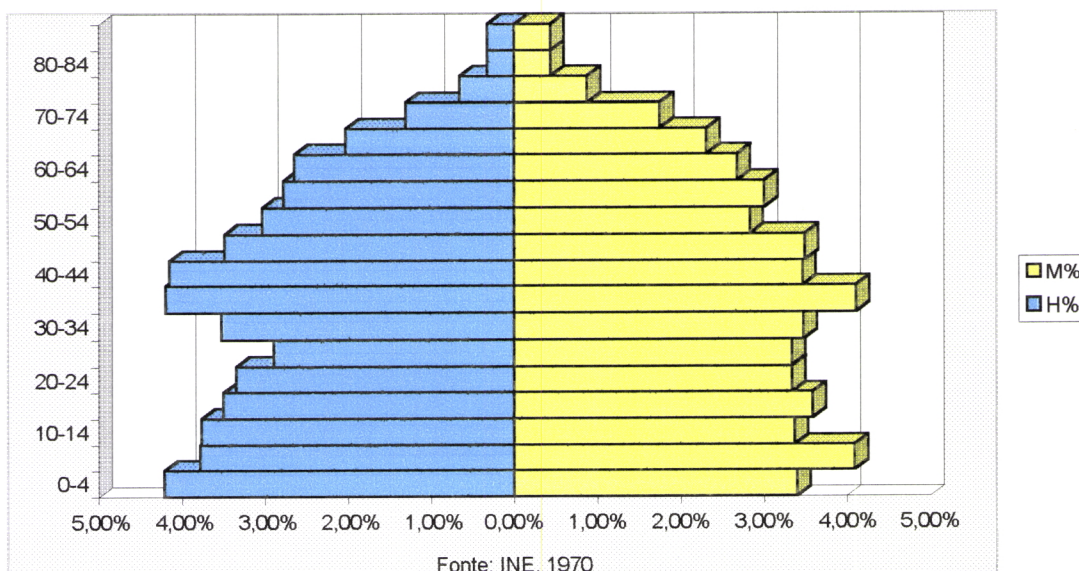
Fonte: INE (1960), tratamento próprio com base em Nazareth (1996)

QUADRO B.18 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO CONCELHO DE ALENQUER, EM 1970

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	2475	7,6	1370	4,2	1105	3,4
5-9	2560	7,9	1230	3,8	1330	4,1
10-14	2320	7,1	1225	3,8	1095	3,4
15-19	2305	7,1	1140	3,5	1165	3,6
20-24	2175	6,7	1090	3,4	1085	3,3
25-29	2025	6,2	940	2,9	1085	3,3
30-34	2275	7,0	1145	3,5	1130	3,5
35-39	2700	8,3	1365	4,2	1335	4,1
40-44	2475	7,6	1350	4,2	1125	3,5
45-49	2270	7,0	1135	3,5	1135	3,5
50-54	1905	5,9	985	3,0	920	2,8
55-59	1880	5,8	905	2,8	975	3,0
60-64	1730	5,3	860	2,6	870	2,7
65-69	1410	4,3	660	2,0	750	2,3
70-74 (*)	993	3,1	425	1,3	568	1,7
75-79 (*)	496	1,5	213	0,7	283	0,9
80-84 (*)	248	0,8	106	0,3	142	0,4
85+ (*)	248	0,8	106	0,3	142	0,4
Total	32490	100,0	16250	50,0	16240	50,0

Fonte: INE (1970); (*)tratamento próprio com base em Nazareth (1996:89)

Pirâmide de idades do concelho de Alenquer em 1970



Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, em 1970

Índices-resumo	1970
1-Percentagem de Jovens	22,6
2-Percentagem de Potencialmente Activos	66,9
3-Percentagem de Idosos	10,4
4-Índice de Juventude	217
5-Índice de Envelhecimento	46
6-Índice de Dependência dos Jovens	34
7-Índice de Dependência dos Idosos	16
8-Índice de Dependência Total	49
9-Índice de Juventude da População Activa	112
10-Índice de Renovação da População Activa	116
11-Índice de Longevidade	30
12-Índice de Maternidade	30,7
13-Índice de Tendência	97
14-Índice de Potencialidade	92

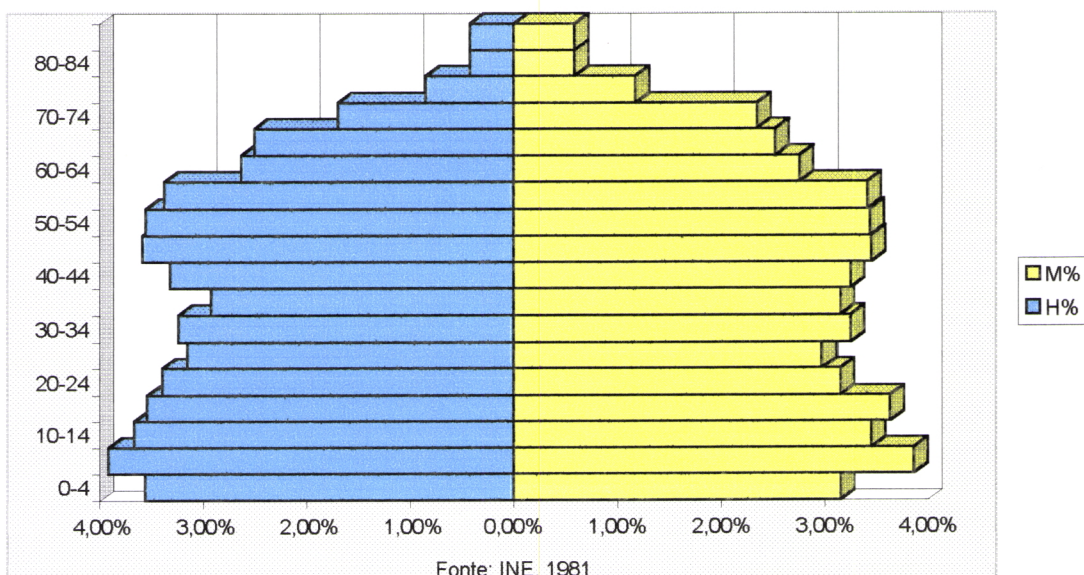
Fonte: INE (1970), tratamento próprio com base em Nazareth (1996)

QUADRO B.19 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO CONCELHO DE ALENQUER, EM 1981

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	2323	6,7	1232	3,6	1091	3,2
5-9	2690	7,8	1354	3,9	1336	3,9
10-14	2464	7,1	1269	3,7	1195	3,5
15-19	2483	7,2	1226	3,5	1257	3,6
20-24	2267	6,6	1175	3,4	1092	3,2
25-29	2118	6,1	1090	3,2	1028	3,0
30-34	2245	6,5	1120	3,2	1125	3,3
35-39	2101	6,1	1009	2,9	1092	3,2
40-44	2273	6,6	1148	3,3	1125	3,3
45-49	2436	7,0	1241	3,6	1195	3,5
50-54	2422	7,0	1231	3,6	1191	3,4
55-59	2348	6,8	1167	3,4	1181	3,4
60-64	1866	5,4	911	2,6	955	2,8
65-69	1741	5,0	867	2,5	874	2,5
70-74 (*)	1399	4,0	587	1,7	812	2,3
75-79 (*)	699	2,0	293	0,8	406	1,2
80-84 (*)	350	1,0	147	0,4	203	0,6
85+ (*)	350	1,0	147	0,4	203	0,6
Total	34575	100,0	17214	49,8	17361	50,2

Fonte: INE (1981); (*)tratamento próprio com base em Nazareth (1996:89)

Pirâmide de idades do concelho de Alenquer em 1981



Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, em 1981

Índices-resumo	1981
1-Percentagem de Jovens	21,6
2-Percentagem de Potencialmente Activos	65,2
3-Percentagem de Idosos	13,1
4-Índice de Juventude	165
5-Índice de Envelhecimento	61
6-Índice de Dependência dos Jovens	33
7-Índice de Dependência dos Idosos	20
8-Índice de Dependência Total	53
9-Índice de Juventude da População Activa	99
10-Índice de Renovação da População Activa	104
11-Índice de Longevidade	31
12-Índice de Maternidade	29,4
13-Índice de Tendência	86
14-Índice de Potencialidade	95

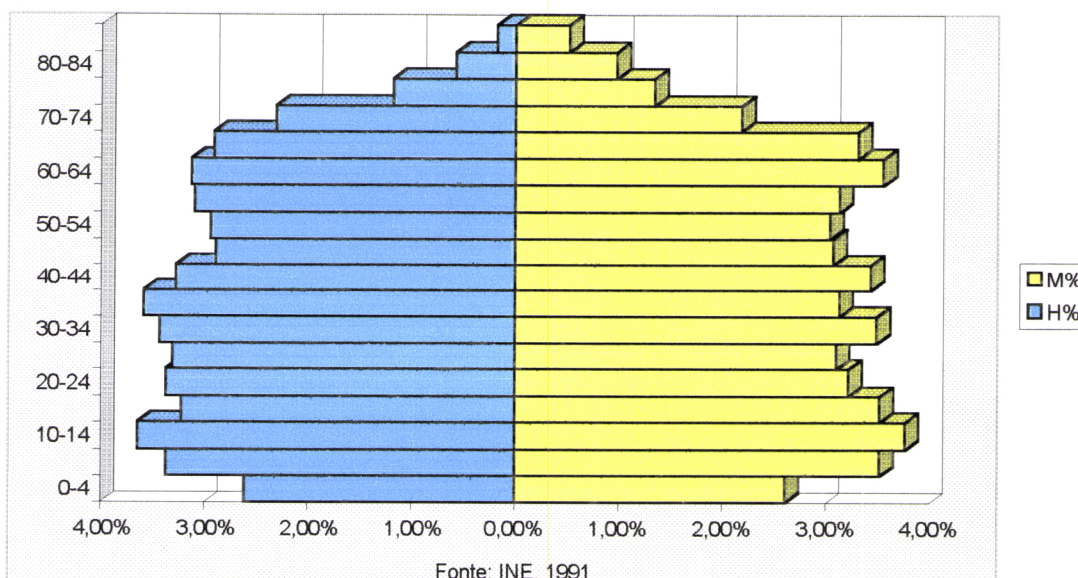
Fonte: INE (1981), tratamento próprio com base em Nazareth (1996)

QUADRO B.20- ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DO CONCELHO DE ALENQUER, EM 1991

Idades	Total HM	%	Homens	%	Mulheres	%
0-4	1665	4,9	850	2,5	815	2,4
5-9	2018	5,9	1017	3,0	1001	2,9
10-14	2383	7,0	1256	3,7	1127	3,3
15-19	2591	7,6	1306	3,8	1285	3,8
20-24	2307	6,8	1203	3,5	1104	3,2
25-29	2268	6,7	1122	3,3	1146	3,4
30-34	2287	6,7	1113	3,3	1174	3,4
35-39	2133	6,3	1087	3,2	1046	3,1
40-44	2243	6,6	1099	3,2	1144	3,4
45-49	2048	6,0	974	2,9	1074	3,1
50-54	2169	6,4	1095	3,2	1074	3,1
55-59	2270	6,7	1126	3,3	1144	3,4
60-64	2260	6,6	1082	3,2	1178	3,5
65-69	2034	6,0	976	2,9	1058	3,1
70-74	1469	4,3	700	2,1	769	2,3
75-79	1053	3,1	483	1,4	570	1,7
80-84	605	1,8	226	0,7	379	1,1
85+	295	0,9	84	0,2	211	0,6
Total	34098	100,0	16799	49,3	17299	50,7

Fonte: INE (1991)

Pirâmide de idades do concelho de Alenquer em 1991



Índices-resumo da população residente do concelho de Alenquer, em 1991

Índices-resumo	1991
1-Percentagem de Jovens	17,8
2-Percentagem de Potencialmente Activos	66,2
3-Percentagem de Idosos	16,0
4-Índice de Juventude	111
5-Índice de Envelhecimento	90
6-Índice de Dependência dos Jovens	27
7-Índice de Dependência dos Idosos	24
8-Índice de Dependência Total	51
9-Índice de Juventude da População Activa	105
10-Índice de Renovação da População Activa	101
11-Índice de Longevidade	36
12-Índice de Maternidade	20,9
13-Índice de Tendência	83
14-Índice de Potencialidade	105

Fonte: INE (1991), tratamento próprio com base em Nazareth (1996)

ANEXO - C

MATRIZES DE DADOS PARA O TRATAMENTO DOS INDICADORES COM MÉTODOS DE ANÁLISE MULTIVARIADA

Legenda dos Quadros:

INDICADORES			
I-1	Taxa de desemprego geral	I-15	% domésticas
I-2	% Analfabetos sobre a população c/ 10 anos ou +	I-16	% técnicos e funcionários médios
I-3	% População sem estudos c/ 10 anos ou +	I-17	% trabalhadores administrativos
I-4	% População c/ ensino superior	I-18	% profissionais e técnicos superiores
I-5	% População com menos de 15 anos	I-19	% população c/ banho
I-6	% População com mais de 65 anos	I-20	% população c/ água canalizada
I-7	% População ocupada na indústria	I-21	% população c/ electricidade
I-8	% População ocupada nos serviços	I-22	% população que vive em barracas ou similares
I-9	% População ocupada na construção civil	I-23	Taxa de utilização do parque em resid. habitual
I-10	% Habitações com mais de 5 divisões	I-24	Famílias/alojamentos
I-11	% Edifícios com 1 alojamento	I-25	% de trabalhadores rurais
I-12	% Reformados	I-26	% de alojamentos para uso sazonal
I-13	% População ocupada na agricultura	I-27	% alojamentos com o ocupante ausente
I-14	% mulheres ocupadas sobre a pop.fem.pot.activa		

FREGUESIAS
F1-ABRIGADA
F2-ALDGALMERC
F3-ALDGAVINHA
F4-ALENQSEST
F5-ALENQTRIAN
F6-CABTORRES
F7-CADAF AIS
F8-CARNOTA
F9-CARREGADO
F10-MECA
F11-OLHALVO
F12-OTA
F13-PERPALHAC
F14-RIBAFRIA
F15-VENTOSA
F16-VVFRANCOS

C1. MATRIZ DE DADOS BRUTOS COM 27 INDICADORES (I1 a I27) PARA AS 16 FREGUESIAS (F1 a F16)

	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20	I21	I22	I23	I24	I25	I26	I27
F1	3.00	12.50	14.30	2.00	19.54	15.50	55.00	28.00	8.90	23.60	55.55	6.10	17.00	42.47	13.00	3.80	7.50	.80	93.00	97.50	98.20	.23	63.00	63	11.00	15.00	4.00
F2	6.10	19.40	21.50	2.00	16.22	20.29	36.00	43.00	10.70	24.00	63.60	8.70	21.00	37.83	15.30	4.60	10.10	0.00	81.10	85.80	93.00	.78	76.00	77	20.70	13.00	2.00
F3	5.70	16.70	18.30	1.70	15.52	17.18	35.00	44.00	11.20	32.30	71.83	4.50	21.00	28.93	14.60	3.10	12.20	1.00	70.40	87.30	95.80	.56	78.00	79	19.50	12.00	1.00
F4	4.20	11.10	12.10	5.20	14.94	17.11	41.00	55.00	5.30	25.00	49.10	5.90	4.00	42.31	9.60	10.20	21.50	.90	89.10	93.60	97.70	.15	75.00	76	2.80	8.00	5.00
F5	3.60	11.50	12.80	4.30	17.74	14.05	43.00	47.00	3.10	22.90	46.94	3.80	9.00	47.30	9.10	10.80	14.50	1.70	94.60	91.70	99.00	.41	78.00	79	3.50	7.00	2.00
F6	1.20	13.50	15.30	1.00	17.89	16.31	47.00	28.00	17.40	16.50	69.20	6.70	25.00	26.14	20.40	1.00	4.90	0.00	88.00	94.90	93.80	0.00	73.00	73	19.40	15.00	3.00
F7	2.90	13.40	15.10	3.10	16.88	15.47	48.00	35.00	5.70	18.50	59.21	3.20	17.00	51.99	10.80	5.00	9.20	2.10	92.30	95.60	98.90	.30	84.00	84	10.60	7.00	3.00
F8	4.30	22.00	24.10	.70	15.22	17.32	38.00	32.00	6.20	24.20	74.19	3.70	30.00	33.15	17.70	2.30	3.90	0.00	92.90	77.60	98.00	.42	84.00	86	20.90	10.00	2.00
F9	4.60	7.50	8.80	5.00	22.83	9.85	43.00	51.00	3.90	12.20	23.02	2.90	6.00	48.47	9.40	8.00	15.90	1.40	96.30	97.90	97.50	.28	67.00	67	1.90	10.00	3.00
F10	2.30	18.10	20.36	.80	18.24	16.02	54.00	32.00	13.20	13.80	75.47	5.80	14.00	37.56	16.00	3.60	7.10	0.00	80.10	88.90	96.20	.13	82.00	84	12.10	11.00	1.00
F11	4.00	13.20	14.80	2.00	18.47	18.62	38.00	45.00	9.90	23.50	66.97	7.20	17.00	30.96	17.90	5.00	17.80	.50	88.80	94.00	97.10	1.90	75.00	78	10.90	16.00	2.00
F12	3.90	9.80	11.30	3.50	20.82	10.67	34.00	55.00	10.20	21.70	74.07	7.80	11.00	41.18	11.60	4.60	8.30	0.00	87.80	95.90	98.60	.70	85.00	98	5.60	3.00	5.00
F13	2.90	29.20	31.70	.50	14.01	23.45	33.00	28.00	5.90	30.00	70.49	15.70	39.00	24.47	17.10	5.90	11.80	0.00	65.00	42.10	95.00	0.00	77.00	78	17.60	7.00	6.00
F14	2.80	22.30	24.50	.50	15.16	17.96	39.00	35.00	9.40	13.40	59.55	4.50	26.00	32.89	16.40	0.00	5.30	0.00	80.80	77.20	93.90	0.00	78.00	78	20.50	9.00	0.00
F15	2.90	18.50	20.20	1.60	14.40	20.24	40.00	31.00	18.00	29.00	64.77	4.70	29.00	26.87	20.00	5.80	6.40	0.00	92.00	93.40	98.50	.56	71.00	73	18.00	12.00	8.00
F16	.70	24.60	27.60	.20	17.66	20.62	30.00	26.00	17.20	20.50	71.38	9.50	44.00	25.60	22.60	1.10	5.20	.60	79.50	48.40	94.50	.43	74.00	76	32.20	9.00	8.00
Fontes	(2)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(2)	(2)	(1)	(2)	(1)	(1)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(1)	(1)	(1)	(2)	(1)	(1)

Fontes: (1) INE, 1991; (2) PDM, 1992 (Inquérito directo à população em 1991)

C.2. MATRIZ DE CORRELAÇÕES ENTRE OS 27 INDICADORES

	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10	I11	I12	I13	I14	I15	I16	I17	I18	I19	I20	I21	I22	I23	I24	I25	I26	I27
I1	1.00	-26	-28	43	-02	-17	-22	66	-48	37	-24	-20	-45	30	-50	37	48	13	00	33	12	37	09	10	-33	02	-40
I2	-26	1.00	100	-81	-67	83	-44	-66	27	28	56	58	88	-69	67	-48	-46	-51	-70	-87	-55	-20	20	07	79	-03	19
I3	-28	100	1.00	-83	-65	82	-43	-68	29	25	57	58	89	-69	68	-50	-48	-51	-69	-88	-56	-20	20	07	80	-03	19
I4	43	-81	-83	1.00	42	-66	16	82	-59	-08	-74	-40	-85	77	-86	83	73	63	55	59	58	08	-12	-04	-87	-32	-01
I5	-02	-67	-65	42	1.00	-79	30	34	-11	-56	-42	-24	-50	49	-36	11	11	28	46	43	26	17	-26	-08	-47	01	-09
I6	-17	83	82	-66	-79	1.00	-38	-56	35	50	49	60	75	-71	67	-27	-16	-42	-60	-68	-51	05	-03	-15	70	26	29
I7	-22	100	100	16	30	-38	1.00	-20	-08	-44	-25	-44	-47	48	-30	08	-08	25	45	58	30	-30	-25	-32	-41	33	-32
I8	66	-44	-43	82	34	-56	-20	1.00	1.00	01	-45	-27	-78	52	-71	62	73	31	26	49	33	34	15	28	-71	-34	-21
I9	-48	27	29	-59	-11	35	-08	-49	1.00	02	56	16	50	-67	79	-60	-56	-54	-21	-10	-42	07	-14	-07	64	41	34
I10	37	28	25	-08	-56	50	-44	01	02	1.00	34	35	27	-38	12	21	20	-08	-36	-23	14	27	-00	03	17	04	35
I11	-24	56	57	-74	-42	49	-25	45	56	34	1.00	41	57	-64	65	-61	-54	-61	-52	-37	-29	15	52	54	61	05	07
I12	-20	58	58	-40	-24	60	-44	-27	16	35	41	1.00	53	-53	38	-10	-00	-47	-68	-72	-47	-00	-02	06	34	-10	44
I13	-45	88	89	-85	-50	75	-47	-78	50	27	57	53	1.00	-78	84	-62	-61	-45	-53	-81	-50	-11	02	-04	90	10	40
I14	30	-69	-69	77	49	-71	48	52	-67	-38	-64	-53	78	1.00	-89	55	36	70	60	58	57	-08	06	05	-76	-34	-28
I15	-50	67	68	-86	-36	67	-30	-71	79	12	65	38	84	-89	1.00	-70	-59	-65	-37	-51	-55	11	-06	-07	86	43	29
I16	37	-48	-50	83	11	-27	08	62	-60	21	-61	-10	-62	55	-70	1.00	79	52	34	29	56	08	-12	-10	-77	-30	15
I17	48	-46	-48	73	11	-16	-08	73	-56	20	-54	-00	-61	36	-59	79	1.00	46	08	24	26	33	-17	-16	-66	-06	-06
I18	13	-51	-51	63	28	-42	25	31	-54	-08	-61	-47	-45	70	-65	52	46	1.00	38	30	50	-01	-09	-19	-48	-19	-10
I19	00	-70	-69	55	46	-60	45	26	-21	-36	-52	-68	-53	60	-37	34	08	38	1.00	89	64	15	-21	-15	-51	07	-01
I20	33	-87	-88	59	43	-68	58	49	-10	-23	-37	-72	-81	58	-51	29	24	30	69	1.00	48	22	-12	-06	-64	25	-36
I21	12	-55	-56	58	26	-51	30	33	-42	14	-29	-47	-50	57	-55	56	26	50	64	48	1.00	16	08	17	-66	-31	16
I22	37	-20	-20	08	17	05	-30	34	07	27	15	-00	-11	-08	11	08	33	-01	15	22	16	1.00	04	17	-06	32	-06
I23	09	20	20	-12	-26	-03	-25	15	-14	-00	52	-02	02	06	-06	-12	-17	09	-21	-12	08	04	1.00	94	05	-57	-28
I24	10	07	07	-04	-08	-15	-32	28	-07	03	54	06	-04	05	-07	-10	-16	-19	-15	-06	17	17	94	1.00	-04	-62	-13
I25	-33	79	80	-87	-47	70	-41	-71	64	17	61	34	90	-76	86	-77	-66	-48	-51	-64	-66	-06	05	-04	1.00	27	17
I26	02	-03	-03	-32	01	26	33	-34	41	04	05	-10	10	-34	43	-30	-06	-19	07	25	-31	32	-57	-62	27	1.00	-22
I27	-40	19	19	-01	-09	29	-32	-21	34	35	07	44	40	-28	29	15	-06	-10	-01	-36	16	-06	-28	-13	17	-22	1.00

C.3. MATRIZ DE DADOS BRUTOS COM 18 INDICADORES SELECIONADOS PARA AS 16 FREGUESIAS

	12	13	14	16	18	19	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	125
F1-ABRIGADA	12.50	14.30	2.00	15.50	28.00	8.90	55.55	6.10	17.00	42.47	13.00	3.80	7.50	.80	93.00	97.50	98.20	11.00
F2-ALDGMERC	19.40	21.50	2.00	20.29	43.00	10.70	63.60	8.70	21.00	37.83	15.30	4.60	10.10	0.00	81.10	85.80	93.00	20.70
F3-ALDGAVINHA	16.70	18.30	1.70	17.18	44.00	11.20	71.83	4.50	21.00	28.93	14.60	3.10	12.20	1.00	70.40	87.30	96.80	19.50
F4-ALENQSEST	11.10	12.10	5.20	17.11	55.00	5.30	49.10	5.90	4.00	42.31	9.60	10.20	21.50	.90	89.10	93.60	97.70	2.80
F5-ALENQIRIAN	11.50	12.80	4.30	14.05	47.00	3.10	46.94	3.80	9.00	47.30	9.10	10.80	14.50	1.70	94.60	91.70	99.00	3.50
F6-CABTORRES	13.50	15.30	1.00	16.31	28.00	17.40	69.20	6.70	25.00	26.14	20.40	1.00	4.90	0.00	88.00	94.90	93.80	19.40
F7-CADAFAIS	13.40	15.10	3.10	15.47	35.00	5.70	59.21	3.20	17.00	51.99	10.80	5.00	9.20	2.10	92.30	95.60	98.90	10.60
F8-CARNOTA	22.00	24.10	.70	17.32	32.00	6.20	74.19	3.70	30.00	33.15	17.70	2.30	3.90	0.00	92.90	77.60	98.00	20.90
F9-CARREGADO	7.50	8.80	5.00	9.85	51.00	3.90	23.02	2.90	6.00	48.47	9.40	8.00	15.90	1.40	96.30	97.90	97.50	1.90
F10-MECA	18.10	20.36	.80	16.02	32.00	13.20	75.47	5.80	14.00	37.56	16.00	3.60	7.10	0.00	80.10	88.90	96.20	12.10
F11-OLHALVO	13.20	14.80	2.00	18.62	45.00	9.90	66.97	7.20	17.00	30.96	17.90	5.00	17.80	.50	88.80	94.00	97.10	10.90
F12-OTA	9.80	11.30	3.50	10.67	55.00	10.20	74.07	7.80	11.00	41.18	11.60	4.60	8.30	0.00	87.80	96.90	98.60	5.60
F13-PERPALHAC	29.20	31.70	.50	23.45	28.00	5.90	70.49	15.70	39.00	24.47	17.10	5.90	11.80	0.00	65.00	42.10	95.00	17.60
F14-RIBAFRIA	22.30	24.50	.50	17.96	35.00	9.40	59.55	4.50	26.00	32.89	16.40	0.00	5.30	0.00	80.80	77.20	93.90	20.50
F15-VENTOSA	18.50	20.20	1.60	20.24	31.00	18.00	64.77	4.70	29.00	26.87	20.00	5.80	6.40	0.00	92.00	93.40	98.50	18.00
F16-VVFRANCOS	24.60	27.60	.20	20.62	26.00	17.20	71.38	9.50	44.00	25.60	22.60	1.10	5.20	.60	79.50	48.40	94.50	32.20

C.4. MATRIZ DE CORRELAÇÕES ENTRE OS 18 INDICADORES SELECIONADOS

	12	13	14	16	18	19	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	125
12	1.00	1.00	-81	83	-66	27	56	58	88	-69	67	-48	-46	-51	-70	-87	-55	79
13	1.00	1.00	-83	82	-68	29	57	58	89	-69	68	-50	-48	-51	-69	-88	-56	80
14	-81	-83	1.00	-66	82	-59	-74	-40	-85	77	-86	83	73	63	55	59	58	-87
16	83	82	-66	1.00	-56	35	49	60	75	-71	67	-27	-16	-42	-60	-68	-51	70
18	-66	-68	82	-56	1.00	-49	-45	-27	-78	52	-71	62	73	31	26	49	33	-71
19	27	29	-59	35	-49	1.00	56	16	50	-67	79	-60	-56	-54	-21	-10	-42	64
111	56	57	-74	49	-45	56	1.00	41	57	-64	65	-61	-54	-61	-52	-37	-29	61
112	58	58	-40	60	-27	16	41	1.00	53	-53	38	-10	-00	-47	-68	-72	-47	34
113	88	89	-85	75	-78	50	57	53	1.00	-78	84	-62	-61	-45	-53	-81	-50	90
114	-69	-69	77	-71	52	-67	-64	-53	-78	1.00	-89	55	36	70	60	58	57	-76
115	67	68	-86	67	-71	79	65	38	84	-89	1.00	-70	-59	-65	-37	-51	-55	86
116	-48	-50	83	-27	62	-60	-61	-10	-62	55	-70	1.00	79	52	34	29	56	-77
117	-46	-48	73	-16	73	-56	-54	-00	-61	36	-59	79	1.00	46	08	24	26	-66
118	-51	-51	63	-42	31	-54	-61	-47	-45	70	-65	52	46	1.00	38	30	50	-48
119	-70	-69	55	-60	26	-21	-52	-68	-53	60	-37	34	08	38	1.00	69	64	-51
120	-87	-88	59	-68	49	-10	-37	-72	-81	58	-51	29	24	30	69	1.00	48	-64
121	-55	-56	58	-51	33	-42	-29	-47	-50	57	-55	56	26	50	64	48	1.00	-66
125	79	80	-87	70	-71	64	61	34	90	-76	86	-77	-66	-48	-51	-64	-66	1.00

